UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL- CCBa
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLB)

MAYARA APARECIDA BATISTA DE SOUZA

“ÓRFÃOS DE FILHOS”: Uma análise sobre a representação do suicídio em *Crocodilo*, de Javier A. Contreras.

BACABAL-MA
2025

MAYARA APARECIDA BATISTA DE SOUZA

“ÓRFÃOS DE FILHOS”: Uma análise sobre a representação do suicídio em *Crocodilo*, de Javier A. Contreras

Texto de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro de Ciências de Bacabal – CCBa, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber.

Orientador (a): Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

BACABAL - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Batista de Souza, Mayara Aparecida. ÓRFÃOS DE FILHOS: Uma análise sobre a representação do suicídio em Crocodilo, de Javier A. Contreras / Mayara Aparecida Batista de Souza. - 2025.

99 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Wheriston Silva Neris. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2025.

1. Crocodilo. 2. Literatura. 3. Luto. 4. Representação. 5. Suicídio. I. Silva Neris, Wheriston. II. Título.

MAYARA APARECIDA BATISTA DE SOUZA

"ÓRFÃOS DE FILHOS": Uma análise sobre a representação do suicídio em *Crocodilo*, de Javier A. Contreras

Texto de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA - Centro de Ciências de Bacabal – CCBa, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Wheriston Silva Neris.

Aprovada em 12 de Setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris
(PPGLB/UFMA) - Orientador

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira
(PPGLB/UFMA)

Prof.ª Dr.ª Regilane Barbosa Maceno
(UEMASUL)

Dedico este trabalho ao meu pai, minha inspiração e consciência, que em vida conduziu e incentivou minha educação, seu grande sonho era formar os filhos.
Francisco Soares de Souza sempre permanecerá vivo em mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste sonho, o mestrado em Literatura. A paixão pela literatura sempre foi o fio condutor da minha jornada acadêmica, unindo minhas duas licenciaturas em Ciências Humanas-Sociologia e Letras-Português de maneira significativa.

A conclusão do mestrado em Literatura não é apenas um marco acadêmico, mas também a realização de um sonho que se tornou realidade graças à perseverança e ao apoio de muitas pessoas.

Sou a primeira mulher da minha família a alcançar este nível de ensino superior, o que torna essa conquista ainda mais significativa. Cresci em um ambiente onde a educação era valorizada, mas não necessariamente acessível. Ver minha mãe e avós lutando para criar uma família e superar desafios me inspirou a buscar mais.

A realização do mestrado é um testemunho de que com esforço e dedicação, é possível superar obstáculos e alcançar objetivos. Durante o curso, enfrentei muitos desafios, incluindo a gravidez e a conciliação entre estudos responsabilidades familiares e trabalho. No entanto, com a ajuda da minha rede de apoio, incluindo meu companheiro, mãe, sogra e cunhada, consegui enfrentar e vencer.

Essa conquista não é apenas minha, mas também da minha família, que sempre acreditou em mim e me apoiou. É um testemunho de que, com determinação e apoio, é possível superar desafios e alcançar objetivos.

Mas, acima de tudo, quero agradecer primeiramente a Deus, pela minha vida e pelas oportunidades que tem me dado. Essa gratidão não está ligada a uma religião específica, mas sim à crença de que há algo maior que nós, guiando nossos caminhos. Sou grata pelas pessoas que entraram na minha vida, pelas lições aprendidas e pelas oportunidades que surgiram.

Agradeço pela vinda do meu filho, Tomás Batista de Sousa, que foi a maior motivação para que eu continuasse nessa jornada. Vê-lo crescer e se desenvolver me inspira a ser uma pessoa melhor e a lutar por meus objetivos. Acredito que a educação é transformadora e pode levar a qualquer lugar, e quero transmitir o gosto pela literatura desde cedo, para que possa descobrir o mundo das palavras e das histórias, e encontrar nele uma fonte de inspiração e conhecimento.

Agradeço também ao meu companheiro, Jean Lohan, pelo apoio incondicional e amor. À minha mãe, Islândia Batista, minha sogra, Maria Clice e cunhada, Michelle Sousa sou grata pelo suporte e ajuda constante.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão e ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PGLB/CCBA) por proporcionarem um ambiente acadêmico estimulante e apoio necessário para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Ao corpo docente do programa, sou grata pela dedicação e ensinamentos. Em especial, agradeço ao Professor Dr. Rubenil Oliveira por sua disponibilidade e empatia, sempre disposto a ajudar. À Professora Dra. Lucélia Almeida, sou grata por ser uma inspiração e modelo de dedicação à academia.

Por fim, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão ao meu orientador, Professor Dr. Wheriston Silva Neris, por cada orientação e paciência. Sua condução da orientação foi fundamental para o sucesso deste trabalho. Obrigada por acreditar em mim e no meu potencial.

A todos, meu mais sincero agradecimento.

“O suicídio não é apenas um fim trágico, mas também um caminho lento e sombrio que revela as fragilidades e os abismos da condição humana”

George Minois

“O suicídio é a vontade de recuperar a liberdade; aquilo que é insuportável não é a vida, mas a vida que nos impuseram"

Albert Camus

RESUMO

O suicídio é um fenômeno social, cuja experiência remete a épocas remotas, com significados igualmente variáveis no curso dos tempos. No que lhe concerne atualmente caracterizá-lo como atividade social reprovável quer seja no sentido moral, religioso ou cultural. Desse modo, a temática explorada encontrou-se dispersa por uma multiplicidade de textos literários e produções artísticas ao longo da história. Ante a aparição e recorrência de manifestações desse cunho na literatura, selecionou-se o romance contemporâneo *Crocodilo,* escrito pelo brasileiro Javier Arancibia Contreras (2019) em busca de analisar os impactos que delinearam o intrigante ato de por fim a própria vida, tomando notas sobre o luto dos pais diante da perda do filho. Para tanto, discutiu-se sobre o modo como a morte voluntária é representada na literatura, os aspectos sociais apresentados no enredo da ficção, e a importância simbólica do suicídio na literatura contemporânea em analogia à repercussão da obra. O objeto de estudo e temática geral abordados nesta pesquisa é a obra *Crocodilo,* de Javier Arancibia Contreras (2019). Diante disso, guiou-se pela seguinte questão norteadora: Quais os esquemas de interpretação do mundo social implícitos e explícitos foram colocados em ação pelo escritor ao explorar o suicídio e seus efeitos? Como objetivo geral, buscou-se analisar a representação literária do suicídio em *Crocodilo* (2019), observando de que modo a ficção articulou aspectos sociais, culturais e simbólicos desse fenômeno. Os objetivos específicos consistem em: (i) examinar como essas representações puderam afetar a percepção pública e individual sobre o suicídio; (ii) explorar diferentes perspectivas disciplinares acerca da morte voluntária; (iii) investigar os impactos desse ato sobre a humanidade, a subjetividade e a linguagem no contexto da obra; e (iv) refletir sobre o processo de constituição de nossas próprias perspectivas acerca do suicídio na literatura. A pesquisa em questão, do ponto de vista metodológico realizou uma revisão da obra escolhida a fim de explorar e descrever as características do fenômeno estudado. Desse modo, classificou-se como pesquisa bibliográfica, em que a forma de abordagem é qualitativa. Do pontode vista de seus objetivos, configurou-se como pesquisa descritiva. Para tanto, utilizaram-se o seguinte referencial teórico: Antonio Candido (2006, 2017), Antoine Compagnon (2014), Umberto Eco (2016), Terry Eagleton (2019), George Minois (2018), Durkheim (2002, 2008, 2011), Philippe Ariès (2012) entre outros autores. Concluiu-se que a literatura, ao representar socialmente o suicídio, permitiu acessar diferentes narrativas e perspectivas, ampliando a compreensão do tema e possibilitando discussões mais sensíveis e profundas sobre um fenômeno que atravessa a vida individual e coletiva.

Palavras-chave: *Crocodilo*. Literatura. Luto. Representação. Suicídio.

ABSTRACT

Suicide is a social phenomenon whose experience dates back to remote times, with equally variable meanings throughout history. In contemporary contexts, it has been characterized as a socially reprehensible act, whether from moral, religious, or cultural perspectives. Thus, the theme has appeared dispersed across a multiplicity of literary texts and artistic productions throughout history. Given the recurrence of such manifestations in literature, the contemporary novel Crocodilo, written by the Brazilian author Javier Arancibia Contreras (2019), was selected in order to analyze the impacts that delineated the intriguing act of ending one's own life, with particular attention to the mourning of parents facing the loss of a child. To this end, the study discussed how voluntary death has been represented in literature, the social aspects portrayed in the fictional narrative, and the symbolic importance of suicide in contemporary literature in analogy to the reception of the work. The object of study and general theme addressed in this research was Crocodilo, by Javier Arancibia Contreras (2019). Accordingly, the research was guided by the following central question: What implicit and explicit schemes of interpretation of the social world were mobilized by the author when exploring an experience as dramatic as suicide and its effects? The general objective was to analyze the literary representation of suicide in Crocodilo (2019), observing how fiction articulated the social, cultural, and symbolic aspects of this phenomenon. The specific objectives were: (i) to examine how these representations could influence public and individual perceptions of suicide; (ii) to explore different disciplinary perspectives on voluntary death; (iii) to investigate the impacts of this act on humanity, subjectivity, and language within the context of the novel; and (iv) to reflect on the process of constituting our own perspectives on suicide in literature. Methodologically, the research carried out a review of the selected work in order to explore and describe the characteristics of the phenomenon under study. Thus, it was classified as bibliographic research, with a qualitative approach. From the perspective of its objectives, it was characterized as descriptive research. The theoretical framework included Antonio Candido (2017), Antoine Compagnon (2014), Umberto Eco (2016), Terry Eagleton (2019), Georges Minois (2018) Durkheim (2002, 2008, 2011), Philippe Ariès (2012), among other authors. It was concluded that literature, by socially representing suicide, allowed access to different narratives and perspectives, broadening the understanding of the theme and enabling more sensitive and profound discussions about a phenomenon that permeates both individual and collective life.

Keywords: *Crocodile.* Grief. Literature. Representation. Suicide.

.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

1. ENTRE O SILÊNCIO E A DOR: REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NA LITERATURA…….....……16

1.1 O suicídio através dos tempos: um tema recorrente na arte.....17

1.2 O eco do silêncio: representações visuais e literatura interartes.....18

1.3 A ficção como espaço seguro.....20

2. DO CRIME À COMPAIXÃO: O SUICÍDIO NA TRADIÇÃO OCIDENTAL E SUA REPRESENTAÇÃO EM *CROCODILO*…….…….....……25

2.1 Uma dor com história: o suicídio entre o pecado, o crime e o tabu.....26

2.1.1 Olhares sociológicos sobre o suicídio.....30

2.1.2 O suicídio na Literatura: elementos de um debate recente…….....…….……37

2.2 A palavra que não se pronuncia: etimologia e o silencio em *Crocodilo*…….....…...41

2.3 Estigmas, Estéticas e Estado: Da criminalização à medicalização do sofrimento....43

2.4 Um problema filosófico sério: reflexões de Albert Camus e o absurdo em Javier Contreras……..…….....45

2.4.1 Luto silenciado e a função social da literatura diante do suicídio…….……48

3. A MORTE COMO NARRATIVA: O SUÍCIDIO NA HISTÓRIA LITERÁRIA E SUA RELEITURA EM *CROCODILO*.…….....53

3.1 Percursos históricos, censuras simbólicas e a persistência do suicídio como denúncia na ficção…….....…..……54

3.2 Do cordel ao martírio: perspectivas populares e religiosas…….....58

3.3 Do julgamento moral à experiencia do luto: ressonâncias contemporâneas em Crocodilo……..……61

4. O SUICÍDIO EM CROCODILO: O LUTO COMO NÚCLEO NARRATIVO….....71

4.1 Análise do luto: do Dia Zero ao Dia Oito.....72

4.2 A metáfora do crocodilo: dor silenciosa e impossibilidade do luto compartilhado..77

4.2.1 A simbologia do réptil: compreender a natureza do crocodilo e do suicídio.....…..79

4.2.2 A simbologia da sequoia……81

4.3 Da crítica social às consequências para os familiares e a função ética da literatura84

4.4 "Órfão de filho": uma categoria sem nome e o abismo do indizível.....88

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91

REFERÊNCIAS.....95

INTRODUÇÃO

Como um espelho que reflete a alma humana, a literatura nos permite mergulhar nas profundezas da existência e explorar as complexidades da condição humana. A obra *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras, é um exemplo disso, ao narrar a história de Ruy, um jornalista que enfrenta a dor dilacerante da perda do seu único filho, Pedro, e se vê forçado a lidar com o processo de luto e os rearranjos que a perda traz consigo. Considerada uma das mais importantes obras da literatura brasileira contemporânea (Silva; Valentim, 2021), *Crocodilo* foi premiada com o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de literatura na categoria "romance" em 2019, justamente por sua abordagem direta e sem rodeios do tema do suicídio. Tendo isso em vista, o presente trabalho visa fazer uma análise da representação do suicídio na literatura contemporânea brasileira por meio da análise da obra *Crocodilo* (2019), de Javier Arancibia Contreras, buscando explorar como essa representação dialoga com a realidade social e contribui para o debate sobre saúde mental.

Dividido em 08 (oito) partes, o livro narra os processos de luto e os rearranjos vividos por Ruy, um jornalista consagrado de setenta e três anos, que tenta lidar com a dor dilacerante da perda do seu único filho, *Pedro*. O problema está apresentado desde as primeiras linhas, desde o *Dia Zero*, nas palavras do próprio personagem: "*Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento*" (Contreras, 2019, p.9). Após a cremação, Ruy decide então empreender uma investigação sobre as razões do suicídio, mobilizando toda sua experiência enquanto jornalista policial para compreender as motivações do filho.

Partindo da premissa de que a literatura constitui uma ferramenta potente de crítica e reflexão social, a pesquisa buscou compreender como a narrativa representa o luto, a dor e a desesperança, articulando fatores sociais, psicológicos e culturais. Para tanto, adotou-se uma abordagem interdisciplinar que une literatura, sociologia e filosofia, analisando os elementos simbólicos e estruturais do romance.

O suicídio, definido como o ato intencional de tirar a própria vida, é um fenômeno que atravessa séculos e culturas, sendo amplamente estudado por diversas áreas do conhecimento. Sua complexidade envolve dimensões psicológicas, sociais, históricas, culturais, filosóficas e éticas. Na contemporaneidade, o suicídio passou a ser compreendido como um problema de saúde pública, exigindo respostas interdisciplinares e políticas de prevenção. No entanto, o tema ainda carrega estigmas e tabus que impedem o diálogo e dificultam a elaboração de estratégias

eficazes de enfrentamento. A literatura, nesse contexto, pode servir como espaço de elaboração simbólica e crítica sobre a dor, o sofrimento e o luto, oferecendo um campo fértil para reflexão.

Esta pesquisa se inseriu no campo dos estudos interdisciplinares, articulando literatura e sociologia. A análise partiu do entendimento de que a literatura não apenas representa a realidade, mas também participa ativamente da construção de sentidos sociais. A perspectiva teórica adotada dialoga com autores como Antonio Candido (2006, 2017), que compreende a literatura como manifestação universal e expressão das contradições sociais; Terry Eagleton (2019), que destaca seu papel na reprodução e questionamento das estruturas ideológicas; e Umberto Eco (2016), que ressalta a multiplicidade interpretativa da obra artística e seu vínculo com a experiência do leitor. No campo da sociologia, Émile Durkheim (2002, 2008, 2011) contribuiu com a concepção do suicídio como fato social, influenciado por condições externas ao indivíduo. Complementaram essa abordagem os estudos de Philippe Ariès (2012) e Georges Minois (2018), que oferecem uma leitura histórica e antropológica sobre as formas pelas quais diferentes culturas e épocas significaram a morte voluntária.

A escolha da obra *Crocodilo* como objeto central desta pesquisa se justificou por sua abordagem densa e sensível do suicídio e do luto. Embora outras referências literárias e artísticas sejam utilizadas como apoio teórico e contextual, o romance de Javier Contreras é o único analisado de forma aprofundada. A narrativa deslocou o foco do ato suicida em si para os efeitos psíquicos e sociais que ele provoca nos que ficam. Ao representar o sofrimento dos sobreviventes, a ausência de escuta e os silêncios que envolvem a dor, *Crocodilo* evidencia a complexidade do luto e da incompreensão social diante do sofrimento alheio. Trata-se, portanto, de uma obra que permitiu refletir criticamente sobre a condição humana e os limites da linguagem frente à experiência da perda.

Diante disso, o presente trabalho se propôs a investigar: de que forma a obra *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras, representou o suicídio e o luto, e como essa representação mobilizou interpretações do mundo social, dialogando com a realidade contemporânea e contribuindo para o debate sobre saúde mental? Para responder a essa questão, definiu-se como objetivo geral analisar a representação literária do suicídio em *Crocodilo*, articulando-a com aspectos sociais, históricos, culturais e psicológicos. Os objetivos específicos consistiram em: (i) compreender o contexto histórico-social do suicídio na literatura; (ii) investigar como a narrativa abordou o luto e o sofrimento dos sobreviventes; (iii) dialogar com teorias sociológicas, literárias e filosóficas sobre o tema; e (iv) refletir sobre o papel da literatura na construção de discursos sobre saúde mental.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi de caráter qualitativo, com enfoque interdisciplinar, utilizando análise de conteúdo literário e aproximação teórica com a sociologia, psicologia, filosofia e história. A análise da obra foi realizada por meio de leitura crítica e interpretação dos elementos narrativos, simbólicos e discursivos, com base nos aportes de autores como Antônio Candido (2006, 2017), Terry Eagleton (2019), Umberto Eco (2016), Émile Durkheim (2008, 2011), entre outros.

O romance *Crocodilo* (2019), de Javier Arancibia Contreras, constituiu o núcleo central desta pesquisa, sendo a única obra examinada em profundidade. As demais referências surgiram como pontes: ajudaram a situar o tema, oferecer fundamentos teóricos e ampliar o olhar crítico sobre o suicídio e suas representações.

Ainda que a análise se concentre nesse único romance, a discussão não se limitou a ele. Para compreender um fenômeno tão complexo e cercado de silêncios como o suicídio, foi necessário recorrer a outros campos do saber como a história, filosofia, sociologia, psicologia e artes, costurando um diálogo que ampliou a compreensão e enriquece as interpretações. Ao longo do trabalho, essas vozes se encontraram para mostrar como o suicídio foi moldado por estigmas, interditos e mudanças culturais, transitando de crime e pecado a questão de saúde pública.

Essa escolha interdisciplinar não foi apenas metodológica, mas também ética. Falar sobre suicídio exige sensibilidade para reconhecer que ele se inscreve tanto nas histórias pessoais quanto na trama social. É nesse cruzamento entre o íntimo e o coletivo que este estudo se posicionou: ouvindo as narrativas literárias, mas também as reverberações que elas provocaram em diferentes áreas do conhecimento.

A dissertação esteve organizada em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro, traçou-se um panorama das representações do suicídio nas artes e na literatura, compreendendo-o como ocultamento social, drama humano e questão de saúde pública. O segundo revisitou as construções históricas, filosóficas e jurídicas que moldaram a forma como pensamos e julgamos o suicídio no Ocidente, acompanhando as mudanças de sentido ao longo do tempo. O terceiro percorreu obras e autores que abordaram a morte voluntária da Antiguidade à modernidade, revelando como tradições e interdições simbólicas foram reinterpretadas. Por fim, o quarto capítulo mergulhou em *Crocodilo*, examinando como a perda de um filho e o luto paterno se tornaram o eixo de uma narrativa que combinou silêncio, dor e resistência, dialogando com teorias e pesquisas que iluminaram tanto a experiência individual quanto suas implicações sociais.

Mais do que interpretar um romance, esta pesquisa buscou compreender como a literatura pôde abrir espaços de escuta para dores que, muitas vezes, permanecem ocultas. Ao trazer o suicídio para o campo da análise crítica, pretendeu-se não apenas refletir sobre um tema sensível, mas também reafirmar o papel da arte como lugar legítimo para a conversa difícil, aquela que a vida, por vezes, evitou e evita, mas que a literatura insiste em nos convidar a ter.

1. ENTRE O SILÊNCIO E A DOR: REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NA LITERATURA

O suicídio, compreendido como um ato de pôr fim à própria vida intencionalmente, está presente na sociedade a contar dos primeiros registros da civilização humana. Trata-se de uma conduta que envolve fatores psicológicos, sociais, culturais, filosóficos e éticos e, por essas razões, configura um dos mais complexos e delicados temas da sociedade contemporânea.

Sua natureza multifacetada desafia a compreensão humana em vários níveis. A maneira como os membros da sociedade e as autoridades governamentais lidam varia de acordo com aspectos do contexto histórico. Atualmente, há um crescente esforço para tratar o suicídio como um grave problema de saúde pública e incentivar a promoção de iniciativas que visam à criação e implementação de estratégias para enfrentar e prevenir o fenômeno.

Sua complexidade se deve a algumas razões que lhe atribuem estigmas negativos associados a transtornos mentais, como a depressão, ansiedade, transtorno de personalidade, entre outros. Conforme esclarecem Aaron Beck e David Clark (2016), reconhecidos por suas contribuições na psiquiatria moderna ao explorar as questões pertinentes ao entendimento da depressão e do suicídio, a falta de recursos adequados para abordar a temática está intrínseca a dificuldade em diagnosticar e tratar adequadamente essas condições mentais que envolvem o emocional humano. Criando barreiras para que as pessoas em sofrimento busquem ajuda, além de dificultar o diálogo aberto e honesto sobre o tema. No sentido atribuído pelos psiquiatras, os indivíduos por não terem controle da percepção de suas emoções se tornam mais propícios ao isolamento, suscetíveis a crises que impedem intervenções preventivas eficazes.

Essa falha no diálogo e intervenção torna o suicídio um símbolo de repressão social, visto em algumas tradições como um fracasso social, moral ou religioso, por ferir a ordem social, a lei natural ou religiosamente, por ser compreendido como um pecado. Esse modo de interpretação é variável, o que dificulta criar uma abordagem universal. No entanto, as consequências sociais e familiares são notórias independente do contexto específico. Fica claro que o impacto do suicídio afeta profundamente famílias, amigos e comunidades. O trauma e o luto provocados por esse ato deixam marcas duradouras, muitas vezes gerando sentimentos de culpa e impotência nos sobreviventes. A dor emocional e os efeitos colaterais sociais contribuem para a delicadeza do tema.

É através desse nicho de exploração do fenômeno que o escritor brasileiro Javier Arancibia Contreras analisa o suicídio em sua obra *Crocodilo*, um romance publicado em 2019 pela editora Companhia das Letras. O destaque especial está em apresentar não apenas o ato em

si, mas também os contextos e as motivações que levam os personagens à beira desse desespero, bem como, aborda o luto dos familiares de maneira profunda e sensível. Ao utilizar uma narrativa íntima, permitindo que o leitor mergulhe na psique dos personagens, explorando suas angústias, solidões e a percepção de desesperança. O autor pode retratar o suicídio não como um ato isolado, mas como resultado de uma série de fatores que incluem traumas, crises existenciais e a falta de apoio emocional.

A narrativa da obra *Crocodilo* pode servir como um convite à reflexão e ao diálogo sobre um tema muitas vezes evitado, evidenciando a importância de abordagens compreensivas e solidárias em relação à saúde mental. Ao compreender que o suicídio é enraizado em fatores históricos, sociais, culturais e psicológicos, o que explica o tabu em torno do tema, bem como sua complexidade e delicadeza.

O diálogo aberto que a literatura nos permite promover enriquece nosso entendimento coletivo sobre a condição humana e potencialmente ajudar a prevenir tragédias na vida real ao criar maior consciência e compreensão sobre o problema em questão. Além disso, tal estudo pode oferecer um espaço para aqueles que sentiram dor e perda devido ao suicídio, permitindo uma reflexão sobre isso e, muitas vezes, um caminho para a cura e libertação de traumas relacionados ao fenômeno.

Podemos notar que ao longo dos séculos, o suicídio tem sido objeto de reflexões profundas nas esferas científica e literária, sendo retratado em diversas obras artísticas como uma resposta extrema ao sofrimento humano. Na literatura, o suicídio emerge não apenas como um evento trágico, mas como uma forma de explorar os dilemas existenciais, as tensões sociais e os limites da condição humana.

1.1 O Suicídio através dos tempos: um tema recorrente na arte

A tradição do suicídio na literatura tem sido identificada como um fenômeno especificamente humano, este fator representativo remonta desde os tempos antigos até os dias atuais. Com frequência, está presente em contos, poesias, romances e obras de ficção de todos os gêneros. O tema é explorado de forma ampla e livre de censura. Em alguns casos, como no romance cortês[1], cujos personagens românticos tiram a própria vida por razões consideradas nobres, pela finalidade empregada ao amor romântico, como é o caso da obra *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, um clássico de uma narrativa que representa a ideia romântica de que

[1] Expressão que remete originalmente a europa medieval, cujo compreensão volta-se ao comportamento da nobreza. Usado para caracterizar o cortejo entre jovens cavaleiros e damas, consiste em dizer amor puro e nobre (Barros, 2011)

o amor pode triunfar sobre as adversidades, mesmo que de forma trágica. A peça provoca uma forte reação emocional no público, que tende a ver a morte como um sacrifício em nome do amor. Convidando à reflexão sobre os efeitos destrutivos do ódio e da intolerância durante a guerra civil.

Já o celebre romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, ao contrário de Romeu e Julieta, aborda o suicídio como uma consequência do tédio e do desespero da protagonista, neste contexto o ato é desaprovado e incompreendido, portanto, não é de natureza nobre. Usado para criticar a sociedade burguesa e seus valores, provoca no leitor uma reflexão sobre a fragilidade da vida, as limitações da sociedade e a busca incansável por um ideal que nunca se concretiza. Essa ambiguidade de reflexões sobre o suicídio na literatura está relacionada tanto ao contexto literário como as diferentes abordagens sociais que refletem as preocupações das épocas em que cada obra foi escrita e a visão distinta sobre o amor, a sociedade e a vida.

Os leitores recepcionam as obras apresentadas pelos ficcionistas e fazem verdadeiras discussões contrapondo argumentos favoráveis e contrários ao ato, os quais variam da admiração à hostilidade. É importante ressaltar que a representação da morte voluntária na literatura e nas artes de modo geral não deve ser interpretada como uma forma de glorificação do ato em si, mas sim como uma maneira de explorar livremente questões humanas profundas e complexas, sem interferências ou censura. Este meio de abordagem do fenômeno, através das expressões artísticas e da literatura podem ajudar a aumentar a compreensão o problema em questão e fornecer meios didáticos que buscam conscientizar sobre a saúde mental e empatia, pois incentivam a discussão e prevenção do suicídio na sociedade.

A poesia também oferece exemplos interessantes de exposição do tema, como o simbolismo presente em *Ismália*, de Alphosus de Guimaraenns, que representa o ato como uma atitude reprovável, sem impor uma única interpretação, no entanto, estamos diante de uma justificativa amplamente utilizada em meados do seculo XVII e que remontam a idade média: a loucura, condição que não é aceita pelo público, quem efetivamente consome a obra, interpretando e reagindo a ela.

1.2 O eco do silêncio: representações visuais e literatura interartes

Além disso, o fenômeno do suicídio também tem sido aludido em outras expressões da literatura não verbal[2], incluindo pinturas e esculturas ao longo da história. Essa representação

[2] Baseadas em concitos gerais da teoria da comunicação e da semiótica, a literatura não verbal se refere às formas de comunicação e expressão que não utilizam a linguagem escrita ou falada, como na arte visual, pinturas,

visual ilustra a complexidade psicológica e emocional subjacente ao suicídio, refletindo teorias como da desesperança, formulada por Beck (1972), que sugere que o suicídio resulta de sentimentos de *Desesperança e perda de controle*[3]. Ou ainda a teoria da *Dor psicológica*[4] (Shneidman, 1993), propõe que o suicídio é uma tentativa de escapar da dor emocional insuportável.

Assim, na literatura interartes[5], obras como o quadro *O Suicídio de Dorothy Hale*[6] de Frida Kahlo (1939), que retrata a modelo e socialite americana Dorothy Hale, que se suicidou em 1938; ou o *Suicídio de Lucrécia*[7] de Jorg the Elder Breu, *o Velho*, ilustra a lenda romana de Lucrécia, que se suicidou após sofrer violência sexual; bem como a obra *Tristeza*[8] de Vincent Van Gogh (1882), o pintor pós-impressionista que sofreu com depressão e se suicidou aos 37 anos, sua obra pode ser interpretada como uma representação da dor emocional e da luta contra a depressão. Essas obras de arte utilizam elementos visuais para comunicar significados profundos e retratam a angústia mental e emocional que podem conduzir o suicídio. Como podemos constatar. O simbolismo presente nas cores, como o preto e o vermelho, representam dor, morte e sangue; a iconografia das imagens que mostram os meios utilizados para a ação fatal; e a composição, arranjo de figuras e objetos, criam a tensão emocional. Estes fatores fazem parte de uma análise semiótica que apresenta o impacto cultural causado pelas obras que corroboram para desestigmatizar o tema, incentivando discussões abertas, sensibilizando o público sobre a importância da saúde mental.

esculturas, entre outras. Essas formas de expressão podem ser consideradas como uma forma de literatura, pois também transmitem significado e emoções (Umberto Eco, 1984)

[3] A teoria da Desesperança, proposta por Aaron Beck(1972), sugere que o suicídio resulta de sentimentos de desesperança e perda de controle. Segundo o psiquiatra Beck(1972), a desesperança é um estado psicológico caracterizado pela falta de expectativa de que as coisas possam melhorar ou mudar a realidade para melhor. Em outras palavras, esse sentimento é impulsionando quando uma pessoa se sente desesperançada, pode começar a acreditar que não há solução para os seus problemas e que a morte é a única saída. A perda de controle é outro fator importante nessa teoria, pois quando as pessoas se sentem incapazes de controlar sua vida ou de mudar sua situação, elas podem se sentir cada vez mais desesperadas e sem alternaiva aparente.

[4] Segundo o psicologo Edwin Shneidman, a dor psicológica é uma experiência subjetiva que pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo a perda, o trauma, a rejeição e a solidão. Quando a dor se torna insuportável, as pessoas podem começar a considerar o suicídio como uma forma de escapar da dor e encontrar alívio.

[5] Literatura interartes se refere à intersecção entre a literatura e outras artes, explorando a relação entre a palavra escrita e outras formas de expressão artística (Renato Ortiz, 1988).

[6] A obra retrata a morte de Dorothy Hale, uma socialite americana que se suicidou em 1938. A pintura mostra Hale caindo de um prédio, com seu corpo representado de forma surrealista e simbólica.

[7] A obra ilustra a lenda romana de Lucrécia, uma mulher que se suicidou após ser estuprada pelo rei Tarquínio. A pintura mostra Lucrécia apunhalando-se no peito, enquanto seu marido e outros personagens observam a cena. A obra é uma representação da virtude e da honra femininas na mitologia romana.

[8] A obra Tristeza ou Sorrow, nome original, retrata uma mulher sentada, com a cabeça apoiada nas mãos, transmitindo uma sensação de melancolia e tristeza. A mulher está nua simples e está sentada em um ambiente sombrio.

As obras citadas evidenciam a relevância da temática e expandem nossa compreensão sobre o tema, revelando um dualismo de ideias que inspira reflexões profundas sobre a condição humana. A literatura, com sua capacidade singular de transportar-nos para diferentes perspectivas e ideias, versa de forma livre e profunda sobre temas complexos e delicados, muitas vezes inexploráveis na realidade. Assim, podemos constatar que, por meio dessa abordagem, temas intricados podem ser explorados de maneira abrangente, provocando reflexos nos leitores e ampliando seus horizontes.

1.3 A ficção como espaço seguro

Percebemos assim a potencialidade da literatura e das artes de forma geral em oferecer maneiras de engajar, emocionar e educar os indivíduos sobre esse fenômeno tão presente em nossa sociedade, sem que sejam expostos diretamente indivíduos reais que possam ter vivenciado o problema. A obra produz uma narrativa que permite o leitor formar opiniões. É o autor que conduz os leitores esbanjarem emoções sem impor uma única interpretação.

Nesse sentido, não podemos subestimar a literatura e sua potencialidade. Para Antônio Candido (2017), a literatura é manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Ela assegura o equilíbrio psíquico social, pois estamos constantemente em contato com alguma espécie de fabulação; ela está vinculada a algo da realidade, pois sempre aponta algum valor sobre a sociedade e representa simbolicamente os estigmas da sociedade.

O sociólogo e crítico literário, Antonio Candido (2017), em sua obra *Literatura e sociedade*, ressalta a contribuição da literatura para com o estudo da sociedade, evidenciando o vínculo entre a obra e o ambiente, sem esquecer a análise estética do relato literário. Segundo Candido (2017), é através da literatura que temos o mecanismo de conhecimento do indivíduo e do mundo, ao apontar as dimensões sociais da criação literária. Nas obras, os escritores vinculam conteúdos com valores, opiniões e ideias condicionadas à sociedade. O autor, embora busque dissociar-se de perspetivas sociais e ideológicas, é um produto de seu tempo; ainda que sua obra transcenda o seu tempo, ela faz parte de uma dinâmica social que permite ser analisada racionalmente. O escritor é um sujeito integrante de uma sociedade, portanto, constrói sua escrita ficcional em um âmbito social, que o influencia e pode ser influenciado pelo meio em que vive. E nesse sentido, a temática explorada pela obra repousa sobre o contexto social da época. Nas palavras de Candido (2006, p. 40): “Mesmo quando pensamos ser nós mesmos,

somos públicos, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio".

Assim, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Ela assegura o equilíbrio psíquico social, pois estamos constantemente em contato com alguma espécie de fabulação; ela está vinculada a algo da realidade, pois sempre aponta algum valor sobre a sociedade e representa simbolicamente os estigmas da sociedade. Sendo assim, Candido (2017, p. 178-179) argumenta que podemos distinguir nela três faces:

> (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconstante.

Assim, o meio social pode exercer influência sobre a criação da obra já que o escritor é um sujeito histórico e suas visões de mundo não são elaboradas de um indivíduo isolado. Elas são compartilhadas e também referidas a grupos sociais mais amplos e, nesse sentido, são coletivas. Para ele, tanto a obra exerce influência no meio social quando ela adquire essa influência em sua criação e difusão. Assim o verdadeiro sujeito da criação literária é o sujeito coletivo, pois este expressa as necessidades e a consciência empírica de um grupo ou classe social, captando as estruturas significativas do processo histórico. Essa coletividade, portanto, fala através do autor e traz para um debate os assuntos de interesse de uma sociedade específica.

Nesse sentido, podemos notar que a obra vínculo em seu enredo o contexto social que envolve a trama, por essas razões é possível identificar questões sociais pertinentes nos estudos literários. A literatura, no entanto, não se restringe a tratar da realidade e de fatos da sociedade tal como eles são, pois trata-se de uma ficção que versa sobre essa dialética do que é convencional, de modo que transpõe, substitui ou altera a temática livremente, mas representa diversas conjunturas que as permeiam, evidenciando o vínculo entre o texto e o contexto.

Candido em *Vários escritos*, outra obra de sua autoria, aponta essa modalidade como: "estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos" (Candido, 2006, p. 15). As obras literárias como um produto humano ordinário, inserido na dinâmica das sociedades, acabaram por cumprir a função de refletir sobre a natureza e as modalidades de produção do conhecimento social e cultural. Ao abordar temas e questões particulares e universais, os autores e estilos diversos debatem sobre as especificidades do mundo social e buscam compreender as

relações existentes entre elas.

A escolha de determinados temas pelos artistas não ocorre de forma aleatória, mas responde a tensões históricas, sociais e culturais do tempo em que vivem. Assim, ao trazer para a literatura assuntos que atravessam a experiência coletiva, a obra amplia a possibilidade de reflexão crítica dos leitores. Para Candido (2006), a obra literária constitui-se como um sistema simbólico de comunicação entre indivíduos e reflete realidades profundas que, embora filtradas pela sensibilidade do artista, têm origem na coletividade.

A obra de arte, neste sentido, só está completa quando repercute e atua. Contudo, é preciso lembrar que para que a obra ecoe é necessário estabelecer uma relação entre o público, a obra e o artista para que seja inserida no mundo e perpetuem gerações. O enfoque que está sendo proposto é em analisar obras e autores significativos como processos históricos, que envolvem conflitos, disputas, e que são baseados em valores universais. O fato de algumas obras serem consideradas relevantes e duradouras diz respeito aos elementos que, ao longo do tempo, foram selecionados e valorizados por determinados grupos sociais e que fundamentaram sua importância. Assim, como os costumes, os padrões de gosto são diferentes em sociedades e em épocas distintas. Eles precisam ser reconhecidos e valorizados pelo público que recepciona a obra.

Um autor importante nessa arguição é Antoine Compagnon (2014). Para ele, a literatura pode ser tratada como uma forma de expressão que põe ideias ao mundo. Na obra se gera inúmeras interpretações por razão da imaginação dos receptores. No entanto, o senso comum está presente nas narrativas literárias, apesar de não gerar opinião conceitual em cima da arte, mas se faz presente, pois o escritor como sujeito de seu tempo está inserido em uma sociedade que se cerca de ideais fundamentadas, herdadas em seu tempo. Antes da reflexão que o texto causa, o escritor está envolvido nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Nessa concepção, as obras de arte são tidas como expressão da sociedade tal qual o artista vê o mundo, que como qualquer outro indivíduo não está isento do comparecimento herdado pelas suas experiências e vivências em um determinado grupo social, mas que durante a construção literária se aprofunda no assunto e rompe com esses paradigmas.

Terry Eagleton (2019), em sua obra *O que é literatura?* busca traçar um conceito do que seria a literatura e logo entra em confronto para distinguir o real e a ficção. No entanto, o fato quando contato e recontando ele ganha uma caraterística fictícia, já que o fato parte de uma perspectiva. Compreendemos nesse sentido que na literatura são narrados acontecimentos que se aproximam da veracidade, mas parte de uma interpretação. Eagleton (2019) nos auxilia nessa diferenciação apontando que, ao pensar a arte, estamos vendo-a como um reflexo imediato do

mundo objetivo; a arte como reflexo não das aparências, mas da realidade por trás delas, das formas constitutivas do mundo; e a arte como reflexo do mundo tal como visto pela mente do artista. Não se trata de uma simples fantasia do imaginário irreal, mas uma propensão a criar ideias, ponderações e objetivos a partir das percepções de uma sociedade.

No sentido empregado por Terry Eagleton (2019), o texto literário causa um estranhamento e reflexão ao leitor, é um discurso não pragmático que se desvia de uma função. Todavia, como ressalta o filosofo e crítico literário, respondendo a indagação do título de sua obra, nem todos os desvios linguísticos são poéticos. Portanto, o literário é determinado pelo campo do valor o que é considerado valioso por certas pessoas em situações e sociedades específicas.

Outro autor que merece destaque é Umberto Eco (2016), em *Obra aberta*, sugere que a literatura não é por inteira uma ficção, não se trata de uma fuga da realidade. Do contrário, ela espelha a vida e a sociedade. O desdobramento de um romance é a afirmação do real, já que os fatos que ocorrem no romance se tornam reais sobre os quais uma inteira comunidade de leitores concorda. Para ele, uma das funções da narrativa é ajudar-nos a entender qual é o fundamento da vida e os aspectos sociais e culturais que envolvem a vida.

Em complemento, Umberto Eco (2016) explora a possibilidade de interação e sociabilidade de uma obra de arte com o meio social. Para o escritor, toda obra de arte é aberta, pois é sujeita a diversas interpretações. Os leitores podem criar a margem de várias interpretações, refletir por diversos caminhos e tirar vários tipos de análises de um pequeno texto, ou de uma pintura. Isso porque a arte como um todo é aberta a um leque de oportunidades, visto que a visão do espectador varia de acordo com o meio cultural na qual este indivíduo está inserido, sua experiência e o lastro cultural atuam diretamente sobre a perspectiva do leitor. Pelo conceito de obra aberta, nos tornamos coautores das obras de arte, não ficamos somente espectadores dos significados e sentidos oriundos delas. Pois, por vezes, a obra vai além do que até mesmo o seu autor pretendia. Ganha outras proporções a temática empregada pelo autor.

No entanto, é com base nessas perspectivas que vale ressaltar que a ficção também pode ser um meio apreciador. A forma como o suicídio é retratado na ficção pode ter implicações significativas para a percepção e representação do tema. Visto que em nossa sociedade o suicídio é considerado um assunto tabu por diversos fatores, incluindo fatores históricos, sociais, antropológicos, filosóficos e religiosos, que também serão apresentados nessa pesquisa.

Recorrer à ficção e obras literárias ao abordar o suicídio permite uma distância emocional maior, pois estamos lidando com personagens fictícios. Além disso, podemos ter acesso a uma plataforma mais segura para explorar e discutir um tema tão complexo e obter

uma visão interna da experiência daqueles que lutam contra o suicídio e externa através da representação do afugento do luto entre os membros do convívio do suicida.

Na sociedade atual, o óbito voluntário permanece tipicamente como um fenômeno complexo, de características variadas e de múltiplas determinações, afetando indivíduos de diferentes classes sociais, idades, raças e credos em diferentes contextos (Durkheim, 2008; Minois, 2018). Como observa Minois (2018), a diversidade de suas causas muitas vezes se perde na censura daqueles que conviveram com o suicida, o que contribui para a manutenção do silêncio. Nesse sentido, as artes e, de modo particular, a literatura torna-se um espaço privilegiado para expor e elaborar simbolicamente tais experiências. É a partir dessa perspectiva que esta pesquisa propôs traçar algumas reflexões sobre o suicídio na literatura.

2. DO CRIME À COMPAIXÃO: O SUICÍDIO NA TRADIÇÃO OCIDENTAL E SUA REPRESENTAÇÃO EM *CROCODILO*

Neste capitulo, porém, não foi tanto a obra supramencionada, em si, quanto a exploração de ângulos disciplinares variados sobre o suicídio que se encontra em pauta, o que permite levantar, desde já, uma série de desafios analíticos enfrentados no processo de construção do nosso próprio objeto de pesquisa. A começar pelo fato de que, embora a palavra suicídio tenha surgido no século XVII (Alvarez, 1999), a experiência do autoaniquilamento ou da morte voluntária remete a épocas muito mais remotas, com significados igualmente variáveis no curso dos tempos (André et al, 2020).

Embora o tema em pauta se encontre dispersa por uma multiplicidade de textos literários e produções artísticas ao longo da história (Kovács, 2008), há toda uma série de obstáculos epistemológicos decorrentes da existência de um discurso moral genérico, nascido no seio da religião, que mais rotula o suicídio como crime moral do que efetivamente o discute (Alvarez, 1999; André; Souza, 2020). Curiosamente, não obstante, parece haver certo consenso internacional recente sobre a necessidade de refletir sobre esse grave problema de saúde pública, agravado ao longo da pandemia da Covid-19 (Rocha et al, 2022), o que adquire todo sentido em um contexto histórico crítico como o brasileiro, que ostenta a oitava posição em número de suicídios no mundo (Silva et al, 2018).

Porém, em se tratando do campo de estudos literários, parece correta a afirmação de William André (2018), para o qual "O estudo do suicídio na literatura é, em grande parte, um trabalho ainda por fazer". Assim, em não havendo nenhuma teoria do suicídio na literatura propriamente, os jovens pesquisadores são convidados então a explorar alguns diálogos possíveis com as diversas teorias disponíveis, transitando nas fronteiras entre história, sociologia, filosofia e psicologia, para citar apenas as áreas mais comumente visitadas (André, 2018). Tomando partido então dos nossos próprios percursos nas fronteiras das ciências humanas, a intenção objetiva desse texto consiste em explorar ângulos interdisciplinares de abordagem do suicídio que participam do processo de constituição de nossa própria perspectiva a respeito da morte voluntária em textos literários. O texto que segue tenta levantar algumas pistas e questões de fronteira entre ciências humanas (particularmente a História e a Sociologia) e os estudos literários já existentes, levantando, ao término, algumas questões que participam do próprio desenho de nosso objeto de pesquisa.

2.1 Uma dor com história: o suicídio entre o pecado, o crime e o tabu

Com efeito, quando examinamos a produção historiográfica a respeito do tema da morte e do suicídio vê-se que a preocupação com a questão das transformações na forma de sentir também constitui matéria da ciência histórica. Porém, visto com maior detalhe, enquanto o tema da morte já conte com um número maior de obras, a morte voluntária distribui-se de maneira muito dispersa, seja na literatura internacional, seja no bojo das produções nacionais.

Seja como for, como notou David Lederer (2006), nas últimas três décadas, emergiram gradualmente investigações claramente informadas por perspectivas interdisciplinares, combinando categorias sociológicas clássicas, com estudos religiosos, jurídicos e antropológicos, levantando pistas não apenas sobre os fatores microssociais que influenciam a autodestruição, como também as dimensões morais, as normas e valores culturais, senão, propriamente políticos, implicados. Além disso, não menos importantes têm sido as próprias pressões contemporâneas no âmbito público para ampliação da compreensão dos significados do suicídio no passado, com o que se poderia compreender parte significativas das alterações nas atitudes em relação à vida e a morte (Healy, 2006).

Entre os trabalhos até agora compulsados nessa área, em português, o mais robusto e bem detalhado foi o artigo de Douglas Henrique de Souza (2022), intitulado, *História do Suicídio: um balanço historiográfico.* Por meio desse trabalho, pode-se realizar um breve mapeamento do debate sobre as questões, notadamente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando passa a haver maior interesse por esse objeto de estudo. Além disso, o trabalho já dialoga com balanços historiográficos como o realizado por Rósín Healy (2006), *Historiographical reviews: suicide in early modern and modern europeu*, estabelecendo conexões com a produção nacional.

Posição de destaque nessa reconstituição deve ser atribuída aos movimentos historiográficos da terceira geração da Escola dos Annales e particularmente dentro da chamada Nova História Cultural francesas, marcadas por forte aproximação com a Antropologia e a Linguística. Sem que tenhamos condições de reconstituir a pluralidade de novas searas de pesquisa abertas por meio desse diálogo, o que interessa destacar desse, conjunto, em primeiro lugar, é o livro *História da Morte Ocidente* de Philippe Ariès (2012), publicado originariamente em 1975, e que investiga o comportamento humano perante a morte na sociedade cristã ocidental. Trata-se de um instigante trabalho que recorreu a um variado corpus documental, englobando fontes literárias, litúrgicas, testamentárias e iconográficas. Nesse livro, Ariès investiga então as mutações na sensibilidade com relação à morte, o que lhe permitiu delinear

na longa duração a existência de fases históricas distintas de nossa relação com a morte: a morte domada; a morte de si mesmo; a morte longa e próxima; a morte do outro e a morte invertida (Ariès, 2012). Porém, a obra não aborda a questão do suicídio diretamente.

Posteriormente, Ariès volta ao tema no livro *O homem perante a morte* onde retoma o exame milenar das atitudes com relação à morte, com o que consegue ressaltar ainda mais a novidade do surgimento contemporâneo de um tipo absolutamente novo de morte: a *morte invertida*, ou seja, aquela que expulsa a morte da condição de um fato cultural estruturante, para convertê-la em ruptura, transgressão, violência e dor. Algo, sem dúvida, bastante convergente com a própria leitura de Norbert Elias, conforme tivemos a chance de comentar no início do artigo.

> A morte agora está tão apagada de nossos costumes que é difícil para nós imaginá-la e entendê-la. A velha atitude em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensível, é muito oposta à nossa onde causa tanto medo que não ousamos mais dizer seu nome. Portanto, quando chamamos essa morte familiar de morte domesticada, não queremos dizer que ela já foi selvagem e depois foi domesticada. Queremos dizer, ao contrário, que hoje ela se tornou selvagem, ao passo que não era antes. A primeira morte foi domada (Ariès, 1985, p. 36, *tradução nossa*).

Outro exemplo de pesquisa serial desenvolvida a respeito das atitudes coletivas diante da morte é o livro de Michel Vovelle (1974), intitulado *Mourir autrefois: attitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII siècles*, em que o autor retoma o processo de ascensão de interpretações seculares sobre a morte, em franca dissonância com os padrões de interpretação sobrenatural e escatológicos da Igreja Católica, sob os influxos do Iluminismo e da Revolução Francesa (Souza, 2022).

Em certa medida, esses trabalhos puderam contar com a inspiração de um texto pioneiro de Jean Claude Schimitt, publicado em 1976, que já diagnosticava a pobreza da abordagem do tema em âmbito historiográfico, ao passo em que já haveria um número considerável de títulos escritos depois de Émile Durkheim e Maurice Halbwachs, na França, e por diversos psiquiatras, psicólogos, etnólogos e folcloristas. Não muito tempo após, a tarefa foi assumida prioritariamente pelos historiadores culturais, entre os quais há primazia no campo de estudos sobre o suicídio, como já destacado.

Inspiradores, do ponto de vista teórico e metodológico, estes trabalhos impulsionaram a emergência de uma nova produção historiográfica que, baseada na renovação de fontes entre as esferas públicas e privadas, recuperam múltiplas abordagens sobre o fenômeno da morte voluntária. Pode-se lamentar, não obstante, que parte significativa dessas obras recubram

séculos passados ou que ainda não tenham sequer sido traduzidos para o português, o que certamente auxiliaria a meta de verificar as abordagens e estratégias metodológicas empregadas. Como visto no balanço de Douglas Souza (2022), parte da bibliografia mais essencial no campo historiográfico encontra-se em língua inglesa, entre os quais, caberia mencionar: Richard Cobb (1978); Olíve Anderson (1987); Michael Mcdonald e Terence R. Murphy (1987) e até mesmo produções coletivas como *Histories of suicide: international perspectives on self-destruction in the modern world* (Wright; Weaver, 2009),

Entre as poucas obras traduzidas, deve-se dar destaque ao excelente trabalho realizado pelo historiador francês Georges Minois, já conhecido pelos seus trabalhos a respeito da religião, riso e a velhice, que publicou uma história cultural do suicídio originalmente em francês (1995), com tradução recente para o português (Minois, 2018).

De maneira geral, o autor concentra-se no início do período moderno, porém, com um excelente levantamento das atitudes perante o suicídio na Antiguidade e durante a Idade Média. Ao longo desse percurso, Minois (2018) argumenta convincentemente que o suicídio é um fenômeno social mutável a depender das dinâmicas históricas e até mesmo dos grupos sociais concernidos. Por exemplo, em relação à Antiguidade pagã, sugere que esta seria mais tolerante em relação ao suicídio do que o cristianismo primitivo medieval, que condenava todas as formas de automutilação, sobretudo por influência de Santo Agostinho e Tomás de Aquino, como também indicaram MacDonald e Murphy (1990). Porém, já no final do Renascimento, pelo menos em algumas regiões da Europa Ocidental e sobretudo entre as elites sociais e intelectuais, o suicídio pôde ser perscrutado em função de suas razões individuais e até mesmo ganhar algumas tonalidades heroicas e auto sacrificiais na pena de poetas, dramaturgos e pensadores.

Outro exemplo ilustrativo, enquanto, em meados do século XVII, as autoridades reais e religiosas condenavam com dureza o suicídio, aplicando penas severas, sobretudo entre as camadas mais pobres (era mais fácil dissimular as mortes voluntárias com eufemismos entre a aristocracia), o suicídio teria se tornado uma espécie de moda intelectual filosoficamente problematizada (Minois, 2018).

Do lado de cá do Atlântico, por outro lado, destacam-se alguns trabalhos importantes publicados em solo estadunidense como: Roger Lane (1979); Howard Kushner (1989); Louis Jr. Pérez (2005), Marc Hertzman (2019), reunindo, grosso modo, debates sobre as mortes voluntárias com recortes que privilegiam o período colonial e de independência dos Estados Unidos (Souza, 2022).

No Brasil, em particular, o campo de estudos que mais incorporou esse debate reúne os trabalhos sobre suicídios cometidos por cativos, inseridos na lógica escravocrata, sobretudo ao

longo do século XIX e início do XX (Souza, 2022). Explorando “Relatórios do Presidente da Província, teses médicas, inquéritos policiais, autos judiciais e a imprensa” (Souza, 2022, p. 190). Esses trabalhos examinaram a questão do suicídio moderno contraposto às particularidades do contexto histórico em pauta, com o que enriqueceram a própria compreensão dos desafios de compreensão do fenômeno, submetido, como o era, a variadas classificações. Em sua conclusão, Douglas Souza ressalta algumas características dessa produção historiográfica, sobretudo em função dos dados empíricos construtivos, tanto qualitativos como quantitativos, com o que a História pode auxiliar os pesquisadores a estabelecer comparações esclarecedoras em suas próprias pesquisas:

> Tendo em vista os variados cenários que compõem esses trabalhos, vê-se que a compreensão do suicídio na História se efetiva, sobretudo, por dois tipos de fontes: os discursos médicos, religiosos, filosóficos, políticos, jurídicos, literários, portanto, emanados por lideranças intelectuais e detentores de poderes institucionais, fossem como produtoras de dados sobre o fenômeno ou responsáveis por interpretá-los, e, de outra parte, os registros pessoais deixados pelos suicidas, quer sejam, cartas, diários ou testemunhos de entes queridos, reproduzidos na imprensa ou nos inquéritos policiais, conjuntos documentais que possibilitam desvelar os infortúnios do cotidiano na decisão de indivíduos, outrora anônimos, por tirar a própria vida. É desse modo, então, que os historiadores têm procurado recuperar as narrativas acerca das mortes voluntárias, revelando as participações de especialistas e autoridades públicas nos rumos tomados pelas discussões teóricas e as apropriações dessas ideias nas práticas socioculturais que se modificam de acordo com contextos específicos (Souza, 2022, p. 195).

Seja como for, vale aqui as considerações de Rosilin Healy (2006), para a qual, no âmbito da História, as hesitações não são tanto quanto ao caráter desagradável do assunto, quanto, talvez, na questão da fiabilidade das provas e o significado das conclusões ao abordar experiências que chegam a ser consideradas como imensamente individuais e particularmente dramáticas. Tudo isto que leva a considerar que, embora estejamos diante de um problema que pode ser concebido como universal, suas regularidades são como que colocadas em xeque em contextos históricos particulares, exigindo sensibilidade do pesquisador à contingência histórica.

Além disso, essas pesquisas historiográficas ressaltam o imenso abismo entre as fontes e estatísticas mais ou menos oficiais, os suicídios documentados/comunicados e as dinâmicas reais do suicídio. Como se sabe, antes que chegássemos ao século XIX, regra geral, os cálculos estatísticos eram muito pouco fiáveis internacionalmente falando, questão essa que não deixou de ser notada pelo próprio Emile Durkheim (2002). Por fim, e não menos importante, parece

haver uma certa tendência mais recente para exploração não tanto das estatísticas, com todos os problemas já mencionados, mas das atitudes com relação ao suicídio e, sobretudo, os significados que os próprios suicidas conferem ao ato (Healy, 2006).

2.1.1 Olhares sociológicos sobre o suicídio

Como vimos, embora comportamentos e atitudes suicidas estejam presente desde a mais remota antiguidade até a atualidade, a escassez de fontes e a baixa fiabilidade das estatísticas exigem que os pesquisadores explorem outras perspectivas sobre a morte voluntária e sua própria variabilidade no tempo histórico e de cultura para cultura. Neste tópico, por outro lado, voltaremos o olhar para a abordagem do suicídio de uma perspectiva sociológica. Felizmente, já podemos contar com alguns balanços recentes que podem servir de orientação para organização das reflexões sobre o tema, sobretudo alguns textos recentes de José Benevides Queiroz (2020; 2021). Além destes, deve-se destacar a coletânea recente de textos e praticamente pioneira no Brasil da edição de 2021 da Revista Pós-Ciências Sociais, reunindo uma série de pesquisa e reflexões sobre a morte voluntária (Carvalho Filho; Queiroz; Steiner, 2021). Após acompanhar essa genealogia temática, voltaremos ao estudo pioneiro de Emile Durkheim (2002) tentando extrair dele algumas dimensões pertinentes para nossa própria análise.

Em certa medida, a reconstituição historiográfica realizada na sessão anterior já demarcava como foi se constituindo o suicídio enquanto um problema social, em torno do qual erigiram-se toda uma série de saberes médicos, psicológicos, bem como constitui-se em matéria de interesse de demógrafos e estatísticos. Na quase totalidade desses estudos e análises, os determinantes para o ato de uma pessoa tirar a própria vida ou eram associados a fatores biológicos ou a razões inteiramente individuais. Na contracorrente dessas abordagens já se encontrava um texto pequeno e pioneiro de Karl Marx, de 1846, que ressaltava o fato de o suicídio estar potencialmente correlacionado á moral vigente, às convenções, crenças religiosas e até mesmo crises financeiras, isto é, a fatores macrossociais (Queiroz, 2020).

Mas é somente com Emile Durkheim e a publicação do livro *O Suicídio* em 1897 que se molda efetivamente um objeto sociológico. Para tanto, em primeiro lugar, Durkheim teve que desenvolver uma estratégia de pesquisa original, a fim de chegar a resultados diferentes da crença comum de que o suicídio era um ato estritamente privado, individual, imprevisível e inexplicável. Não estranha, pois, que tenha se dedicado a demonstrar a improcedência de diversos estudos que explicavam o suicídio como um fenômeno decorrente da hereditariedade,

da raça, do clima ou puramente da imitação. Porém, como bem observou Cyril Lemieux (2015) Durkheim também evita substituir essa causalidade voluntarista simplesmente pela noção de taxa social de suicídios, como dado estatístico agregado, visto que, contra as ilusões eventuais do estatístico, essa taxa não pode evidenciar sozinha como cada indivíduo experimenta sua própria tendência ou imunidade ao suicídio. "Durkheim esforça-se assim em construir um novo objeto que não é nem o suicídio como ato individual nem a taxa de suicídios como dado estatístico agregado, mas antes, o suicídio como tendência coletiva interiorizada pelos indivíduos" (Lemieux, 2015, p. 42).

Com efeito, embora admitisse um papel limitado para a insanidade ou para o desejo obsessivo de morte, Durkheim concebia que havia motivos reais e coletivos para a maioria dos suicídios. Então, Durkheim formulou quatro tipologias para o suicídio: o *suicídio egoísta* que seria o tipo predominante nas sociedades modernas e derivariam da baixa integração à sociedade e os grupos sociais de pertencimento (ex.: crenças e (des)vinculações a confissões religiosas, homens solteiros, divorciados e viúvas); o *suicídio altruísta* em que o indivíduo estaria tomado pela obediência e força coercitiva da ambiência coletiva, a exemplo dos velhos guerreiros bárbaros ou das viúvas nas antigas sociedades hindus. O *suicídio fatalista* para o qual Durkheim reserva poucas observações, mas que descreveria uma extrema regulação social, de despotismo físico e moral em que o indivíduo não teria outra alternativa, o que se distingue frontalmente do *suicídio anômico* que estaria diretamente relacionado a um estado de desregulamentação social, períodos de crise econômicas e políticas e de transformações sociais intensas como revoluções radicais.

Assim, frente às modificações nas formas de solidariedade, à perda de centralidade das confissões religiosas e da própria família, caberia às corporações o papel de fazer cessar essa anomia por meio da criação de estratégias para a manutenção da coesão social, introduzindo relações mais justas e despertando o interesse pelo bem comum e o bom funcionamento da sociedade.

> [...] fazer cessar essa anomia, é encontrar os meios para fazer esses órgãos que ainda se chocam em movimentos discordantes concorrerem harmoniosamente, é introduzir em suas relações mais justiça, atenuando cada vez mais essas desigualdades externas que são a fonte do mal (Durkheim, 2008, p. 432).

Como observado por José Benevides Queiroz (2020), desde que foi publicado, esse livro constitui um referencial para diversas áreas, o que não significa dizer que algumas de suas principais teses não foram contestadas. Um dos estudos que revisou, em certa medida, alguns

pressupostos e ideias basilares desse trabalho foi o estudo de um dos membros da própria escola Durkheimeana, Maurice Halbwachs na obra as *Causes de Suicide*, publicado originariamente em 1930. Trata-se de um estudo que não gozou da mesma notoriedade do trabalho de Durkheim, e tampouco figura entre as obras e conceitos principais de Halbwachs. Não obstante, até as revisões recentes, o trabalho de Halbwachs é reconhecido não apenas pelo rigor no tratamento das estatísticas, como também mais prudente em suas conclusões (Paugam, 20002; Baudelot; Stablet, 2021). Objetivamente, em seu livro, o autor mostra as falhas e limites do *Suicídio* de Durkheim, chegando a conclusões distintas. A síntese das conclusões a que chega Halbwachs é expressa de maneira bastante objetiva por Queiroz (2020), como segue:

> Dentre outros, podemos aqui destacar quatro aspectos. Primeiro, Halbwachs não retoma os conceitos estabelecidos por Durkheim que distinguem os tipos de suicídio. Segundo, diverso do que Durkheim preconizara, ele mostra que as taxas de suicídios dos países europeus apresentavam a tendência, não de permanecerem diferentes, mas de se assemelharem (Halbwachs, 2002: 67-85). Terceiro, ele discorda da relação entre religião e suicídio estabelecida por Durkheim: como as crenças das pessoas são difíceis de serem isoladas de outros fatores sociais, as taxas de suicídio entre elas não são constantes, tendem à diminuição e é necessário levar em consideração o meio social – se rural ou urbano –; assim, diferente do que se encontrava em O Suicídio, Halbwachs mostra que nem sempre os protestantes matavam-se mais que os católicos, pois no campo, estes últimos apresentavam o dobro da taxa de suicídio dos primeiros (Ibidem: 181-220). Por fim, ao contrário de Durkheim, que defendia que tanto a ruína quanto o boom econômico faziam crescer o suicídio, Halbwachs, baseado em um minucioso levantamento de dados sobre a Alemanha, que passou por uma profunda modificação econômica – com acelerada industrialização – a partir de 1870, chega à conclusão de que são as consequências das crises econômicas que favorecem a alta do número de suicídios (Queiroz, 2020, p 1468)

Sem dúvida, como também o nota Serge Paugam (2002), diferentemente de Durkheim o estudo de fatores extra sociais não é complemente desprezado, visto que o ato de pôr fim à própria vida tem um componente individual e psicológico inescapável. Para Christian Baudelot e Roger Stablet (2021) além do próprio rigor com as estatísticas e cuidados metodológicos, aqui se encontraria, aliás, a principal distância entre Durkheim e Halbwachs, pois, para Durkheim os motivos submetidos invocados pelas vítimas para significar seu ato (perda de emprego, falências, miséria, luto, alcoolismo, doenças mentais, desgosto da vida) são convertidas em idiossincrasias pouco pertinentes frente às forças coletivas que teriam, estas sim, peso explicativo. “Diversamente, Maurice Halbwachs reabilita-os considerando que os motivos e as circunstâncias individuais “dependem da estrutura do corpo social” e que é necessário encará-

los como causas do suicídio por si mesmas, maneira análogo às crenças e os costumes coletivos" (Baudelot; Establet, 2021, p. 583),

A tese da existência de uma convergência entre os países europeus associada à difusão de um mesmo estilo de vida urbano, ou seja, a passagem de sociedades ruralizadas para civilizações urbanas (Halbwachs argumentou que os suicídios acelerariam em regiões rurais que seriam marcadas pelo progressivo despovoamento e onde as taxas tradicionais de suicídio eram anteriormente bem pequenas) também merece nota, tal seria o estímulo para pesquisas em contexto brasileiro. Seja como for, capítulo a capítulo Halbwachs foi então explorando as relações de efeito e causalidade entre o suicídio e a família, a religião, a riqueza, o rural, o urbano, enriquecendo e refinando a perspectiva sociológica. Trata-se de uma importante e pioneira contribuição para ultrapassar algumas das subdivisões clássicas entre circunstâncias individuais e coletivas, entre indivíduo e sociedade (Baudelot; Establet, 2021), na medida em que Halbwachs tentou restituir a variedade de fatores interdependentes que pesam sobre o ato de tirar a própria vida, não excluindo os componentes subjetivos na análise.

Atualmente, como bem observou Healy (2006), sabemos que além da subjetividade do indivíduo que tirou a própria vida, deve-se atentar também para toda uma cadeia intersubjetiva que vai das pessoas envolvidas com o suicida - dos seus familiares e vizinhos até o legista e funcionários públicos responsáveis pelos registros - que influem por meio de seus pressupostos, interesses, capacidades, julgamentos, entre outros, para a classificação e registro da morte como suicídio.

Por outro lado, como também destacam Laurent Mucchielli e Marc Renneville (1998), talvez uma das principais contribuições de Halbwachs, ao revisitar o trabalho de Durkheim, tenha sido a de abrir novo espaço para as relações entre sociologia e psiquiatria, na proporção em que aquela passou a explorar também os motivos pessoais, as razões alegadas pelos indivíduos, que eram anteriormente expulsas da explicação para permaneceram alojadas nas penumbras de processos inconscientes que não constituiriam domínio dessa ciência social. Para outros autores, aliás, o próprio quadro apresentado por Durkheim (2002) acerca da história das ideias psiquiátricas sobre o suicídio no século XIX, na França, expressaria uma visão distorcida e seletiva de suas fontes e conclusões (Berrios; Mohanna, 1990).

Mas talvez um dos aspectos mais instigantes da leitura de Maurice Halbwachs, certamente associado ao seu incômodo com as tipologias estabelecidas por Durkheim, derive de sua opção por lidar com apenas um modelo de suicídio, aquele do *homem desqualificado*, como enfatizou Serge Paugam (2002). Para Halbwachs, o suicídio ocorre mais frequentemente na sequência de um acontecimento que tem por efeito isolar o indivíduo de seu meio social,

provocando nele sentimentos de inferioridade aos olhos do seu grupo e a si próprio. Trata-se aqui, no final de contas, de um indivíduo pouco integrado à sociedade e aos seus grupos de pertencimento em particular, que interiorizou o sentimento de não estar à altura de seu papel social ou virtual e da própria imagem que nutria de si mesmo e que participava de sua definição, de seu papel, de seu lugar social. Desclassificado e submetido a uma posição julgada humilhante, então, recairia sobre esse indivíduo um sentimento obscuro de opressão que pesaria sobre sua alma, obrigando-o a voltar sua atenção para o universo interior, fechar-se, afetando suas disposições de espírito e os motivos individuais que possam ter para desejar a morte (Paugam, 2002).

Ocorre que essa pujante discussão entra em colapso no contexto pós-1945, quando dá-se um arrefecimento da sociologia francesa e a própria perda de espaço da sociologia no campo acadêmico nacional (Queiroz, 2020). Foi preciso esperar então que a sociologia francesa, como de resto a europeia, fosse revitalizada a partir da década de 1970 para que novos estudos fossem realizados, entre os quais se destaca o trabalho de Anthony Giddens *The sociology of suicide* (1971), Durkheim et le Suicide de Christian Baudelot e Roger Establet (1984) e *Congedarsi dal mondo – il suicídio in Occidente e in Oriente* (2009) produzido por Marzio Barbagli (Carvalho Filho; Queiroz; Steiner, 2021, 2021). Atualmente, são muitos os autores que estudam sobre o tema do suicídio na França, boa parte dos quais incitados pelas próprias demandas de explicação social para um tema tão na ordem do dia.

No Brasil, por outro lado, todos os balanços compulsados dão conta de tratar-se de um campo de pesquisas muito pouco explorado. Ponto de passagem obrigatória, nesse sentido, é o trabalho de Roger Bastide, publicado originariamente nos *Cahiers Intenationaux de Sociologie* na França, em 1952, e traduzido mais recentemente para o português em número recente da Revista Pós-Ciências Sociais (Bastide, 2018).

Curiosamente, desde as suas primeiras linhas, Roger Bastide (2018) intenta superar algumas das falsas oposições que permearam o debate sobre o tema do suicídio, gerando pseudoproblemas, como aquele da oposição entre indivíduo e sociedade. Estudando o tema do suicídio do negro brasileiro no estado de São Paulo e baseando em estatísticas que considerava mais seguras, Bastide busca então correlacionar as modificações de regime político, de trabalho e espaciais às estatísticas de suicídio. Por essa via, demonstra uma série de peculiaridades históricas e culturais, ao mesmo tempo em que distinções entre o contexto brasileiro e aquele estudado por Durkheim. Ao término do seu texto, Roger Bastide apresenta uma síntese de sua superação do chamado *dualismo primitivo* que caracterizaria as abordagens supramencionadas:

> O brasileiro branco e nativo de outrora, que pertencia a um meio patriarcal, católico, rural, submisso ao controle de representações coletivas poderosas que condenam o suicídio – a ponto dos raros casos conhecidos à época colonial causarem verdadeiros escândalos –, pouco se matava, mesmo quando sua situação lhe compelia: o psíquico era entravado pelo social, o que o obrigava procurar uma outra solução, uma outra forma de suportar suas tensões. Porém, à medida que a urbanização, a miscigenação, a industrialização desenvolveram-se, a antiga mentalidade desapareceu, o controle do meio esgotou-se, o que permitiu o temperamento agir mais livremente. Para o homem de cor, temos o fenômeno inverso, ainda que da mesma natureza: enquanto o africano conservou sua mentalidade primitiva, o animismo ancestral, a ideia que as almas dos mortos retornam ao paraíso africano ou perseguem os vivos para se vingarem, representações que o impeliam ao suicídio. O psíquico era auxiliado pelo social. Contudo, à medida que o estatuto social do homem de cor mudou, que um novo equilíbrio se estabelece numa sociedade em transição, o percentual de suicídio tende a corresponder ao seu percentual na população total. Isso significa que o fator psíquico vai então prevalecer sobre o fator social; permanece o fato de que o homem de cor mantém características próprias que ainda o separam, do ponto de vista do comportamento e, sobretudo, do ponto de vista de sua situação na escala social, do grupo branco. Consequentemente, mesmo aqui onde o psíquico parece dominar, o social desempenha igualmente seu papel. Enquanto o branco casado se mata mais, no caso do negro é o solteiro; enquanto nos brancos o suicídio masculino é superior, e muito, ao suicídio feminino, há igualdade entre os negros, com uma ligeira tendência do feminino ao máximo; a idade máxima do suicídio entre os brancos parece estabelecer-se entre 21 e 25 anos, e entre 16 e 20 anos para o homem de cor; se dividirmos o dia em 4 partes, de 0 às 6 horas, das 6 às 12 horas, das 12 às 18 horas e das 18 às 24 horas, notaremos que o branco se mata mais frequentemente na terceira parte do dia e o negro na última parte. Tudo isso é uma boa prova de que outras diferenças – de costumes, de hábitos, de comportamentos sociais – refletem-se até nos fatos individuais, e que um estudo do suicídio deve levá-los em conta em sua interpretação (Bastide, 2018, p. 286).

Em que pese esse exemplo pontual, a avaliação sobre a produção sociológica nas últimas décadas exige reconhecer que o suicídio constitui um campo de pesquisas praticamente inexplorado (Silva et al, 2018; Queiroz, 2021). Sinteticamente, as duas principais pesquisas recentes baseiam-se em dados estatísticos produzidos pelo Ministério da Saúde (MS), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBG) ou instituições como o Centro de Valorização da Vida (CVV), criado em 1962 e com sedes distribuídas por todos os estados da federação. Trata-se de pesquisas úteis para levantar algumas dimensões importantes de análise, tais como, o grau de desigualdade social em contextos histórico espaciais delimitados, os efeitos de crises econômicas e políticas, as situações de instabilidade social (renda, desemprego, situações de rupturas de trajetórias), bem como os efeitos das interações diretas ou à distância

que poderiam provocar certo contágio ou imitação (interações de vizinhança, o papel da mídia local na divulgação de casos e até mesmo os efeitos produzidos por celebridades sobre as taxas de suicídio) (Stack, 2000).

Entre os trabalhos compulsados, um, particularmente, apresenta algumas questões interessantes para aqueles que, como nós, desejam discutir sobre textos ficcionais que abordam a questão da morte voluntária. Trata-se exatamente do estudo realizado por Steven Stack (2000) que refletiu sobre os possíveis impactos das histórias de suicídio (reais ou ficcionais) sobre as taxas reais de suicídio, com base em um vasto número de estudos compilados. Resumidamente, o estudo que o suicídio de celebridades políticas ou associadas ao entretenimento teriam potencial de produzir efeitos de imitação muito maiores que aqueles observados no universo ficcional (histórias na televisão), o que de certa maneira levanta a questão dos efeitos produzidos no próprio domínio das artes em geral sobre o tema do suicídio. Os argumentos do autor podem ser sintetizados na seguinte passagem:

> Histórias de Suicídio Reais vs. Ficcionais. Uma questão fundamental na literatura é se as pessoas se podem ou não identificar com vítimas fictícias ou de faz-de-conta. Ou será que as vítimas têm de ser pessoas reais? (Ver revisões em Phillips, Lesyna e Paight, 1992; Stack, 1990b.) Um trabalho que encontrou uma ligação entre suicídios em telenovelas e suicídio (Phillips, 1982) foi considerado defeituoso devido a erros de medição (por exemplo, erros nos códigos para os dias em que as histórias apareceram) (Kessler e Stipp, 1984). Foi efetuada uma série de quatro estudos sobre o efeito de quatro filmes de televisão no suicídio de adolescentes. Um estudo sobre os suicídios na cidade de Nova Iorque encontrou uma associação entre o suicídio fictício nestes filmes e as taxas de suicídio de adolescentes. Estes resultados não foram, em grande parte, reproduzidos numa série de estudos subsequentes noutras cidades, em estados inteiros e na nação como um todo (por exemplo, Phillips e Paight, 1987; ver análise em Stack, 1990b). Stack (1990e) descobriu que os filmes coincidiram com uma onda altamente publicitada de suicídios reais de adolescentes em Nova Iorque, um facto que pode explicar uma associação espúria entre os filmes e o suicídio em Nova Iorque. Um estudo de uma série televisiva de seis partes da Alemanha Ocidental, "Death of a Student", encontrou, pelo contrário, uma ligação entre o filme e o suicídio de adolescentes (Schmidtke e Hafner, 1986). Outras investigações referem por vezes um efeito de imitação para histórias de ficção, mas são marcadas por algum debate (por exemplo, Holding, 1974; Williams et al., 1987; Sandler, Connell e Welsh, 1986; Ostroff et al., 1985; Platt, 1987). A hipótese é que os estudos baseados em histórias reais de suicídio serão mais susceptíveis de encontrar um efeito de imitação do que os baseados em histórias fictícias (Stack, 2000, p. 966, *tradução nossa*).

Seja como for, voltando ao caso brasileiro, como destaca José Benevides Queiroz (2021), parece clara a escassez de pesquisas e análises sociológicas sobre o fenômeno, como

também a existência de lacunas nas fontes que permitam estabelecer correlações que não sejam simplificadoras. Dados sobre a escolaridade, faixas de renda, condições laborais, origens sociais, faixas etárias, composições das configurações familiares, divórcios, separações, situações de ruptura, entre outras, poderiam então ser utilmente empregados para teste de novas hipóteses. Igualmente, nas conclusões do texto *O Suícidio no Brasil Contemporâneo*, os autores ressaltam a importância do emprego de modelos estatísticos como estratégias eficientes para testar hipóteses como o efeito de variáveis de integração social ou a da contaminação pela contiguidade espacial, porém, ressaltando a importância de compreendermos melhor "o significado subjetivo do padrão comportamental identificado pelas análises quantitativas. De tal modo, seria possível fundamentar, com maior robustez, uma interpretação causal do fenômeno" (Silva et al, 2018, p. 577)

2.1.2 O Suicídio na Literatura: elementos de um debate recente

A novidade e desafio enfrentados pelo campo historiográfico e sociológico poderiam ser facilmente transportos para o universo dos estudos literários. Entre as obras que oferecem um quadro bastante preciso da exploração do tema do autoaniquilamento em textos literários no Brasil, destacaríamos as publicações recentes de William André (2018) e a publicação coletiva do livro *Literatura & Suicídio*, lançado em 2020 (André et al, 2020). Dessa avaliação programática dos estudos literários sobre o suicídio, podemos reter algumas características importantes que merecem ser esboçadas desde já.

A começar pelo fato de que embora questão associadas à morte atravessem a literatura como um todo, e constituam matéria de múltiplo interesse para diversas áreas científicas, trabalhos que abordem o tema do suicídio na liteatura frontalmente ainda são relativamente raros no Brasil. Por outro lado, avaliando parte das pesquisas compulsadas, nota-se que uma das principais referências desse campo de estudos é a obra *O Deus Selvagem: um estudo sobre o Suicídio*, de autoria de Alfred Alvarez, cuja publicação original foi em 1971 (sua publicação em português foi realizada pela Companhia das letras somente em 1999).

Trata-se de uma obra que pretende, nas palavras do próprio autor, "olhar para o suicídio do ponto de vista da literatura, para ver como e porque ela afeta o imaginário de pessoas criativas" (Alvarez, 1999, p. 13). Para tanto, foi necessário que o autor recusasse tanto o discurso moralista religioso, quanto a aspereza das estatísticas para tentar apreender a dinâmica subjetiva que havia sido deixada na penumbra pelos números estudos de sociólogos, psiquiatras

e estatísticos que ele conseguiu compilar na obra. Na prática, para o autor, a discussão do tema não permite a oferta de soluções, por que seque ele acredita que elas existam, "já que o suicídio significa coisas diferentes para pessoas diferentes em momentos diferentes" (Alvarez, 1999, p.13). Com modéstia, afirma que:

> Em vez de oferecer respostas, tentei apenas contrapor dois preconceitos: o primeiro se manifesta naquele altivo tom religioso – embora hoje em dia esse tom costume ser adotado por pessoas sem conexão declarada com uma religião específica – que repudia horrorizado o suicídio como um crime moral ou uma doença que nem sequer merece discussão. O segundo é o da atual voga científica que, no próprio esforço de tratar o suicídio como um tópico digno de pesquisa séria, acaba lhe negando qualquer significação mais séria ao reduzir o desespero a estatísticas áridas (Alvarez, 1999, p. 13).

De fato, muito embora todos tenham alguma ideia própria a respeito do suicídio, ao nos confrontarmos com a temática, estratégias de sistematização da problemática, como desenhadas por William André constituem um excelente ponto de partida. Isto que permite maior liberdade na própria escola do objeto, visto que as preferências e motivação do pesquisador sempre estarão em pauta. É de se notar, por exemplo, que no epílogo da obra supramencionada, Alfred Alvarez (1999) reflita sobre a sua própria experiência como *suicida malsucedido*, com o que confessa parte fundamental do interesse pelo exercício de reflexão realizado. A síntese de seu itinerário de vida aparece então como uma espécie de sucessão de situações de ruptura, desencaixes e mal-entendidos, dando a entender que a obra pode ter chegado a desempenhar um papel de organizadora da experiência pessoal, ou seja, uma boa oportunidade e um bom indicador da reflexividade contínua do autor sobre sua própria vida. Voltaremos a essa questão das relações entre autor e tema nas considerações finais.

Para o momento, importa ressaltar, por outro lado, que diante do volume abissal de autores que poderiam ser selecionados, André William oferece úteis sugestões metodológicas de recorte, o que constitui atalho fundamental para jovens pesquisadores. A começar pela possibilidade de exploração das representações sobre o suicídio em manifestações literárias distintas, com o que se abre uma janela instigante para comparações entre os gêneros textuais, as escolhas estéticas empregadas na representação e seus efeitos sobre moldagem dos sentidos e das circunstâncias que levaram os personagens ao autoaniquilamento. Soma-se a isso, os casos variados de autores que abordaram o suicídio em suas obras e que optaram pela morte voluntária na realidade (vale lembrar que na coletânea supramencionada os autores apresentam um quadro

de escritores suicidas), com o que se iluminam “os possíveis entrelaçamentos entre o tratamento literário do assunto e o dado biográfico em obras de autores que cometeram suicídio” (André, 2018, p.07).

Outra sugestão instigante encontra-se justamente nos casos ficcionais de sujeitos que precisam lidar com o fato de que pessoas próprias cometeram suicídio, onde se enquadra, em certa medida, a obra *O Crocodilo*, mas não apenas. Da mesma forma, as aproximações e distanciamentos nos modos de interpretação literários e aqueles encontrados em diversos outros campos de saber, tais como a filosofia, sociologia e História, podem também dizer algo sobre os diálogos profícuos nos modos de interpretação do social. Uma última sugestão, que vale à pena considerar, diz respeito às próprias frequências e repartições na abordagem da morte voluntária, podendo ser tomadas a partir de escolas teóricas distintas, marcadores sociais da diferença e da desigualdade ou até mesmo por comparações intergrupos sociais ou categoriais, conforme se pode observar no trecho selecionado abaixo:

> A composição de mapeamentos também se faz pertinente, e as possibilidades que se abrem para essa atividade são inesgotáveis. Por exemplo, compor um quadro mapeando a questão do suicídio em literaturas de autoria feminina (em recortes de tempo diversos), ou em manifestações da literatura pós-colonial, em gêneros literários específicos, autores e obras do Romantismo, obras que tratam de guerra, narrativas góticas, narrativas fantásticas, etc. Recuperando o tópico anterior, é igualmente importante observar a ocorrência da morte voluntária em personagens literários que são adolescentes, personagens femininas, homossexuais, não brancos, personagens que pertencem a uma elite intelectualizada, à classe média, que vivem em situação de extrema miséria, heróis e vilões (clássicos e modernos), protagonistas, coadjuvantes, e muitos outros. Ainda que, à primeira vista, de cunho mais quantitativo e ‘generalizante’, estudos desse tipo ajudariam a trazer visibilidade para a notável expressividade com que o tema é tratado na literatura – apontando para a necessidade de se desenvolver mais pesquisas a respeito. Mais importante, viabilizariam um entendimento sistematizado sobre como orientações estéticas específicas abordam a questão, bem como de que forma, e com que frequência, estas retratam o suicídio em grupos sociais e culturas específicas (André, 2018, p. 10).

As fontes quantitativas, apesar de darem acesso a dimensões objetivas importantes do fenômeno do suicídio são insuficientes, por si sós, para a compreensão do fenômeno, o que se pode constatar pelo exame das pesquisas tanto no campo historiográfico quanto no sociológico. Sem dúvida, ao compilarmos algumas das principais tendências observadas no campo de estudos sobre o suicídio nessa disciplinas, percebemos claramente a convergência para a exploraçao de uma perspectiva mais subjetiva, que pretende reintegrar as dimensões

individuais, particulares e até mesmo idiossincráticas do ato de tirar a própria vida. Não há por que selecionar um outro modo de abordagem, visto que a principal tendência no âmbito das ciências sociais contemporaneamente é a tentativa de superar as oposições entre individual e coletivo, entre objetivo e subjetivo, entre estrutura e ação. Não deve estranhar, portanto, que um analista recente tenha identificado essa característica essencial das ciências sociais contemporâneas, representada pela consciência da historicidade e da contiguidade dos processos sociais, pela maior sensibilidade ao vivido, ao indivíduo, às suas capacidades táticas, estratégias e seus graus variados de reflexividade (Alves, 2010).

No bojo desse processo, demarca-se um claro processo de revisão das relações entre a História, a Sociologia e Literatura, que contribui para superar alguns mal-entendidos muito estabelecidos nas relações entre áreas. Como se sabe, para adquirirem ares científicos, a ciência história e a sociologia tiveram como principal meta a de diferenciar-se com relação aos saberes e modos de interpretação do universo literário e romanesco (Barrère; Martuccelli, 2009).

Mais recentemente, no entanto, os limites e fronteiras entre esses domínios foram questionados, desembocando em toda uma série de reajustes e redefinições conceituais e epistemológicas importantes, que não interessam imediatamente a esta reconstituição. Basta dizer, no entanto, que embora os textos científicos produzidos pelas duas áreas sejam reconhecidos hoje pelas suas propriedades narrativas e recorram sabidamente a tropos de linguagem conhecidos, textos literários e científicos submetem-se a exigências, potencialidades recursivas e intencionalidades que não permitiriam a simples confusão entre os gêneros (Lahire, 2005).

Reconhecer essas distinções, no entanto, não significa dizer que as interpretações produzidas pela literatura sejam desprovidas de interesses, como o ilustra o uso batante comum de experiências e citações literárias em textos científicos. Wolf Lepenies recordava, nesse sentido, que o próprio Durkheim fazia parte daquele grupo que não apenas conhecia obras literárias, como também as utilizava com finalidades sociológicas. Não surpreende, por conseguinte, que parte fundamental da sua classificação sobre o suicídio tenha sido claramente inspirada em exemplos literários retirados das obras de Goethe, Lamartine ou de Chateaubriand (Lepenies, 1990).

E não é sem surpresa que nós mesmos, enquanto cientistas sociais, nos surpreendamos com o próprio esforço realizado pelo personagem Ruy da obra *Crocodilo* para entender as razões pelas quais o seu filho tirou a própria vida. Diríamos que estamos no mesmo barco da busca de sentido. Porém, diferentemente de nós, na qualidade de narrador, Javier Contreras

pode explorar essa sucessão de movimentos interiores, de experiências íntimas, de pensamentos e crises internas do personagem, transitando entre as múltiplas cenas privadas e públicas, presentes e passadas (Silva; Valentim, 2021). Com isso, o desespero, a dor, o luto e a busca de sentido da paternidade, a reinterpretação de si... vêm a tona, permitindo não exatamente uma descrição fiel da realidade, mas uma oportunidade estimulante de reflexão sobre o tema. Seria justo, portanto, pensar a obra em pauta como um esforço experimental para reflexão sobre um tema atual, capaz de produzir também efeitos de conhecimento e inteligibilidade sobre a natureza contemporânea de nossas relações com o mundo. Estamos muito de acordo aqui com a ideia de que a contribuição axiológica de pesquisas como a que estamos desenhando possa ser até a de uma "terapia através da desmistificação dos verdadeiros motivos do suicídio" (Minois, 2018, p.131).

Porém, o que está em pauta aqui diretamente não é tanto o grau de fidedignidade do texto literário selecionado ou sua maior ou menos proximidade com experiências retiradas da realidade. O que nos interessa é verificar como o desenho dos conhecimentos e sentimentos implícitos e explícitos dos personagens recuperam umm modo próprio de compreender o fenômeno do suicídio, captável no texto em si, como também nas múltiplas intervenções públicas de seu autor. Interessa, pois, conhecer as dinâmicas que e modalidades pelas quais o extraliterário se transfigura e literário e toma a forma literária. Quer dizer, desse ângulo, a representação literária do suicídio pode ser tomado como um laboratório de observação social (Barrère; Martuccelli, 2009) que suscita uma série de questões pertinentes para conceber a própria criação literária (Lahire, 2005).

A confrontação com as perspectivas teóricas delineadas suscita então uma série de questões desafiantes: Quais os esquemas de interpretação do mundo social implícitos e implícitos são colocados em ação pelo escritor ao explorar uma experiência tão dramática quanto o suicídio e seus efeitos? Quais os quadros cognitivos e culturais que são apropriados para conferir significação à obra e aos atos dos personagens? Que conhecimentos e experiências do social contribuíram para organizar a experiência literária em questão? Quais são as propriedades pertinentes das situações relatadas, os encadeamentos de ação, as circunstâncias e efeitos de causalidade produzidos na obra em tela? Qual a trama do *Crocodilo* e sua teoria social implícita sobre o suicídio?

2.2 A palavra que não se pronuncia: etimologia e silêncio em *Crocodilo*

O termo etimológico que designa o fenômeno com a nomenclatura de suicídio surge na Inglaterra por volta do século XVII. Outrora, o fenômeno só dispunha de perífrases que se adaptavam a ação de morrer por vontade própria: morte voluntaria, matar a si mesmo, ser homicida de si mesmo, ser assassino de si, sacrificar-se, dar a vida, são alguns dos sinônimos utilizados para se referir ao fenômeno no passado. A necessidade de criar uma nomenclatura especifica para o ato revelam a regularidade dos eventos, o estudo de caso na época e o interesse em criar um neologismo que diferenciaria do homicídio.

Conforme o Historiador George Minois (2018), o responsável por isso foi o inglês Sir Thomas Browne, que publicou em 1642, pela primeira vez, a palavra Suicidium, se referindo ao suicídio de Catão[9]. Gradativamente, a nomenclatura passou a ser adotada em outros países da Europa. Em meados do seculo XVIII se torna mais comumente citado, ainda que de forma redundante: se suicidar, o verbo aparece utilizado na forma de um pleonasmo tanto pela impressa quanto em algumas obras. Ainda assim, outras fontes de pesquisa, como o dicionário, indicam que o termo tem origem no latim, na junção das palavras *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar), ou seja, é um ato que consiste em pôr fim intencionalmente à própria vida (Houaiss, 2009).

O fato do neologismo ser atribuída à Inglaterra revela um fenômeno que tem raízes em um mito sobre uma possível tendência suicida entre os britânicos. O referido caso é explicado pelo historiador Alan Taylor (1961 apud Overy, 2014): o *mito do mal inglês*, uma crença popular pejorativa que foi difundida durante a Segunda Guerra Mundial, a qual afirmava que os ingleses eram uma nação cujo população enfrentava uma luta diária com a depressão e angústia, por serem frios e sem empatia (Overy, 2014)

Segundo Taylor (1961 apud Overy, 2014), a relação entre a política e o suicídio no país é esclarecida em sua obra sobre a origem da Segunda Guerra[10], esclarece essa referência e a relação disso com o suicídio no país. Argumentando que, essa visão estereotipada e preconceituosa era disseminada através de discursos e propaganda, que tinham origem, principalmente, da rivalidade condicionadas entre as nações durante a guerra. Nas quais os britânicos eram retratados como inimigos da paz e da liberdade, com o objetivo de difundir informações falsas e descreditar os aliados dos ingleses e aumentar o apoio à Alemanha.

[9] Catão, o Jovem (95-46 a.C.), foi um político e filósofo romano estoico, conhecido por sua oposição a Júlio César e sua defesa da República Romana. Sua morte por suicídio em Útica, após a vitória de César, tornou-se um símbolo de sua filosofia estoica e de sua defesa de princípios.

[10] Título original The Origins of the Second World War de TAYLOR, A.J.P. The Origins of the Second World War. Londres: Penguin Books, 1963 (originalmente publicado em 1961 pela Hamish Hamilton). Citado por OVERY, R. Por que as nações fracassam: os tempos de guerra e as lições para a era moderna. São Paulo: Editora Globo, 2014

No entanto, por falta de base e fundamento científico que pudesse dar credibilidade, o *mito do mal inglês*, o fato passou a ser amplamente combatido após o fim da Segunda Guerra Mundial, mas sua aparição serviu para que depois relacionassem o fenômeno os altos índices de suicídio no pais em períodos de pós-guerra, devido aos traumas e sequelas das guerras deixam.

A palavra *suicídio* carrega, em sua própria formação, o peso de um fenômeno cercado de dor e censura social. Nomear não é suficiente para compreender, tampouco para romper os estigmas que se perpetuam até os dias atuais.

Na obra *Crocodilo*, do jornalista Javier Contreras, essa relação entre o termo e o peso social de seu significado se manifesta de forma contundente. Logo nas primeiras páginas, o pai da vítima, Ruy, revela seu incômodo diante do silêncio desconfortável das pessoas ao redor, que se recusam a pronunciar a palavra *suicídio*. No trecho emblemático "Em nenhum momento qualquer um de nós pronunciou a palavra dura e incômoda que se tornou um tabu de proporções universais: suicídio. Preferimos dizer: tragédia." (Contreras, 2019, p. 13) evidencia-se como a própria nomeação do ato é evitada, transformando-se em uma barreira que impede o enfrentamento da realidade.

O surgimento do termo não foi apenas uma convenção linguística, mas também um reflexo de como as sociedades lidavam, e ainda lidam, com a morte autoinfligida. Historicamente, o suicídio foi condenado por preceitos religiosos, tratado como crime por legislações antigas e associado à vergonha familiar. Esse legado cultural faz com que, até hoje, a simples pronúncia da palavra carregue um peso quase insuportável. Assim, optar por eufemismos como "tragédia" é uma estratégia de autopreservação emocional, mas também um mecanismo que perpetua o silêncio e o estigma.

A obra de Contreras não só retrata o drama pessoal de um pai diante da perda, mas também escancara um problema coletivo: a dificuldade social de encarar o suicídio como um tema que precisa ser discutido de forma aberta, responsável e sem julgamentos. Evitar o nome não impede o fato, apenas mascara a dor, impede o diálogo e reforça a solidão de quem sofre.

Portanto, compreender a etimologia do termo *suicídio* não é um exercício meramente acadêmico; é, sobretudo, reconhecer como a linguagem reflete e perpetua os tabus sociais. Assim como na obra *Crocodilo*, a resistência em nomear o que dói revela não apenas o sofrimento individual, mas também a necessidade urgente de quebrar o silêncio que cerca o tema, promovendo acolhimento, escuta e prevenção.

2.3 Estigmas, Estéticas e Estado: Da criminalização à medicalização do sofrimento

Ao longo da história ocidental, o suicídio foi submetido a olhares punitivos e moralizantes, sendo enquadrado como pecado, crime ou desvio de conduta. A Idade Média, sobretudo, consolidou a criminalização simbólica do suicídio por meio de sanções religiosas e civis, refletindo uma lógica de defesa da ordem social e econômica. Como aponta Minois (2018), a vida do indivíduo, especialmente dos trabalhadores manuais, era considerada um bem pertencente ao Estado ou ao senhor feudal, de modo que a morte voluntária equivalia a um atentado contra a coletividade.

As punições medievais variavam conforme o status social do suicida: enquanto camponeses e artesãos eram punidos com suplícios póstumos, como a recusa de sepultamento em solo sagrado e o confisco de bens da família, os nobres e guerreiros, quando cometiam suicídio em contexto de honra ou martírio religioso, eram enaltecidos. Essa distinção revela não apenas a seletividade da condenação, mas também o uso político da moral religiosa, consolidada por concílios como o de Braga (563), que formalizou a proibição de ritos fúnebres aos suicidas, ampliando a punição à família. A consequência direta disso foi o estigma duradouro em torno do ato, e o silenciamento social em torno das causas do sofrimento

Com o advento da modernidade, impulsionado pelo Renascimento e pelo Iluminismo, abriu-se espaço para questionamentos aos dogmas cristãos, permitindo revisitar perspectivas filosóficas da Antiguidade sobre a morte voluntária. Autores como Sêneca e os estoicos reconheceram, em determinadas circunstâncias, o suicídio como uma manifestação de autonomia individual. Apesar dessas reflexões, a condenação social e jurídica continuou vigente. Somente a partir do século XVIII, o fenômeno começou a ser analisado sob a perspectiva da saúde mental, inaugurando um processo gradual de medicalização do suicídio.

Essa mudança de paradigma consolidou-se no século XX, quando o suicídio passou a ser reconhecido como um problema de saúde pública. A substituição da abordagem moral e religiosa por uma perspectiva empírica e racional permitiu desmistificar o suicídio como infração, reconhecendo-o como expressão de sofrimento psíquico. Ainda assim, a herança punitiva não foi completamente superada. A sociedade contemporânea ainda carrega vestígios dessa criminalização, não apenas no imaginário coletivo, mas também em práticas institucionais e burocráticas.

No Brasil, por exemplo, o suicídio não é tipificado como crime, mas o Código Penal prevê punição para quem induz ou auxilia alguém a cometê-lo (Art. 122, Decreto-Lei 2.848/40).

Juristas como Cleber Masson (2018) defendem que o princípio da alteridade fundamenta essa distinção: o Estado não pune o suicida, pois a conduta afeta apenas o próprio autor, sendo passível de atenção humanitária e não de punição. No entanto, mesmo diante dessa não criminalização formal, a morte por suicídio continua sendo tratada como uma "morte violenta", o que mantém mecanismos de controle e suspeição.

Esse resquício institucional é ilustrado na obra *Crocodilo*, de Javier Contreras (2019), quando os personagens enfrentam barreiras legais para cremar o corpo de Pedro. A exigência de autorização judicial reflete o modo como o Estado, mesmo indiretamente, ainda regula e burocratiza a morte voluntária, negando ao sujeito e à sua família plena autonomia sobre esse rito de passagem:

> […] fomos pegos de surpresa com a informação de que suicidas não podem ser cremados sem uma autorização judicial específica. Isso porque o suicídio é considerado uma morte de natureza violenta, não natural […] (Contreras, 2019, p. 27).

O episódio revela que o estigma não se encerra na morte. Ele se estende ao luto e à vivência das famílias, que enfrentam não apenas a perda, mas também a violência simbólica das instituições. O protagonista Ruy, ao precisar acionar seu prestígio como jornalista para superar as barreiras legais, evidencia que o tratamento do suicídio ainda é seletivo, desigual e atravessado por relações de poder. Como destaca Durkheim (2002), a sociedade mantém mecanismos de coerção moral que delimitam os atos considerados aceitáveis; e o suicídio, por romper essa ordem, segue sendo alvo de rejeição e controle.

Diante desse contexto, surgem, nas últimas décadas, estratégias de enfrentamento mais humanizadas, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), as campanhas de prevenção, como o Setembro Amarelo, e o apoio emocional promovido por entidades como o Centro de Valorização da Vida (CVV). Essas iniciativas, embora ainda insuficientes, representam uma tentativa de romper com o legado histórico de silenciamento e punição, promovendo ações voltadas à escuta, ao acolhimento e à valorização da vida.

A medicalização do suicídio, portanto, não elimina completamente os estigmas, mas desloca o foco da culpa individual para a complexidade social do sofrimento. A literatura, ao abordar essas tensões, como faz *Crocodilo*, revela que o estigma ainda opera nos interstícios das instituições e das relações sociais, reforçando a necessidade de políticas públicas mais empáticas, acessíveis e integradas.

2.4 Um problema filosófico sério: reflexões de Albert Camus e o absurdo em Javier Contreras

Como pudemos constatar anteriormente, o suicídio é um fenômeno que ocorre desde os primórdios da humanidade, antes mesmo de falarmos em civilização, isso porque por muito tempo o ato foi considerado uma barbárie que poderia levar a decadência da humanidade. O historiador George Minois defende que "a humanidade existe porque, até o momento, o homem encontrou motivos suficientes para permanecer vivo. Alguns deles, porém, decidiram que não valia mais a pena permanecer vivo e preferiram partir por vontade própria" (2018, p 03). Nesse sentido, compreendemos que o suicídio provoca um desequilíbrio mental social, tanto do individuo suicida quando do grupo que sofre o luto, ao ponto que trata-se de uma acusação direta a sociedade e o estado governante que deveria prever o bem-estar de seus membros.

Essa perspectiva histórica sobre o suicídio como um ato que provoca desequilíbrio social é refletida na obra *Crocodilo*, de Javier Contreras, onde o sofrimento dos pais da vítima é um tema central. A busca incessante dos pais para entender as causas do suicídio do filho pode ser vista como uma manifestação da acusação direta à sociedade e ao Estado como é proposta pelo historiador Minois (2018). O personagem central da obra não é o suicida, o jovem Pedro, mas sim o pai da vitima, O jornalista Ruy, que questiona se algo poderia ter sido feito para prevenir a tragédia. A obra de Contreras destaca a dor e a confusão que o suicídio pode causar nas pessoas próximas à vítima, e como isso pode levar a uma reflexão sobre a responsabilidade da sociedade em prevenir tais atos.

A reflexão sobre a responsabilidade da sociedade em prevenir o suicídio, como destacado na obra de Contreras, leva-nos a questionar a própria natureza da existência humana e o valor da vida. É aqui que a filosofia de Albert Camus se torna relevante, ao argumentar que "só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio" (Camus, 2018, p. 9). Em sua obra *O mito de Sísifo*, Camus lança uma proposta aos filósofos para instigá-los a tal questão essencial e existencial: se a vida vale ou não ser vivida. Para o autor, "o único papel verdadeiro do homem, nascido num mundo absurdo, é ter consciência da sua vida, da sua revolta, da sua liberdade" (Camus, 2018, p. 9-10). Essa reflexão de Camus sobre o suicídio como um problema filosófico fundamental ressoa profundamente na obra *Crocodilo* de Javier Contreras, onde a busca por significado e a consciência da vida são temas subjacentes à tragédia do suicídio.

A reflexão de Albert Camus sobre o suicídio como um problema filosófico fundamental ressoa profundamente na obra *Crocodilo* de Javier Contreras (2021), onde a busca por significado e a consciência da vida são temas subjacentes à tragédia do suicídio. A pergunta de

Camus sobre se a vida vale ou não ser vivida parece ecoar nas mentes dos personagens da obra, especialmente os pais da vítima, Ruy e Marta que são forçados a confrontar a dor e a confusão após a perda do filho, Pedro. A ideia de Camus sobre a consciência da vida, da revolta e da liberdade pode ser vista como uma reflexão sobre a condição humana que é explorada na obra de Contreras, onde a tragédia do suicídio é apresentada como um evento que desafia a compreensão e a capacidade de lidar com a dor.

Nesse percurso reflexivo, ao analisarmos como o suicídio é entendido tanto como um problema filosófico, como apontado por Camus, quanto como uma dor social e familiar, como evidenciado na obra *Crocodilo* de Javier Contreras, torna-se indispensável compreender também como, historicamente, as sociedades lidaram com esse fenômeno. A criminalização do suicídio é um capítulo significativo dessa história e revela como, durante séculos, o ato foi associado não apenas à dor, mas também à transgressão. Especialmente durante a Idade Média, o suicídio surge como uma tentativa da sociedade de controlar algo que, na verdade, escapa ao controle social, a decisão individual sobre a própria vida. O estigma que se consolidou desde então reverbera até os dias atuais, refletindo a dificuldade que a sociedade tem em lidar com o tema de forma aberta, ética e empática.

Paradoxalmente, enquanto o discurso institucional, seja ele religioso, jurídico ou político, buscava censurar, punir ou silenciar o suicídio, a literatura e as artes sempre encontraram maneiras de tratar do tema, expondo as angústias humanas, os dilemas existenciais e as dores invisíveis que muitas vezes conduzem a esse desfecho trágico.

A obra *Crocodilo* se destaca exatamente por não se limitar à representação do ato em si, mas por escancarar as consequências emocionais, psicológicas e sociais que recaem sobre aqueles que ficam, os enlutados. A dor dos pais de Pedro, personagem que comete suicídio, evidencia não só a tragédia individual, mas também o impacto coletivo desse tipo de perda. Assim, discutir o suicídio através de uma obra literária como *Crocodilo* é também discutir os limites da própria sociedade em compreender, acolher e lidar com o sofrimento humano, uma incapacidade histórica que antes se manifestava pela criminalização e, hoje, muitas vezes, pela medicalização ou pela negação silenciosa do problema.

Portanto, partindo de uma visão historica, o suicídio foi encarado de formas diversas, ora como um ato de coragem, ora como pecado, crime ou fraqueza moral. A influência da moral religiosa cristã consolidou um modelo de punição e exclusão social, durante o periodo medieval. Como destaca George Minois (2018), aquele que atentava contra a própria vida era privado de ritos funerários sagrados, enterrado em locais afastados e seus bens eram confiscados, penalizando não só o indivíduo, mas também sua família.

Essa criminalização não foi apenas uma sanção moral ou religiosa, mas uma tentativa de exercer controle sobre aquilo que a sociedade não podia, de fato, impedir: a decisão do indivíduo sobre sua própria vida. Mesmo com o avanço científico e filosófico, esse controle foi sendo ressignificado ao longo dos séculos, mas o estigma permaneceu, agora muitas vezes disfarçado em discursos médicos, psiquiátricos ou no silêncio social.

Na obra *Crocodilo*, de Javier Contreras, esse desconforto social com o suicídio aparece de forma contundente. A narrativa não foca no ato em si, mas nas consequências dele para os que ficam, escancarando como a sociedade, ainda hoje, carrega dificuldades históricas em acolher, compreender e lidar com essa realidade.

2.4.1 O luto silenciado e a função social da literatura diante do suicídio

Se o suicídio carrega em si uma longa história de estigmas e intervenções institucionais, seus efeitos se prolongam na vida dos que permanecem. O luto por suicídio emerge, nesse contexto, como uma experiência social marginalizada marcada por culpa, silêncio e uma espécie de invisibilidade simbólica. A literatura, nesse sentido, ocupa um papel fundamental ao iluminar o que a sociedade muitas vezes silencia. Na obra *Crocodilo*, de Javier Contreras (2019), essa tensão entre dor privada e incompreensão coletiva é o eixo da narrativa. A morte de Pedro não apenas desestrutura uma família, mas expõe o desamparo social diante da dor de quem sobrevive a esse tipo de perda.

O protagonista Ruy, pai de Pedro, vive a devastação emocional de forma silenciosa e dissonante da lógica esperada para o luto. A ausência de espaços para expressar e elaborar essa dor é atravessada por instituições que mais controlam do que acolhem. Como afirma Maria Helena Franco (2009), o luto por suicídio é frequentemente “silenciado”, pois, além do sofrimento pela perda, carrega a marca da vergonha, do julgamento social e da culpa. A literatura de Contreras, nesse contexto, é um meio de ressignificação, pois devolve humanidade ao sofrimento e dá voz à dor de Ruy, o pai que, mesmo diante da morte do filho, precisa provar socialmente seu sofrimento:

> Depois de um tempo, porém, o encanto inicial se desfez, e eu comecei a achar tudo aquilo irritante e desrespeitoso, e estive prestes a mandá-los calar a boca e dar o fora dali. Pedro não era o artista deles. Pedro era meu filho […] Logo surgia alguém, e depois mais outro, para nos consolar e dar mais pêsames pela "tragédia" que acontecera ao Pedro. Marta seguia firme e forte, mas eu não aguentava mais. A obrigação formal que a morte requer aos que ficam de

> socializar com todas aquelas pessoas estava me aniquilando. (Contreras, 2019, p. 33).

Esse trecho evidencia como a obra de Contreras encena não apenas o sofrimento íntimo, mas também as pressões sociais que recaem sobre os sobreviventes, obrigados a se adequarem a rituais formais mesmo quando a dor os aniquila. Tal dimensão, que ultrapassa o indivíduo e alcança o coletivo, encontra diálogo com a reflexão de Émile Durkheim (2002), que investigou o suicídio como fato social.

O sociólogo Émile Durkheim (2002), destacou que o suicídio não é apenas um fenômeno individual, mas o reflexo de vínculos sociais fragilizados. No caso de Pedro, o isolamento, o medo e a culpa revelam a falta de integração social e de acolhimento institucional. Seu suicídio, tal como descrito pelo pai, não é apenas um ato pessoal, mas uma expressão da falência de estruturas capazes de reconhecer e acolher o sofrimento psíquico.

O suicídio, portanto, não é somente um drama individual, mas um fato social com profundas consequências sociais e familiares. Ruy, o pai enlutado, expressa esse impacto ao relatar a sua impotência diante da morte do filho e a incompreensão das pessoas ao redor: “As pessoas acham que podem entender, mas não têm a menor ideia do que se passa na cabeça de um pai que perde um filho assim. […] É uma mistura de sentimentos ruins. Culpa, raiva, decepção, ressentimento, vulnerabilidade, pânico, tudo junto” (Contreras, 2019, p. 41-42).

Dessa forma, o suicídio, para além de um ato individual, desestrutura famílias, silencia comunidades e expõe o fracasso coletivo em lidar com o sofrimento humano. A morte de Pedro gera uma ruptura irreparável para seus pais, Marta e Ruy, que se veem confrontados com a culpa, o silêncio social e o vazio simbólico deixado pela ausência de rituais e discursos que deem conta da complexidade da perda. A análise de Durkheim nos permite entender esse acontecimento como sintoma de um desequilíbrio social, e não apenas como desvio psicológico.

Ao abordar a incomunicabilidade que permeia a relação entre pai e filho, *Crocodilo* evidencia que a dor que leva ao suicídio também é atravessada pela ausência de linguagem, por tentativas falhas de nomear o sofrimento. Pedro, mesmo quando vivo, já era percebido como “ausente”, “difícil”, “em silêncio”. Essa dificuldade de comunicação também atravessa o luto do pai, que oscila entre a necessidade de falar e o desejo de calar-se, como uma forma de autopunição.

A dimensão do sofrimento em *Crocodilo* também pode ser analisada sob a lente da crítica marxista. Para Marx (1844), a alienação do ser humano nas relações capitalistas cria um mal-estar existencial. O indivíduo, privado de sentido e pertencimento, tende ao desamparo.

Pedro, enquanto jovem em processo de escolarização, já manifestava sintomas de deslocamento e desajuste, vivendo numa sociedade que exige desempenho, clareza, metas e resiliência, atributos muitas vezes inatingíveis diante da dor psíquica. Sua morte expõe um sistema que produz subjetividades frágeis, moldadas por pressões escolares, familiares e sociais que nem sempre são visíveis, mas profundamente eficazes na sua lógica de exclusão.

O sociólogo Norbert Elias (2001) também contribui para essa leitura ao tratar da privatização do morrer e da progressiva institucionalização do sofrimento. Em *A solidão dos moribundos*, Elias descreve como a morte foi sendo retirada dos espaços públicos e convertida em um evento silencioso, deslocado da coletividade. Em *Crocodilo*, o luto de Ruy é atravessado por essa solidão moderna: ele precisa agir como se nada tivesse acontecido, pois as exigências sociais e profissionais o empurram de volta à "normalidade". Ele precisa lidar com a burocracia, com o velório, com os repórteres, com os prazos, tudo isso enquanto seu mundo interno está em ruínas.

"Dizem que o tempo cura, mas eu não quero ser curado. Não quero esquecer Pedro. Não quero voltar a ser o que era" (Contreras, 2019, p. 45). A fala de Ruy rompe com a lógica da superação rápida e funcional do luto. Ele não deseja seguir em frente, pois isso implicaria abandonar a memória do filho. A literatura, ao tornar visível esse desejo de não esquecer, confronta a lógica produtivista da sociedade, que exige que o sofrimento seja breve e silencioso.

Os menbros que conviviam com o suicida em sociedade, ao lidar com a morte voluntária, os enlutados se deparam não apenas com a perda, mas também com uma série de sentimentos socialmente marginalizados, como a culpa, a vergonha, o ressentimento e até a raiva. Essa complexidade emocional, frequentemente silenciada ou não compreendida, emerge de forma contundente no romance *Crocodilo*, de Javier Contretas. O narrador personagem Ruy expressa essa angústia ao descrever o colapso psíquico durante o velório de Pedro:

> Em outra situação, qualquer que fosse, eu não teria feito o que fui capaz de fazer. Mas eu estava vivendo o pior dia da minha vida. Então caminhei até o estacionamento, achei o meu carro, abri a porta e entrei. […] E foi dessa maneira, trancado ali, sozinho e baixinho, que chorei pela primeira vez desde que recebi o telefonema dizendo que o Pedro havia morrido" (Contreras, 2019, p. 36).

Esse momento literário traduz o rompimento do narrador com as normas sociais que regem o ritual da morte. A necessidade de se isolar no carro para expressar sua dor sinaliza não apenas um sofrimento individual, mas também a dificuldade em compartilhar essa dor dentro do espaço público do luto, como se a sociedade não oferecesse espaço simbólico legítimo para

quem sofre esse tipo de perda.

A tensão entre o sofrimento interno e as expectativas sociais aparece de modo ainda mais claro quando o personagem afirma: “O velório estava lotado, mas eu não aguentava mais. A obrigação formal que a morte requer aos que ficam de socializar com todas aquelas pessoas estava me aniquilando” (Contreras, 2019, p. 33).

O ritual da convensão social do velório, cujo tradicionalmente é vista como um espaço coletivo de despedida e solidariedade, torna-se uma cena insuportável para o individuo. Isso ocorre porque o suicídio rompe não só o ciclo da vida, mas também desestabiliza os códigos culturais que organizam o luto. Como observa Norbert Elias (2001), a sociedade moderna tende a empurrar a morte para os bastidores, institucionalizando-a e privatizando-a, dificultando tanto a expressão pública do morrer quanto a elaboração comunitária do luto. O trecho mais visceral dessa desconstrução aparece quando o narrador, pai do falecido, desabafa:

> As pessoas acham que podem entender, mas não têm a menor ideia do que se passa na cabeça de um pai que perde um filho assim. Um filho que não morre. Um filho que se mata. Elas veem filmes e novelas na tevê que tratam de suicídio e acham que é mais ou menos daquele jeito. Mas não é. A realidade é menos romântica. É uma mistura de sentimentos ruins. Culpa, raiva, decepção, ressentimento, vulnerabilidade, pânico, tudo junto. O amor, nessa hora, não chega nem perto “ (Contreras, 2019, p. 42).

Essa fala escancara a fratura simbólica que o suicídio produz não apenas na vida familiar, mas no tecido social. Na sociologia clássica, Émile Durkheim (2002) já apontava que o suicídio não é um fato apenas individual, mas um fato social, que revela falhas, tensões e contradições na integração dos indivíduos à sociedade. A morte autoinfligida, segundo Durkheim (2002), rompe laços, desestabiliza grupos e obriga os enlutados a reorganizarem não só suas emoções, mas também seu lugar no mundo.

A reação do personagem, seu isolamento no carro, sua fuga do velório, sua indignação com o olhar superficial dos outros, não são apenas representações ficcionais, mas reflexos de dinâmicas sociais reais. O suicídio, ainda que seja uma decisão individual, provoca efeitos coletivos devastadores, não apenas para os familiares, mas para todos os círculos de convivência, desde os mais íntimos até os mais amplos, como escolas, comunidades e espaços de trabalho.

A função social da literatura, como aponta Antônio Cândido (2004), é justamente a de humanizar, dar voz ao que é recalcado, deslocado ou negado. *Crocodilo*, nesse sentido, torna-se um testemunho de resistência ao apagamento do luto. Mais do que uma narrativa sobre suicídio, é um grito contra a indiferença institucional e social. Ao dar nome à dor, a obra restitui

ao luto o seu direito de existir.

Diante disso, é possível compreender que as experiências de dor, luto, indignação e desconforto social retratadas na obra *Crocodilo* não se encerram no plano da ficção isolada, mas se alinham a uma constelação de representações literárias que, ao longo da história, têm problematizado o suicídio como fenômeno humano complexo, ao mesmo tempo individual e coletivo, íntimo e social, silencioso e profundamente ruidoso em seus efeitos.

De fato, o suicídio, enquanto ato extremo, atravessa séculos de produção literária, sendo representado sob diversas perspectivas, motivações e contextos culturais. Seja na tragédia, no romance, na poesia ou no ensaio ficcional, a literatura tem se configurado como um espaço privilegiado para a reflexão sobre as múltiplas dimensões desse fenômeno, suas causas, seus dilemas existenciais, seus impactos emocionais e sociais, bem como a reverberação do luto e da dor entre aqueles que ficam.

Nessa direção, compreendemos que a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também funciona como uma ferramenta de sensibilização, análise e compreensão do suicídio enquanto problema humano e social. Como argumentam André (2018) e Alvarez (1999), as representações ficcionais operam como um verdadeiro mosaico suicidológico, capaz de iluminar aspectos da subjetividade, da dor psíquica e das estruturas socioculturais que atravessam essa temática. Trata-se, portanto, de reconhecer a potência epistêmica e terapêutica da literatura, que permite acessar camadas profundas da condição humana, da angústia e da vulnerabilidade, muitas vezes não plenamente capturadas pelos discursos científicos tradicionais.

3 A MORTE COMO NARRATIVA: O SUICÍDIO NA HISTÓRIA LITERÁRIA E SUA RELEITURA EM *CROCODILO*

Em uma de suas últimas obras, o sociólogo Norbert Elias (2001) tratou abertamente sobre o tema da morte e da *solidão dos moribundos*, ressaltando o quanto há de embaraço, medo e terror no tratamento do envelhecimento e da finitude contemporaneamente. Diferentemente dos séculos anteriores, o aumento substancial no grau de pacificação das sociedades teria desencadeado um grau de recalcamento da ideia da morte tamanho que provocou seu ocultamento na consciência humana, criando praticamente um interdito em torno do tema e sua expulsão das interações linguísticas cotidianas. O aumento geral da expectativa de vida, os desenvolvimentos técnicos no campo da medicina, os ganhos em previsibilidade, antecipação de riscos, e até mesmo o aumento do controle da fome, da violência e das epidemias teriam como que delineado, entre nós, uma nova forma de sensibilidade e de atitudes frente à morte, que se desdobra no plano tanto individual quanto coletivo.

Em nossa sociedade, a morte então pode ser esquecida, mantida à distância e até certo ponto adiada pela adoção de métodos para prolongamento da vida. Para Elias, no final de contas, não seria a própria morte, em si, mas a imagem antecipada da morte na consciência dos vivos que explicaria parte substancial do nosso terror, dos nossos medos e tabus com relação à finitude. E sentencia, ao final desse belo texto, que *a morte é um problema dos vivos*: “a morte não é terrível. Passa-se ao sono e o mundo desparece, se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada” (Elias, 2001, p. 76).

A apropriação do pensamento de Elias permite introduzir o leitor no bojo de discussões que estão na base deste capítulo, quais sejam, a questão dos tabus contemporâneos sobre a morte e, particularmente, a respeito do autoaniquilamento em obras literárias hodiernas.

O suicídio é um tema que tem sido bastante abordado em diversas obras literárias desde os tempos mais remotos até o século atual sob diferentes perspectivas e motivações. É possível notar que essas obras exploram a complexidade e as nuances desse ato em diversas culturas e contexto histórico. Nas narrativas são exploradas as motivações, os sentimentos e as consequências para aqueles que consideram ou tomam a decisão de ceifar a própria vida, e além disso, introduz no bojo das discussões a representação da dor sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada que tirou a própria vida.

Diante do exposto, partimos do pressuposto de que a sensibilidade do trato literário, abordando situações e configurações variadas no bojo ficcional, poético e dramático, pode não

apenas fornecer um *mosaico suicidológico* coletivo (André, 2018), como também uma alternativa para tratar de problemas graves que afetam a alma humana, sua subjetividade e a própria linguagem (Alvarez, 1999). Isto é, desde que estejamos em condições de reconhecer que textos literários podem oferecer oportunidades para ganhos terapêuticos, em reflexividade e conhecimento, e que a própria ciência possa ser iluminada pela literatura. Na perspetiva aqui assumida, a representação literária do suicídio constituiu então um laboratório experimental para reflexão sobre modos de compreensão do social e dos seus problemas.

Com fundamento nisso, buscamos apresentar o mapeamento que foi realizado sobre a literatura existente que explora a temática. Trata-se de uma revisão que, embora não generalista, buscou destacar alguns autores e obras relevantes. Sendo assim, por razões metodológicas, sabendo que o tema em pauta se encontra disperso por uma multiplicidade de textos literários e produções artísticas ao longo da história, optamos por traçar um percurso pautado na historiografia literária. (Kovács, 2008).

A proposta aqui adotada parte do entendimento de que os textos literários não apenas refletem as questões sociais, existenciais e culturais de seu tempo, mas também produzem sentidos, tensionam normativas e provocam reflexões sobre os dramas da condição humana (Kovács, 2008; Alvarez, 1999). Nesse percurso, a representação do suicídio na literatura se configura como um laboratório simbólico, onde é possível acessar dimensões subjetivas, sociais e culturais da morte voluntária.

Desse modo, este levantamento buscou mapear autores, obras e correntes que se debruçaram sobre o tema, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, problematizaram o suicídio sob diferentes perspectivas tanto no campo acadêmico quanto no literário, oferecendo subsídios para a análise que foi desenvolvida na sequência, especialmente no diálogo com o romance *Crocodilo*, de Javier Contreras.

3.1 Percursos históricos, censuras simbólicas e a persistência do suicídio como denúncia na ficção

Na Antiguidade clássica, o suicídio não era compreendido de maneira unívoca. A obra *Greek Suicide: The Nature and Function of Suicide in Classical Athens, de Daniel Ogden* (2000), ainda sem tradução para o português, oferece um panorama amplo da representação do suicídio em fontes literárias e iconográficas da Atenas clássica. Personagens como Sócrates, Catão, Sêneca e Lucrécio figuram entre os que protagonizaram mortes voluntárias por razões filosóficas, morais, políticas ou existenciais.

Com o Renascimento, essas figuras reaparecem na literatura como símbolos de honra

e resistência, sinalizando uma revalorização do suicídio como escolha individual frente ao sofrimento, à injustiça ou à perda de sentido.

Outra grande referencia dessa herança antiga é o livro *História da Morte no Ocidente* de Philippe Ariès (2012), publicado originariamente em 1975 em Francês por Philippe Ariès: Embora este estudo não se concentre exclusivamente na exploração da morte na antiguidade, a obra nos oferece uma análise abrangente da história cultural e do comportamento humano perante a morte desde a antiguidade até os tempos modernos.

Trata-se de um instigante trabalho que recorreu a um variado corpus documental, englobando fontes literárias, litúrgicas, testamentárias e iconográficas. Nesse livro, Ariès (2012) investiga então as mutações na sensibilidade com relação à morte, o que lhe permitiu delinear na longa duração a existência de fases históricas distintas de nossa relação com a morte: a morte domada; a morte de si mesmo; a morte longa e próxima; a morte do outro e a morte invertida (Ariès, 2012). Porém, a obra não aborda a questão do suicídio diretamente.

Apesar da volumosa pesquisa empregada por Ariès (2012), existe uma grande ausência: a morte voluntária. Mesmo quando retoma o exame das atitudes diante da morte em *O homem perante a morte* (Ariès, 2012), o suicídio não é abordado diretamente. O autor, no entanto, evidencia a transformação contemporânea de nossa relação com a morte, que deixou de ser experiência coletiva para tornar-se experiência silenciada, interditada e marginalizada. Essa exclusão ajuda a compreender por que o suicídio permanece cercado de tabu e silêncio social. Embora não seja aceita socialmente, o suicídio pode, paradoxalmente, representar um caminho de resistência, muito presente no interdito que recai sobre as mortes voluntárias.

No entanto, devido a essas lacunas documentais, o historiador francês George Minois (2018) se propôs a realizar um levantamento bibliográfico sobre a história do suicídio e a visão da sociedade ocidental diante da morte voluntaria. A obra publicada em 1995, originalmente em francês, esta entre as poucas obras traduzidas para o português, o livro *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária* dá destaque ao período moderno, porém, com um excelente levantamento das atitudes perante o suicídio na Antiguidade e durante a Idade Média.

Inspirado nas celebres obras de Michel Vovelle, François Lebrun, Pierre Chuunu, Philippe Ariès, John MacManners e entre outros, Minois (2018) realizou um levantamento historiográfico sobre a morte nos tempos de outrora, especificamente sobre o suicídio. O primeiro ponto levantado pelo autor diz respeito às lacunas documentais e à escassez de registros. Chegando ao ponto de ser necessário recorrer a arquivos judiciais, já que, durante séculos, essa categoria foi considerada crime. Além disso, Minois (2018) utilizou fontes

variadas e heterogênias como obras literárias, crônicas e jornais. De acordo com o historiador:

> A essas razões metodológicas vem se juntar uma razão de fundo: não podemos estudar os suicídios como podemos fazê-lo em relação à destruição provocada pela peste ou pela tuberculose, pois a morte voluntária é um tipo de óbito cujo significado não é de ordem demográfica, mas filosófica, religiosa, moral, cultural. O silêncio e a dissimulação que a rodearam durante muito tempo instauraram um clima de mal-estar em torno dela (Minois,2018, p.02).

Ao longo desse percurso de análise, Minois (2018) argumenta, convincentemente, que o suicídio é um fenômeno social mutável a depender das dinâmicas históricas e até mesmo dos grupos sociais concernidos. Por exemplo, em relação à Antiguidade pagã, sugere que esta seria mais tolerante em relação ao suicídio do que o cristianismo primitivo medieval, que condenava todas as formas de automutilação, sobretudo por influência de Santo Agostinho e Tomás de Aquino.

De acordo com Minois (2018, p. 10), durante o período medieval há uma grande disparidade de registros. Esse carácter fragmentado das fontes é característico dos principais obstáculos para se obter um conhecimento aprofundado sobre essa prática nesse período. Um dos pioneiros no assunto, Jean-Claude Schmiitt, historiador medievalista francês, "só conseguiu reunir 54 casos de mortes voluntarias no período de cerca de três séculos" o que torna impossível estabelecer algum "índice de suicídio medieval, que permita fazer comparações com outras épocas". A cerca disso, o historiador ilustra algumas das breves crônicas extraídas de registros judiciais de sobreviventes, memorias e diários mantidos por clérigos e burgueses:

> 1249: Pierre DellaVigna, jurista e poeta, ministro do imperador Frede- rico II, se suicida. É reencontrado no Inferno de Dante.
> 1257: um parisiense se joga no Sena; retirado da água a tempo, ele comunga antes de morrer. Sua família reclama o corpo, já que ele morreu em estado de graça, porém, como houve suicídio e ele estava em pleno uso das faculdades mentais na verdade, deu sinais de arrependimento -, a justiça condena o corpo ao suplício.
> 1238 e 1266: duas mulheres se suicidam na jurisdição da justiça da abadia de Santa Genoveva, em Paris; seus corpos serão "escondidos".
> 1274: Pierre Crochet, de Boissy-Saint-Léger, suspeito de assassinato, se mata. A justiça da abadia de Saint-Maur-des-Fossés condena o cadáver a ser arrastado e enforcado.

Como mostra Minois (2018), as atitudes em relação ao suicídio na Idade Média eram marcadas por práticas punitivas extremas, como o arrastamento ou enforcamento de cadáveres, que visavam reforçar o caráter criminoso da morte voluntária. Casos como o do jurista Pierre DellaVigna (1249) e de mulheres anônimas que tiveram seus corpos ocultados

revelam o estigma profundo que envolvia esses atos.

Outros registros são as literaturas produzidas por autores dos clérigos e trovadores que ilustravam a morte voluntaria de maneira dicotômica e ambígua, condenável em nome dos princípios cristãos ou louvável em casos de suicídios indiretos e altruístas. Essa adversidade de ideias é apresentada em alguns exemplos, como no poema a *Canção de Rolando*, produzido no século XI e pertencente a gesta de Carlos Magno. Neste é narrado o fim heroico do personagem conde Rolando, que após perder uma batalha, decide se matar para não ser capturado pelo inimigo, suicídio característico do tipo altruísta. A base histórica do poema é um conflito real, historicamente mencionada como Batalha de Roncesvales, ocorrida nos anos de 778, entre o exército de Carlos Magno e um grupo de montanheses bascos.

A título de exemplo dessa literatura medieval é o poema francês *Roman de la Rose*, em tradução nossa, *Romance da Rosa*, escrito no século XIII por Guillaume de Lorris e Jean de Meun, é uma obra vasta que explora diversos temas, dentre eles a morte voluntária por amor, representando um dos mais populares motivos desse tropo literário. Seguindo essa mesmo linha, *La muerte de Garín, A morte de Garín*, uma canção popular espanhola medieval que conta a história trágica do amor entre Garín e Helena, o suicídio ocorre quando ela escolhe ceifar sua própria vida para escapar de um casamento indesejado. Observa-se a tematização da morte por amor como um motivo frequente nas ficçoes da época.

Outro grande exemplo dessa literatura, que de acordo com Minois (2018), não era aceita e também fortemente rejeitada durante os sermões da igreja católica, são as poesias alegóricas medievais como em *Tristão e Isolda*, obra que apesar de extensa está inacabada, tem como tema central um amor proibido que acaba em morte voluntária, descreve a tristeza e o desejo de morte de Tristão após a morte de Isolda. Neste caso a "morte voluntaria é considerada consequência de uma tentação diabólica por meio do desespero, ou como um comportamento tresloucado; um gesto condenado como um assassinato" (Minois, 2018, p.10).

Essas obras são apenas alguns exemplos do uso da morte voluntária na literatura medieval. Mostram como esse tema era explorado e retratado em diferentes culturas e períodos da Idade Média. Pois, apesar do raso acervo de registros em um período tão extenso, de aproximadamente dez séculos, é inapropriado julgar que a morte voluntaria tenha sido mais rara neste período do que em outras épocas. Visto que, estudos sociológicos atuais, como o realizado por Durkheim (2002), mostram que o índice de suicídio é constante, seja qual for o tipo de sociedade, classe social, raça, credo ou sexo. "A mania do suicídio penetrou em todas as categorias da sociedade" (Minois, 2018, p. 10).

É justamente nesse ponto que a obra *Crocodilo*, de Javier Contreras, opera uma

contundente releitura. O romance desestabiliza o silêncio social imposto à morte voluntária ao escancarar a dor dos que ficam, especialmente dos pais, diante de um suicídio juvenil que não encontra lugar nem no discurso médico, nem no religioso, nem no jurídico. A perspectiva de Norbert Elias, segundo a qual a morte passou a ser evitada, recalcada e deslocada da linguagem cotidiana, encontra eco direto na narrativa de *Crocodilo*, na qual o sofrimento é vivido quase como um interdito social. Pedro não apenas morre; ele desaparece simbolicamente em meio a uma cultura que não sabe nominar nem compreender o autoaniquilamento. Assim, o romance se inscreve na tradição literária que, como discutido ao longo do capítulo, utiliza a ficção como laboratório simbólico para tensionar os limites entre dor, representação e subjetividade. *Crocodilo* não apenas dramatiza o suicídio, ele denuncia o fracasso coletivo em lidar com o que foi historicamente silenciado.

3.2 Do cordel ao martírio: perspectivas populares e religiosas

As literaturas contemporâneas inspiradas em resgatar o caráter medievalista dos textos canônicos desse período e da literatura cortesã manifestam-se, por exemplo, no poema *Princesa Magalona e seu amante Pierre*, do poeta Firmino Teixeira Amaral. Nesse cordel, lançado em 1957 como versão de um conto português emblemático no folclore brasileiro, narra-se a história da camponesa Magalona, que vivia em uma aldeia distante, e de seu amante Pierre de Provence, jovem rapaz que, diante das infâmias do amor, chegou a cogitar o suicídio. No entanto, repensou sua decisão com base nos princípios cristãos, já que era um católico fervoroso pertencente a uma família nobre de condes.

> Passou a noite gelada
> não cessava de chorar
> pela perda que sofrera
> não podia sossegar
> seu lindo corpo tremia
> pelo grande mal passar (ideação suicida)
> (Amaral, Firmino Teixeira, 1957, p. 27-33).

No cordel *Princesa Magalona e Pierre*, o protagonista expressa ideação suicida diante da dor amorosa, mas recua por convicções religiosas. Esse gesto revela como a fé cristã era mobilizada como limite moral e social à morte voluntária, reforçando o ideal da resignação, elemento que será tensionado no romance *Crocodilo*, quando o luto e o silêncio familiar não encontram amparo simbólico para dar conta da perda.

Já na perspectiva do martírio, a figura de Joana d'Arc é analisada por Minois (2018) como um exemplo de suicídio indireto: sua recusa em se submeter às imposições do inimigo levou-a a uma condenação que, por fim, ela preferiu à rendição. Alexander Murray, em *Suicídio na Idade Média*, reforça como a cultura cristã classificava o suicídio como transgressão máxima, ainda que, paradoxalmente, exaltasse certos gestos de entrega à morte em nome da fé.

Durante a Idade Média, o suicídio era amplamente condenado tanto pela justiça civil quanto pela eclesiástica, sendo julgado não apenas pelo gesto em si, mas pelos motivos, pela origem social e pelo papel social do indivíduo. O historiador George Minois (2018, p. 21) observa que "mais do que o próprio gesto, são os motivos, a personalidade e a origem social do suicida que importam". A distinção é notória: ao nobre era permitido morrer em guerras ou cruzadas, gestos considerados indiretos e altruístas, enquanto ao homem comum, restava o gesto egoísta e covarde, motivado pelo desespero, que segundo a doutrina da época, era induzido pelo diabo (Minois, 2018, p. 18). As punições envolviam a exposição do cadáver, o confisco dos bens e a negação de funeral religioso, reforçando o apagamento simbólico da morte voluntária.

A Bíblia, embora cite episódios de suicídio (Judas, Saul, Sansão), não apresenta condenações explícitas ao ato, o que gerou ambiguidades na interpretação cristã primitiva. Minois (2018, p. 29) destaca que o suicídio de Judas "torna-se rapidamente o arquétipo da morte desonrosa e condenável, não tanto em razão do gesto em si como do desespero que o provoca". Outros casos, como o de Sansão, são vistos como gestos heroicos ou sacrifícios de guerra. Essa ambiguidade levou teólogos como Alexandre de Hales, Santo Agostinho e Tomás de Aquino a sistematizarem uma doutrina de condenação. Agostinho (1990, p. 42), em *A Cidade de Deus*, declara que ninguém tem o direito de tirar a própria vida, mesmo diante do sofrimento, pois tal gesto representaria um pecado maior. Tomás de Aquino (2001, apud Minois, 2018, p. 38), em sua *Suma Teológica*, reforça que o suicídio é um atentado contra a natureza, a sociedade e Deus: "Aquele que se priva da vida peca contra Deus, do mesmo modo que aquele que mata um escravo peca contra o dono do escravo".

A Igreja, a partir dessas interpretações, assumiu o controle do discurso sobre o suicídio, associando-o ao pecado da desesperança, denominado em latim *desperatio*, entendido como a recusa da misericórdia divina. Minois (2018, p. 35) afirma: "Aquele que demonstra *desperatio* se suicida porque acredita que seus pecados não podem ser alcançados por nenhum perdão". Assim, o suicida passava a ser não apenas um pecador individual, mas um herege que contestava o papel da Igreja como intermediária entre Deus e os homens. A literatura medieval

refletiu essa visão: em *Divina Comédia*, Dante Alighieri (1999) condena os suicidas ao sétimo círculo do Inferno, onde aparecem como árvores retorcidas, sem forma humana, incapazes de alcançar a salvação. Os versos descrevem o suicídio como uma violação da ordem divina, e o poeta se compadece das almas condenadas que perderam o direito à redenção:

> "De todos los males que el hombre sufre,
> más veo a la muerte tener improprios.
> Cuando ella vien, el cuerpo humano cesa
> y al alma quítasela de la vida…" (Alighieri, 1999, p. 36).[11]

Esse imaginário teológico e moral moldou por séculos a forma como o suicídio foi representado: como pecado, desonra, covardia ou heresia. Compreender essa construção histórica é essencial para analisar como o tema reaparece na literatura contemporânea, como na obra *Crocodilo*, de Javier Contreras.

No romance, o suicídio não é representado como pecado ou condenação, mas como um silêncio que escapa à linguagem e rompe a estrutura simbólica dos que ficam. O apagamento simbólico da morte voluntária, antes operado pela punição teológica, ressurge agora como um tabu moderno, marcado por silêncios institucionais e afetivos. Contreras desloca o foco da condenação do ato para o luto dos sobreviventes, evidenciando que, mesmo sem o inferno de Dante, a punição emocional e social persiste entre os vivos. A crítica de Minois sobre a centralidade da origem social e do motivo ressoa diretamente em *Crocodilo*, que se recusa a oferecer respostas fáceis ou culpabilizantes, tratando o suicídio como um acontecimento sem tradução.

Nesse sentido, a religiosidade em *Crocodilo* não aparece como prática de fé, mas como imposição estrutural, revelando como os dispositivos institucionais ainda se baseiam em concepções morais arcaicas. O protagonista Ruy, declarado ateu, e Marta, mãe de Pedro, que também não mantém relação íntima com os rituais católicos, decidem cremar o corpo do filho. No entanto, ao comunicar a decisão à funerária, são surpreendidos pela informação de que, por se tratar de um suicídio, a cremação só poderia ser realizada mediante autorização judicial específica, uma exigência baseada na classificação do suicídio como morte violenta, passível de futura investigação ou exumação do cadáver.

A legislação, nesse caso, funciona como um prolongamento do estigma: mesmo num Estado laico, o suicídio continua sendo tratado como transgressão, e seu autor, como um corpo

[11] Tradução livre: "De todos os males que o homem sofre, / vejo a morte como o mais impróprio. / Quando ela vem, o corpo humano cessa / e a alma é arrancada da vida…"]

problemático que não pode simplesmente desaparecer sem burocracias e suspeitas. Esse impasse legal evidencia que, embora o discurso religioso não seja explicitamente mobilizado pelos personagens, sua lógica ainda orienta práticas e normas sociais, operando um juízo silencioso que reafirma a exceção do suicida. A dor de Ruy e Marta, já insuportável, é agravada por esse obstáculo institucional, que impede até mesmo a realização de um luto minimamente digno.

3.3 Do julgamento moral à experiencia do luto: ressonâncias contemporâneas em *Crocodilo*

Ao longo da história, as representações do suicídio oscilaram entre a condenação teológica, a valorização heroica e a sensibilidade trágica. No Renascimento, a retomada dos valores clássicos permitiu abordar o tema sob novas óticas, resgatando figuras estoicas e histórias de amor trágico. No entanto, ainda que algumas obras tenham atribuído um valor moral positivo ao suicídio, como gesto nobre ou expressão da paixão, tratava-se de construções ficcionais amparadas por uma estética idealizada e distante da experiência comum.

A partir do seculo XV, os primeiros humanistas recorreram a outras fontes que lhes oferecessem uma imagem inteiramente diversa sobre o suicídio. As mortes voluntarias de Lucrécio, Catão e Sêneca são resgatadas. Pois, esse período estava mais voltado em resgatar os clássicos gregos e romanos, que enfatizavam a razão, o conhecimento e o estudo da natureza humana.

De acordo com Minois (2018), alguns historiadores do século XIX levantaram a hipótese de que poderia haveria tendências suicidas especificas no Renascimento devido às grandes mudanças políticas e sociais que acometeram aquele período. No entanto, figuras como Émile Durkheim (2002) e Albert Desjaardins (1887) se opuseram a essa perspetiva admitindo que não existem provas relevantes que comprovem o aumento desse índice. Estudos mais recentes, advindo da Escola dos Annales mantiveram-se cautelosos a propósito das afirmações precedentes, apesar da forte influência do método quantitativo em seus estudos, pois consideram que, no caso específico desse fenômeno, as fontes são heterogenias, incompletas e muitas vezes subjetiva.

No entanto, é notório a mudança substancial na produção literárias renascentista em relação à medieval, pois esta última estava fortemente ligada aos valores religiosos da época, enquanto que a literatura renascentista rompe com essas limitações e permite abordar mais livremente sobre diversas temáticas e abordagens, muito embora resgatadas da antiguidade pagã.

O teólogo e filosofo humanista neerlandês, Erasmus Roterdã (2012), importante crítico literário renascentista, aponta que nesse período é possível identificar uma valorização da individualidade e da perspetiva humana nas obras literárias. Os autores desse período tinham mais liberdade para explorar uma gama de temas, incluindo a morte, o romance, a política e a ciência e entre outros.

Além disso, surgem diversas formas literárias novas, como o ensaio, o diálogo e o soneto que permitiam abordar as temáticas em diferentes formas. Outro fator é que as obras não se restringem mais ao público religioso, as obras passar a ser mais acessíveis a burguesia e à pequena nobreza, a camada alfabetizada da população. No entanto, o teatro popular permitia alcançar um público mais amplo, não somente a elite poderia consumir as ideias escrita pelos autores.

Essa liberdade de expressão da literatura moderna ocorreu de forma gradativa. Pois, é importante ressaltar que o suicídio era considerado um assunto tabu e geralmente era visto de forma negativa pela sociedade da época. Portanto, as obras que abordam diretamente esse tema são escassas. É mais provável encontrar referências ocasionais ou indiretas a ele em algumas obras, como nas peças de teatro de Shakespeare, por exemplo, onde personagens como Ofélia da obra Hamlet, o príncipe da Inglaterra; Romeu e Julieta, da tragédia Romeu e Julieta; Lady Macbeth e outros personagens secundários, da obra Macbeth e Cleópatra, da peça teatral Antônio e Cleópatra, cometem suicídio.

Erasmus Roterdã (2012), na obra *Elogio da Loucura*, que critica os aspectos negativos da sociedade da época. Embora não se concentre especificamente no tema do suicídio, esta obra satírica trata de questões sociais e morais e pode mencionar indiretamente assuntos relacionados ao suicídio. Seu principal indicador era a literatura, pois os textos não se dirigiam restritamente ao público religioso. As obras resgatavam a filosofia estoica e epicuristas, sem a interferência cristã podiam compor uma moral paralela. Histórias de suicídios heroicos, altruístas são resgatados. Personagens históricos e mitológicos são resgatados e a tradição do suicídio por amor se torna um dos fundamentos do romance cortês. Nas palavras do historiador Minois (2018, p. 78) nesses casos:

> Exaltado nesse caso pela beleza do gesto e do sentimento, o suicídio tem, portanto, um valor moral positivo quando é provocado por motivos nobres. Verdadeiro manual de conduta do nobre renascentista, O cortesão consagra a passagem do suicídio da esfera romanesca para a da vida aristocrática real.

Essa leitura demonstra como, no Renascimento, o suicídio pôde ser reinterpretado dentro de um código de honra, deslocando-se do imaginário literário para a prática

aristocrática, onde era visto como gesto de nobreza, coragem ou resistência. Nesse contexto, a morte voluntária não era apenas uma fuga individual diante da dor, mas também um ato que conferia sentido social e legitimidade ao sujeito, reforçando sua posição dentro de uma hierarquia de valores. A perspectiva apresentada por Minois (2018) revela como a cultura ocidental, ao longo do tempo, atribuiu significados distintos ao suicídio: ora o condenando como pecado e crime, ora o enaltecendo como prova de virtude e dignidade.

Essa ambiguidade histórica é fundamental para compreender como o tema ressurge na literatura contemporânea, inclusive em *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras. Embora a obra não trate o suicídio como gesto heroico ou aristocrático, o texto dialoga com a tradição de atribuir sentidos ao ato, deslocando-o para outro campo: o do luto e da dor social. Se antes a morte voluntária podia ser vista como resistência ou honra, em *Crocodilo* ela aparece como experiência traumática que rompe vínculos familiares e sociais, evidenciando a permanência do estigma e a dificuldade cultural de lidar com a perda. Ao recuperar essas diferentes leituras históricas, a análise de Minois (2018) permite iluminar o contraste entre o passado, em que o suicídio podia ser legitimado como valor, e o presente, em que ele permanece marcado pelo silêncio, pelo tabu e pela experiência íntima do sofrimento.

Essas diferentes formas de significar o suicídio ao longo da história revelam como ele sempre esteve atravessado por valores sociais, culturais e simbólicos. Em determinados momentos, o ato foi interpretado como sinal de honra e fidelidade, sobretudo quando ligado a ideais de nobreza ou devoção conjugal. Nesse sentido, exemplos literários e históricos ajudam a compreender como a morte voluntária foi representada e, muitas vezes, enaltecida como gesto de lealdade ou coragem.

A exemplo disso, a obra *The Defence of Good Women*, em tradução nossa *A defesa das mulheres virtuosas*, escrita por Thomas Elyot (1530 apud Minois, 2018) retrata o suicídio de Pórcia, filha de Catão e esposa de Brutus, o assassino do imperador Júlio César. A outra personagem é Pompeia Paulina, esposa do filósofo Sêneca, que tentou suicidar-se junto com o marido. A atitude tomada por essas personagens/personalidades é representada de maneira honrosa, pois preferiram a morte a serem infiéis aos seus maridos, princípios de lealdade ou coragens.

A tragedia Shakespeariana, Romeu e Julieta (2016) divide-se entre a condenação e a compaixão diante do suicídio dos célebres protagonistas. Obra que permite o debater sobre o suicídio a partir de enfoques sociais, pois apesar de ser reconhecida como história de amor, a peça aborda, em seu enredo, questões sobre a ordem política da época, as instituições sociais como a família e a igreja, as convenções sociais, e a guerra civil da cidade de Verona, na Itália.

A personagem Julieta, representa uma mulher corajosa, que recusa um casamento arranjado pelos pais, culturalmente aceitável para a época, e se casa, em segredo, com um membro de uma família nobre rival.

Nessa obra, o suicídio é evidenciado como recurso no caso do amor impossível: "(...) a morte voluntária é apresentada como uma decisão corajosa que glorifica os heróis e redime os maus" (Minois, 2018 p. 192). Como o contexto é a guerra civil entre as famílias Capuletos e Montéquios. Os suicidas não são considerados assassino de si mesmo, mas como uma vítima dos males da sociedade. Um modo de interpretação aceitável cujo valor depende, antes de mais nada, dos motivos. Conforme Paulin (1977 *apud* Minois, 2018, p. 133), no caso do romance cortes:

> O sentido do suicídio é dado pelo momento dramático e poético como um todo. É por isso que Shakespeare não nos propõe uma apologia do suicídio, e sim uma apologia do amor, ou, mais precisamente, do amor tal como foi vivido por Romeu e Julieta. Nessa ótica existencial, o suicídio não apenas coroa vida; ele a prolonga.

Neste ponto é importante ressaltar que os autores desse novo período histórico que sucede o período medieval, chamado de Idade Moderna, não fazem apologia ao suicídio. Pois, embora, algumas obras apresentem o suicídio sob uma ótica favorável, admiráveis em algumas circunstâncias, não precisam, necessariamente, ter vínculo com a moral tradicional, e podem seguir outros critérios estéticos, baseados no contexto histórico de produção da obra.

Outra obra de sua autoria, *Hamlet, o Príncipe da Dinamarca*, Shakespeare (2009) cria um dilema memorável, ser *ou não ser, eis a questão*. Essas palavras são ditas pelo protagonista da peça, Hamlet, que apresenta ideações suicidas ao refletir sobre a condição humana logo após a investigação sobre a morte do seu pai. O personagem também vivencia o contexto de guerra entre a Dinamarca e Noruega. Todavia, Hamlet não cometeu suicídio. Já outros personagens da mesma história cometem suicídio em momentos de total desespero, sem avaliar as circunstâncias, Ophelia, que era apaixonada por Hamlet, enlouquece após a morte de seu pai e acaba se afogando. Seu irmão, Laertes, escolhe o mesmo destino, motivado pela vingança devido a morte de seu pai e acaba se matando ao final da peça.

Uma observação feita por Minois (2018), em análise da obra, é, justamente, a oposição entre o falar e o agir. Apontando ao final que falar sobre o assunto enfraquece sua determinação. Vemos, então, a referência de uma terapia, realizada nessa literatura, que através da desmistificação dos verdadeiros motivos podemos evitar o suicídio. Nesse sentido, os autores delineiam os conflitos de sua época e os espectadores do teatro ou os leitores das obras

podem liberar nelas suas frustrações e até encontrar nelas a negação de seus conflitos existenciais.

> Na sociedade estável, o espectador vê no teatro, com o triunfo do bom sobre o mau, a confirmação confortável de suas certezas morais; na sociedade instável, ele encontra, com os conflitos de valores e a morte voluntária do herói dilacerado, a confirmação tranquilizadora de suas próprias dúvidas, além da libertação simbólica através do suicídio desse mesmo herói. O espectador se associa em espírito a esse ato que ele, com medo do além, não ousa cometer, na companhia desse personagem excecional cuja conduta ele admira e que não poderia, de maneira nenhuma, estar enganado (Minois, 2018, p. 136).

Nessa mesma perspectiva, outra obra de autoria de Shakespeare (2020), o poema *O Estupro de Lucrécia*, narra a história de uma mulher romana que cometeu suicídio após ser estuprada pelo filho do rei Tarquin. A personagem discursa sobre o desejo de morrer. No entanto, acaba se dando conta de que, ao ficar muito tempo avaliando seus motivos, assim como Hamlet, personagem de uma história distinta, o fez, corre o risco de se desviar do ato decisivo. Ao final, Lucrécia chega à conclusão dizendo: "Essa fumaça estéril de palavras não me faz justiça", Hamlet, por sua vez, decide viver, afirmando: “O que é a honra? Uma palavra. (…) Sendo assim, não a quero. A honra, não passa de um símbolo. (Minois, 2018, p. 131-132).

Ao realizar a comparação entre as duas obras shakespearianas, Minois (2018, p. 107) acrescenta que “A tentação do suicídio em Hamlet é a expressão mais acabada de uma preocupação que marca o pensamento inglês e europeu durante os anos 1580 à 1620”. O contexto de produção da obra é a Europa que vivencia, nesse período, o questionamento de todos os valores, “todas as normas são contestadas e todas hipóteses são testadas, as certezas são questionadas e os conhecimentos são subvertidos” (Minois, 2018, p.99). As frequências do assunto nos textos literários revelam o intenso desejo dos autores em discutir sobre os fenômeno social, tal qual o suicídio. E, que nesse momento, estão em busca de questionar as proibições tradicionais, a legitimidade do fenômeno corriqueiro na sociedade, e que vai muito além do debate teológico e moral da idade media, passando a integrar explicações sociológicas, políticas e psicológicas.

No entanto, é importante salientar que Shakespeare não faz o papel do moralista, como escritor é um observador da condição humana em sociedade. Com base em Antonio Candido (2006), os artistas, de modo geral, escolhem certos temas que estão em vigor naquele momento, para aumentar a dimensão de interpretação e reflexão dos leitores sobre o assunto em questão explorado. Nesse sentido, a obra literária passa a ser um sistema simbólico de comunicação entre os indivíduos e é expressão de realidades profundas radicadas na literatura pelo artista.

A importância simbólica de casos de suicídio nas obras de Shakespeare afirma o interesse da época sobre a prática do suicídio. Minois (2018) catalogou 52 obras shakespearianas que exploram essa temática. Dentre elas, estão *Macbeth,* que narra a história de um general escocês que, impulsionado por sua esposa Lady Macbeth, assassina o rei Duncan para tomar o trono. A personagem Lady Macbeth, sofrendo de remorso e culpa, comete suicídio. Além disso, outros personagens secundários também morrem pelas mesmas razões. Outro exemplo é a obra *Antônio e Cleópatra*, uma peça que retrata o relacionamento entre o general romano Marco Antônio e a famosa rainha egípcia Cleópatra, que comete suicídio através da picada de uma cobra venenosa quando ouve falsas notícias sobre a morte de Marco Antônio. Esses são apenas alguns exemplos das obras do dramaturgo mais difundidas pela Europa. O fato dessas obras serem apresentadas no teatro popular por volta do século XVI e XVII, demonstram que nesse momento de transição e de transformação no cenário político e também intelectual torna sintomática e clara a crise de consciência cultural da época e que é explicada, em partes, pelas mudanças que Minois (2018, p. 134) classificou como:

> A passagem da escolástica à razão analítica, do mundo fechado ao universo infinito, do humanismo à ciência moderna, do mundo das propriedades à linguagem matemática, da verdade imutável à dúvida sistemática, da certeza ao questionamento crítico, da unidade cristã à divisão entre confissões rivais, não pode ocorrer sem que o sistema de valores seja profundamente abalado.

Mesmo com todas essas mudanças, a descriminalização não entra em vigor ainda no seculo XVII, os discursos a despeito das proibições não inibem o comportamento. Os tratados teológicos, morais ou jurídicos tem pouca repercussão sobre os fatos. Pois, suicídios ocorrem no ritmo dos sofrimentos e frustrações das pessoas.

No entanto, o debate sobre a morte voluntaria tinham sensibilizado o público devido ao aumento da divulgação dos casos por parte da impressa. Este fator, gerou para a literatura, em meados do século XVIII, um desentendimento, sobretudo, a obra *Os sofrimentos do jovem Werther,* escrita por Johann Wolfgang von Goeth (2021). Nesse romance, o jovem protagonista Werther se mata por ter sido rejeitado por uma mulher casada que ele amava. Logo após a publicação da obra em 1774, a obra foi acusada de fazer apologia e sugerir a morte de jovens que passam por conflitos amorosos. A Werthermania ou o efeito Werther foi a nomenclatura adotada pelo sociólogo David Phillips, em 1974, com o objetivo de definir o comportamento suicida por imitação.

A repercussão negativa em torno da obra, acusada pelos moralistas locais, ocasionou a proibição da venda dos exemplares em algumas regiões da Europa, o que coagiu

Goethe a inserir “a partir de 1775 uma quadra no frontispício da segunda versão de Werther que terminava assim: Seja homem, diz ele, não siga meu exemplo” (Minois, 2018, p.335).

Essa grave acusação logo foi retirada, já que repercutia sobre todas as manifestações artísticas e a literatura, pois há séculos o tema vem sendo abordado pelos escritores, mesmo com as tentativas de censura. Este fenômeno foi mais tarde interpretado por Durkheim (2002) como uma reação aos estudos de casos que conduzem o ato a um fenômeno social, não somente como uma decisão individual, mas induzida coletivamente, no meio social no qual o indivíduo está inserido.

Outro fator é que, nesse contexto histórico, o fenômeno é estudado pela medicina e relacionado a doença, histeria ou loucura, derivada da melancolia depressiva e tédio estremo. O doutor em psiquiatria, Napoleão Teixeira (1948), que escreveu uma tese sobre o suicídio, acreditava nessa sugestão, defendia que a tendência suicida decorria de um transtorno psicofisiológico, portanto, era passível de tratamento através de métodos que controlem o humor.

Desse modo, de acordo com o historiador Minois (2018), por volta do século XVIII, o temor de que, quanto mais se falava de suicídio, mais mortes voluntárias aconteciam, aumentou significativamente. E o assunto passa a ser considerado um tabu, a impressa passa a ser proibida de divulgar os meios e recursos utilizados pelos suicidas. Contudo, as autoridades médicas perceberam que, mesmo com o silêncio e com a censura dos casos, a taxa de suicídios continuava crescendo e o fenômeno continuava sendo comum na sociedade. Revelou-se, então, a inutilidade do silêncio, e outros métodos de prevenção passam a ser adotados atualmente.

O romance *A Redoma de Vidro*, escrito por Sylvia Plath (2019), aborda o suicídio sob a perspectiva da depressão, marcada pela ansiedade e pela crise existencial. A narrativa acompanha a vida de Esther Greenwood, uma jovem estudante que atravessava períodos turbulentos. Por meio de uma escrita poética, o livro evidencia também fatores externos que contribuíram para o sofrimento da protagonista, entre os quais se destacam: as pressões sociais para que assumisse os papéis tradicionais de esposa e mãe; as cobranças impostas às mulheres da década de 1950; as dificuldades enfrentadas em seu estágio em uma revista de moda em Nova York; relacionamentos amorosos frustrados; o abuso sexual cometido por um professor da faculdade; e as inseguranças relacionadas à maternidade, que comprometiam sua visão de futuro profissional.

Todos esses fatores conduziram a personagem Esther a buscar tratamento psiquiátrico, com uso de medicações, internações e eletrochoques, procedimentos comuns na sociedade da

época, mas que não foram suficientes para ajudá-la a lidar com suas lutas e angústias.O livro é considerado um romance semiautobiográfico, pois foi pulicado após o suicídio da escritora e por se assemelhar a sua vida pessoal. O livro se tornou um marco na literatura feminista e é considerada uma obra-prima da literatura americana do século XX.

O fenômeno continua sendo abordado pela literatura contemporânea até os dias atuais. Uma das obras mais conhecidas sobre o tema é *as intermitências da morte*, do escritor português José Saramago, publicada em 2014. Nessa obra de gêneros romance e ficção especulativa, o autor explora a morte de maneira geral. Embora o enredo principal não seja diretamente sobre suicídio, a ausência da morte gera um declínio social, pois a história se passa em um país onde as pessoas simplesmente param de morrer. Um enredo que resgata questões filosóficas e éticas relacionadas a morte que lembram a análise realizada por Nobert Elias (2001), no livro *Solidão dos Moribundos*, sobre o processo de finitude humana, o intenso medo da sociedade e os impactos que ela causa nas relações sociais.

Elias (2001) argumenta que a sociedade moderna evita falar sobre a morte o que torna ela um tabu. O distanciamento causado pela hesitação, tem se tornado um processo cada vez mais natural na civilização. Isso tem acarretado resulta em uma solidão peculiar dos idosos e das pessoas com comorbidades, que muitas vezes sofrem em silêncio, sem o apoio necessário durante essa fase crucial de suas vidas.

Ao discorrer sobre a manifestação extrema dessa solidão, o sociólogo sugere que isolamento social, desamparo emocional e a disparidade entre a individualidade e a solidariedade coletiva podem levar os indivíduos ao suicídio. Em síntese, o livro destaca a importância de uma abordagem mais clara e empática em relação à morte e ao suicídio. Sugerindo, portanto, que o tema deve ser discutido abertamente para que tanto os profissionais de saúde, como a famílias e membros da comunidade possam oferecer apoio adequando nesses casos.

Na literatura contemporânea, essa abordagem é profundamente tensionada. A obra *Crocodilo*, de Javier Contreras, desloca o foco da morte voluntária em si para o silêncio e o sofrimento que ela impõe aos que permanecem. O suicídio, agora, não é mais apresentado como uma escolha heroica ou transgressora, mas como um acontecimento traumático que rompe os laços simbólicos, afetivos e discursivos, revelando o vazio deixado pela ausência de sentido.

Outras obras de destaque também citada na obra de Contreras são Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf. Nesse romance modernista, a autora apresenta uma personagem que sofre de transtorno de estresse pós-traumático advindos de sua participação na primeira Guerra

mundial. A obra explora o tema da depressão e do suicídio. Em *O Estrangeiro*, de Albert Camus (2018), é outra obra que trata do suicídio como uma fuga dos problemas e das pedras que surgem o caminho. É uma novela publicada em 1942 que resgata o ensaio, *O Mito de Sísifo*, também publicado por Albert Camus (2018) na mesma época. O personagem protagonista da novela é Meursault, um homem apático e indiferente à vida e a família, que acaba condenado pelo crime de assassinato. Durante sua estadia na prisão, enquanto aguarda a pena oficial de seu crime decide se suicidar para fugir das penalidades imposta pela justiça. O livro destaca a filosofia existencialista estudada pelo escritor em outra obra e a relação entre a vida prazerosa e insatisfatória que conduzem ao questionamento existencial.

Outros autores de destaque que também abordaram o tema do suicídio são as obras: *Os Demônios*, escrita pelo russo Fyodor Dostoiévski; *Uma longa queda*, do inglês Nick Hornby; *O apanhador no campo de centeio*, de Jerome David Salinger; *As virgens suicidas*, de Jeffrey Eugenides; *O demônio do meio-dia*, de Andrew Solomon, ambos do norte-americanos. Em resumo, as obras literárias oferecem, desde os primórdios de sua aparição, um espaço para a explorar diversos temas pertinentes em nossa sociedade. Dentre os quais o escolhido como nosso objeto de investigação, o suicídio.

A literatura vem permitindo realizamos reflexões mais amplas sobre essa questão complexa. Obras literária, desde as mencionadas nesses capítulos e muitas outras, são exemplos de como os autores utilizam a ficção para explorar as motivações, as emoções e as implicações que causam o suicídio. De acordo com Terry Eagleton (2019), o processo de criação da obra trata-se de uma interpretação que parte de um ponto de vista, não somente do escritor como sujeito social, mas um ponto de vista histórico coletivo. O modo de como se concebe ou se analisa uma situação específica varia em parte e proporção pelo contexto histórico de produção e publicação. E a ficção não se distancia tanto do real, mas objetifica o imaginário do criador e do espectador.

Assim, através dessas obras, podemos obter visões valiosos sobre a filosofia existencial de cada época, a natureza humana como um todo e a importância de garantir um ambiente social e emocionalmente seguro para aqueles que lutam contra a ideação suicidas ou com suicídios de membros próximos. É com base nessa perspectiva que fomos buscar a obra *Crocodilo* de Javier Conteras (2019), uma literatura contemporânea de um escritor brasileiro. Que escreve sobre os processos de luto e os rearranjos vividos por um pai que perdeu precocemente seu único filho para o suicídio.

A leitura das principais obras analisadas ao longo deste capítulo evidencia que o suicídio, embora tratado de formas distintas em cada época, seja como honra, pecado, loucura

ou resistência, sempre carregou um forte conteúdo simbólico e social. Essa multiplicidade de sentidos, vista nas tragédias gregas, nos poemas medievais, nas peças de Shakespeare e nas narrativas modernas como *Redoma de Vidro* (2019) e *Os sofrimentos do jovem Werther* (2021), encontra eco na literatura contemporânea. Em *Crocodilo* (2016), Javier Arancibia Contreras atualiza essa tradição ao apresentar o suicídio como um gesto radical, silencioso e, sobretudo, socialmente invisível. Ao citar casos reais de figuras históricas e culturais que ceifaram a própria vida, como Virginia Woolf, Stefan Zweig e Santos Dumont, o autor não apenas aproxima sua obra da realidade, mas também retoma a tradição literária que vê no suicídio uma expressão da dor diante de um mundo em crise. Dessa forma, *Crocodilo* se insere na linhagem das obras que tratam o suicídio como denúncia e clamor, ampliando o campo de compreensão do fenômeno e reafirmando o papel da literatura como espaço de escuta, memória e crítica social.

Dentre as obras apresentadas, *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras se destaca por sua abordagem única e profunda do tema do suicídio. Enquanto as outras obras citadas exploram o tema de maneira mais geral ou focalizam a perspectiva do indivíduo que comete o ato, *Crocodilo* se diferencia ao adotar a perspectiva dos entes queridos que ficam para trás, lutando para entender os motivos que levaram a pessoa a escolher esse fim. Essa abordagem inovadora permite uma reflexão mais profunda sobre as consequências do suicídio e o impacto que ele tem sobre aqueles que ficam para trás, tornando *Crocodilo* uma obra fundamental para a compreensão desse tema complexo.

4. O SUICÍDIO EM *CROCODILO*: O LUTO COMO NÚCLEO NARRATIVO

"*Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento*" (Contreras, 2019, p.9). Assim, é dado início a obra *Crocodilo* de Javier Arancibia Contreras, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira contemporânea (Silva; Valentim, 2021). O livro narra os processos de luto e os rearranjos vividos por Ruy, um jornalista consagrado de setenta e três anos, que tenta lidar com a dor dilacerante da perda do seu único filho, *Pedro,* um cineasta jovem e premiado.

O romance *Crocodilo*, de Javier Contreras, é uma ficção profundamente ancorada na realidade social contemporânea, que aborda o suicídio de forma ética e crítica. A história se estrutura em oito capítulos (Dia Zero a Dia 7), funcionando como uma espécie de diário de luto de um pai que se vê órfão de filho, expressão que dá título à dissertação. A obra alterna introspecção, análise crítica da sociedade e memória afetiva. Ruy, o protagonista, questiona instituições, revisita traumas familiares e analisa a espetacularização da morte, ao mesmo tempo em que tenta entender o gesto extremo de Pedro. Ao citar casos reais de suicídio e refletir sobre o tabu que envolve o tema, o romance aproxima literatura e realidade, questionando os limites da representação artística diante da dor.

O título da dissertação "Órfão de filhos" surge a partir da própria fala do narrador, que se reconhece como alguém que sobrevive à morte do próprio filho. A obra, embora ficcional, se ancora em casos reais de suicídio e em reflexões filosóficas e sociológicas, como a célebre frase de Albert Camus: "Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio" (Camus, 1996). A narrativa mistura ficção e realidade ao citar casos verídicos de suicídio, como figuras públicas, grandes artistas, escritores, filósofos e políticos. Esse aspecto da narrativa parte do pressuposto de que a literatura, como observa Antonio Candido (2006), não apenas imita a vida, mas a interpreta e a projeta em seus conflitos mais íntimos e coletivos.

Nesse sentido, *Crocodilo* se mostra uma obra que não tematiza o suicídio de maneira espetacularizada, mas sim como um acontecimento que desestabiliza a lógica cotidiana e convoca o leitor à empatia e à reflexão. O que justifica a escolha dessa obra, o seu caráter contemporâneo e pelo modo singular como elabora a experiência do luto e a fragilidade das relações humanas. Em *Crocodilo* não estamos apenas diante do suicídio, mas também somos confrontado com a dor do outro.

O escritor, Javier Arancibia Contreras, é brasileiro, com descendência chilena. Seus pais foram exilados do Chile depois do golpe militar de 1973. Desde então, a família se radicou no

Brasil, onde vivem até hoje. Nascido em 1976, formou-se em formalismo e tem bacharelado em letras, literatura. Atuou profissionalmente como repórter policial até se dedicar exclusivamente a literatura. Dentre suas produções, escreveu um livro-reportagem e outros três romances. Sua primeira obra foi a ficção *Imóbile*, publicado em 2008; O livro, *O dia em que eu deveria ter morrido*, 2010; *Soy loco por ti, américa*, de 2016; e sua criação mais recente, *Crocodilo*, publicada em 2019. O jovem escritor já foi finalista de um dos principais prêmios literários brasileiro, o prêmio Jabuti Criado em 1959 e concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Em 2012 foi escolhido pela revista literária inglesa Granta como um dos vinte melhores escritores brasileiros com menos de quarenta anos. Também foi finalista, por duas vezes consecutivas, do Prêmio Internacional Leya, a última em 2018 com o nosso objeto de pesquisa a obra *Crocodilo*. A Companhia das Letras publicou recentemente a sua obra Soy loco por ti, América, mais difundida atualmente.

4.1 Análise do luto: do Dia Zero ao Dia 7

No enredo da obra *Crocodilo* somos apresentados a uma história envolvente repleta de mistérios e reviravoltas. A história se inicia com o intrigante suicídio do jovem Pedro. Nas palavras do próprio protagonista, Toni Ruiz, o pai da vítima: "*Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento*" (Contreras, 2019, p.9). O problema está apresentado desde as primeiras linhas, desde o Dia Zero e se estende por mais sete consecutivos dias em que o pai buscar por explicações da escolha do filho. Logo após a cremação, Ruy decide então empreender uma investigação sobre as razões do suicídio, mobilizando toda sua experiência enquanto jornalista policial para compreender as motivações do filho em findar a própria vida. A morte trágica e abrupta instala um luto inescapável. Philippe Ariès (1977) afirma que as sociedades contemporâneas suprimiram os rituais coletivos de luto, relegando a dor à esfera privada. Contreras retrata esse silêncio de forma incisiva: "Em nenhum momento qualquer um de nós pronunciou a palavra dura e incômoda que se tornou um tabu de proporções universais: suicídio" (Contreras, 2019, p. 15).

Esse silêncio é revelador de uma recusa coletiva em lidar com a morte voluntária, o que se alinha ao diagnóstico de Philippe Ariès (1977), segundo o qual a morte nas sociedades contemporâneas foi relegada ao íntimo, ao invisível, desprovida de rituais públicos que deem conta do luto e da dor. Norbert Elias, por sua vez, em *A solidão dos moribundos* (2001), evidencia como a modernidade afastou os moribundos do convívio social, fazendo da morte um evento solitário e desamparado. O suicida, nesse contexto, representa a figura extrema desse

isolamento: nem mesmo sua morte pode ser plenamente dita. Georges Minois (2018) denuncia esse fenômeno, chamando-o de “tabu moderno”, ao observar que, apesar de descriminalizado, o suicídio permanece cercado de estigmas e omissões, especialmente quando praticado por jovens. O tratamento midiático do caso de Pedro, personagem do romance, confirma essa invisibilização: “Nenhum veículo quis contar a verdade. […] A clássica matéria sobre o suicida na qual em nenhum momento se usa a palavra suicídio” (Contreras, 2019, p. 78). Essa recusa de nomear impede o luto coletivo, nega o sofrimento dos enlutados e perpetua a exclusão simbólica dos que morrem por sua própria decisão.

Nesse sentido, a obra pode ser tomada como uma forma de denúncia, trazendo à tona a forma como o suicídio continua sendo um tabu, mesmo em sociedades que se concebem como secularizadas. Ninguém pronuncia a palavra “suicídio”, reforçando o silenciamento em torno da morte voluntária. Nessas condições, o personagem é obrigado a reprimir ou expressar o choro apenas em âmbito privado, isolado, silenciado: “Foi dessa maneira, trancado ali, sozinho e baixinho, que chorei pela primeira vez” (Contreras, 2019, p. 35).

Seguindo com a descrição dos acontecimentos na narrativa, o impacto inicial do luto é descrito logo no primeiro momento da história, nomeado de dia zero, com o momento em que Ruy, pai de Pedro, recebe a notícia do suicídio do filho. O evento é descrito com crueza, sem qualquer tentativa de suavização. Ruy mergulha numa realidade brutal: “Fui para lá cerca de duas ou três horas depois do incidente […] colocaram-no dentro de um saco emborrachado cinza com zíper, daqueles que vemos mais em filmes que na vida real” (Contreras, 2019, p. 12). A constatação da morte inaugura uma jornada emocional marcada pelo silêncio e pela tentativa de racionalizar o irracional.

Philippe Ariès (1977) afirma que a morte nas sociedades contemporâneas se tornou algo que evitamos mencionar, sendo cada vez mais ocultada e privatizada. A negação da dor é evidenciada logo neste primeiro momento pela tentativa institucional de consolar o pai com frases automáticas: “Ele não sentiu dor”, dizem os legistas (Contreras, 2019, p. 13), numa tentativa de suavizar o inominável. Esse é o primeiro sintoma da sociedade que reprime o luto e a morte.

No dia seguinte, o velório de Pedro traz à tona o abismo entre o pai e os demais enlutados. Ruy se vê deslocado em meio à comoção dos amigos do filho, que vivem o luto de forma descontraída, até celebratória: “Eu olhava para todas aquelas pessoas e me perguntava se elas tinham a mais rasa ideia do que se passava dentro de mim” (Contreras, 2019, p. 34). A forma coletiva aceita, tacitamente reproduzida era, porém, superficial, era uma forma de lidar

com a tragédia que contrastava fortemente com o sofrimento sentido pelo pai, pela ausência, pela falta.

Nesse contexto, a obra, tratando do luto e do suicídio, apresenta uma crítica contundente à superficialidade das redes sociais que refletem a complexidade da interação humana no ambiente social. Durante o velório do filho, o pai observa que as pessoas se limitam a postar fotos e mensagens de condolências, sem compreender a profundidade do sofrimento dos pais, criando uma ilusão de apoio e conexão, quando na verdade os familiares estão isolados em sua dor. Contreras (2016) carrega a mensagem que a dor e a luta para lidar com a perda do suicida são ignoradas, e o fato de o filho ter se matado é silenciado, reduzido a uma mera "tragédia". Essa falta de compreensão e empatia leva o pai a sentir-se isolado e a buscar refúgio no alcoolismo, simbolizando a fuga da dor e da realidade.

No segundo dia, Ruy desperta com ressaca e vergonha: “Um velho de setenta e três anos se arrastando pelo chão como um adolescente bêbado” (Contreras, 2019, p. 36). A vergonha pública se soma à dor íntima. Ele começa a acompanhar a repercussão da morte na mídia e nas redes sociais e se espanta com a omissão da causa da morte: “Era como se Pedro tivesse simplesmente desaparecido” (Contreras, 2019, p. 41). Essa invisibilização reflete o que Émile Durkheim (2002) identifica como o tratamento moral e institucional do suicídio como um problema a ser ocultado, ainda que seja um fato social.

Émile Durkheim (2002) afirma que embora o suicídio seja um fato social, um fenômeno regular e previsível estatisticamente, as instituições sociais, como a Igreja, a família e o Estado, tentam ocultá-lo ou silenciá-lo, por não se encaixar nos ideais morais e nas normas de coesão social. Durkheim observa que a moralidade dominante tende a tratar o suicídio como um desvio individual, ignorando suas causas coletivas. Ele escreve: “as sociedades têm o hábito de tratar como se fossem apenas falhas pessoais aquilo que, em realidade, decorre de seu próprio modo de organização” (Durkheim, 2002, p. 182).

Ao invés de enfrentarem o suicídio como um problema coletivo e estrutural, muitas instituições optam por tratá-lo como uma tragedia decorrente de fatores psicológicos, associando-o à culpa, vergonha ou pecado. Esse tipo de abordagem moralizante, segundo Durkheim (2002), prejudica a real compreensão do problema e impede que se estabeleçam políticas públicas eficazes de prevenção. Passado mais de um século da obra, parece que um dos principais convites da obra restou igualmente silenciado: “Enquanto o suicídio continuar sendo visto como um escândalo individual e não como sintoma de desorganização social, será impossível enfrentá-lo de forma racional” (Durkheim, 2002, p. 193).

No romance de Contreras (2019), o episódio do velório de Pedro revela de forma visceral o fracasso de Ruy em sustentar o rito social do luto e a intensidade do colapso emocional que o leva à fuga. Diante da tentativa dos presentes de transformar a despedida em uma celebração artística da vida de Pedro, com músicas, filmes e homenagens, Ruy experimenta não apenas desconforto, mas uma crescente sensação de despersonalização da dor, como se o filho tivesse sido apropriado por estranhos. “Pedro não era o artista deles. Pedro era meu filho” (Contreras, 2019, p. 33), afirma, num gesto que reafirma sua posição de pai diante do espetáculo público da morte.

O acúmulo de interações sociais, a superficialidade das condolências e a banalização do sofrimento pelas redes sociais minam sua capacidade de sustentar o espaço coletivo da perda e encontrar nele alguma forma de acolhida. Exausto, perdido, retira-se para um canto isolado, onde adormece e sonha com o filho, num reencontro simbólico que traz à tona o sentimento de culpa, abandono e impotência. Ao acordar, exposto e julgado pelos olhares dos presentes, Ruy rompe com o velório:

> Eu olhava para todas aquelas pessoas e me perguntava se elas tinham a mais rasa ideia do que se passava dentro de mim para me fazerem acusações com seus olhares inquisidores. Aquilo que havia acontecido fora a gota d'água para que um velho turbilhão tomasse conta de mim. Uma mistura explosiva de excitação, loucura e total falta de comprometimento com a realidade […] fui até o estacionamento, achei o meu carro, abri a porta e entrei. E foi dessa maneira, trancado ali, sozinho e baixinho, que chorei pela primeira vez desde que recebi o telefonema dizendo que o Pedro havia morrido (Contreras, 2019, p. 36).

A cena evidencia um luto interrompido, que não encontra amparo nem nos rituais sociais nem na intimidade conjugal, levando Ruy ao isolamento, ao silêncio e à dor não simbolizadas, marcas de um sofrimento que não consegue ser (re)elaborado.

O terceiro dia marca uma virada investigativa. Ruy resgata seu instinto jornalístico e decide reconstruir os últimos passos do filho: “Eu era um repórter acima de tudo e, como tal, deveria me valer disso para apurar a morte do meu filho” (Contreras, 2019, p. 51). Ao procurar Clara, ex-namorada de Pedro, e vasculhar o apartamento do filho, começa a perceber os indícios do isolamento e da dor invisível que ele não havia enxergado no filho.

A análise subjetiva de Ruy aproxima-se da ideia de “trabalho de luto” freudiano, mas sem sucesso: cada novo elemento encontrado, gravações, bilhetes, fotos, apenas aprofunda o abismo de incompreensão. A memória afetiva torna-se o único elo possível com o filho morto. Segundo Sigmund Freud, o luto consiste em um processo psíquico de desvinculação da libido investida no objeto perdido, permitindo ao sujeito, com o tempo, voltar a investir afetivamente

em outros objetos. Freud afirma que “o luto normal supera-se ao custo de uma enorme soma de energia psíquica, que se consome no processo de desvincular a libido dos vínculos com o objeto perdido” (Freud, 2010, p. 252). No entanto, no caso de Ruy, essa liberação parece impossível: cada elemento resgatado da presença de Pedro, gravações, bilhetes, fotos, postagens em redes sociais, não permite a elaboração da perda, mas, ao contrário, intensifica a sua permanência, incitando ao reinvestimento

A tentativa de Ruy de encontrar sentido para a morte do filho se choca com a impossibilidade de dar forma racional a um ato que permanece obscuro e insuportável. A cada novo acesso às lembranças do filho, o que emerge não é o alívio da dor, mas o aprofundamento do sofrimento, num movimento que interrompe o ciclo esperado do luto. O pai não consegue retomar sua posição subjetiva no mundo porque não há simbolização suficiente que dê conta da ausência.

Assim, a memória afetiva transforma-se no único elo possível com Pedro, como se a lembrança mantivesse viva a relação, impedindo, paradoxalmente, que o luto se conclua. Nesse aspecto, Ruy aproxima-se mais da melancolia descrita por Freud, um estado em que “a perda é sentida, mas o que foi perdido permanece inconsciente” (Freud, 2010, p. 253). Não há espaço para que o luto seja simbolizado na linguagem e na memória, tornando-se resolutivo. A narrativa evidencia, portanto, o fracasso do “trabalho de luto” e revela a permanência de uma dor que se perpetua na memória, e não se dissolve com o tempo.

O dia quatro, apresenta a metáfora do crocodilo e a infância de Pedro. Neste dia, o símbolo central da narrativa ganha força: o crocodilo. Ruy relembra o fascínio do filho pelo animal no zoológico: “Um animal misterioso e silencioso, que era só olhos e sombras” (Contreras, 2019, p. 60). O crocodilo torna-se metáfora do luto, da dor não elaborada, do que não conseguimos explicar.

Esse símbolo carrega as marcas da masculinidade emocionalmente contida. O pai e o filho compartilham o mesmo silêncio, a mesma incapacidade de expressar a dor. A metáfora denuncia, como aponta Ariès, a falência dos rituais coletivos de luto e, como enfatiza Minois, o isolamento do sujeito diante da morte. Talvez simbolize, para além disso, parte da própria condição masculina contemporânea e as dificuldades para externar a dor, fragilidade e medos.

No quinto dia, Ruy analisa as redes sociais e vídeos do filho e encontra uma aparência de normalidade: “Pedro parecia estar bem… O que houve com ele?” (p. 87). Essa disjunção entre aparência e realidade expõe a lógica da sociedade contemporânea, em que a dor é encoberta pela performance. Como observa Terry Eagleton (2006), vivemos em um tempo de superficialidade estética que abafa a experiência autêntica do sofrimento. A crítica à

espetacularização da vida e à ausência de escuta se acentua: o suicídio não se encaixa na lógica da "vida editada" e, por isso, é excluído do discurso social. A indiferença institucional frente ao ocorrido intensifica o sentimento de desamparo.

No sexto dia, o suicídio é apresentado como uma questão filosófica cultural. O tom ensaístico se intensifica. Ruy evoca figuras históricas que tiraram a própria vida, Florbela Espanca, Virginia Woolf, Stefan Zweig e cita Camus (2018) na epigrafe do livro: "Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio". Essa enumeração remonta à tentativa de encontrar sentido para um ato que escapa à lógica.

Nesse ponto, talvez seria interessante ressaltar o quanto que o romance adquire uma forma híbrida, entre ficção e ensaio, criando em seu bojo um exercício que não deixa de ser similar aos próprios procedimentos de análise aqui realizados. Seu autor, como de resto, nós próprios, habitamos um espaço no qual há contínuo e frequente deslocamento das categorias e lógicas de pensamento entre várias esferas artísticas, filosóficas, literárias e acadêmicas. Não seria equivocado, portanto, pensar que a recusa em encontrar uma causa única para o fenômeno da morte voluntária vai ao encontro de uma concepção largamente difundida de que o suicídio é multifatorial e, como sugerido por Freud e Durkheim, atravessado por camadas inconscientes e sociais.

No último dia, o casal planta uma sequoia ao lado do lago dos crocodilos com as cinzas do falecido. O gesto marca a tentativa de transformar a dor em memória viva. "Acho que o Pedro ficaria feliz por estar aqui, para sempre ao lado da sua sequoia…" (Contreras, 2019, p. 181). Ruy, então, compreende: "Tudo o que está vivo é absurdo. Tudo o que morre é consequência de ter estado vivo" (Contreras, 2019, p. 181). O crocodilo, imóvel até então, começa a nadar. O símbolo da dor contida finalmente se move, indicando uma possível, embora tênue, transição. O luto, segundo Antonio Candido (2006), só encontra alguma resolução quando se torna literatura, quando é partilhado em forma narrativa. *Crocodilo* cumpre essa função de humanização e denúncia, elaborando poeticamente o intratável.

4.2 A metáfora do crocodilo: dor silenciosa e impossibilidade do luto compartilhado

O título do romance *Crocodilo* (2019), de Javier Contreras, está longe de ser arbitrário. A escolha do animal como símbolo que atravessa a narrativa se ancora profundamente na construção subjetiva do narrador e na elaboração do luto pela morte do filho. O crocodilo representa, ao mesmo tempo, o silêncio, a frieza, a contenção emocional e a dor que não

encontra saída. Desde a infância do filho Pedro, o animal já exercia um fascínio: "Um animal misterioso e silencioso, que era só olhos e sombras" (Contreras, 2019, p. 60). A dureza externa contrasta com o turbilhão interior, numa clara metáfora do luto que não se expressa, que é socialmente reprimido. O crocodilo, nesse contexto, não se refere à expressão popular "lágrimas de crocodilo", que designa um choro falso, mas à ausência de choro. A dor do pai não se manifesta em palavras, nem em lágrimas, mas em gestos silenciosos e em atos como o consumo excessivo de álcool, a apatia, o isolamento. Como ele mesmo relata: "Foi dessa maneira, trancado ali, sozinho e baixinho, que chorei pela primeira vez" (Contreras, 2019, p. 80). Esse choro solitário revela não apenas uma contenção emocional, mas uma crítica à masculinidade, a paternidade e à cultura que vê a demonstração de dor como sinal de fraqueza.

No desfecho da obra, a metáfora do crocodilo atinge seu ápice simbólico. Durante a cerimônia de plantio da sequoia em memória de Pedro, o narrador reencontra, no zoológico, o animal que simbolizava o filho: "O velho crocodilo imóvel que me dava calafrios. Senti novamente um torpor, mas tentei disfarçar. Tremia um pouco" (Contreras, 2019, p. 179). A identificação do crocodilo com Pedro é explícita: "Era ele. O crocodilo do Pedro, O crocodilo. O Pedro. Com seus pequenos olhos flutuando sobre a palidez de um lago de águas aparentemente calmas" (Contreras, 2019, p. 180). A calmaria das águas, como a aparência do pai, esconde uma turbulência profunda da dor da morte para o suicídio. Na cena final, depois do enterro simbólico representado pelo plantio da sequoia com as cinzas do filho, o inesperado acontece:

> Ficou bonita a sequoia na terra. De pé, Marta parecia obser-vá-la como se estivesse admirando a criança que Pedro havia sido um dia. E, então, ela sorriu. Um sorriso luminoso e reconcilia-dor, como os do passado. Quanto a mim, foi só ali, naquele exato momento, com aquele sol que parecia filtrar toda a tristeza e a resignação que nos atingiu naquela semana, que compreendi, finalmente, que a morte, assim como a vida, não tem qualquer explicação. Tudo o que está vivo é absurdo. Tudo o que morre é consequência de ter estado vivo. E só o que resta é a jornada de cada um. E o nosso filho, o Pedro, sem sombra de dúvida vivera a sua da melhor maneira que pôde.
> Foi então que, às nossas costas, escutamos um forte estron-do vindo do lago. E, quando voltamos nossos olhares, presencia-mos o improvável: o grande crocodilo começara a nadar (Contreras, 2019, p. 181).

O movimento do crocodilo no final da narrativa, até então imóvel, pode ser interpretado como a liberação simbólica do luto, a reativação da vida após a dor paralisante. Nesse sentido, o crocodilo encarna uma dor que não grita, mas que se arrasta, latente e contínua, como observa Philippe Ariès (1977) ao discutir a privatização do luto nas sociedades modernas. O sofrimento não encontra espaço para expressão pública, e a contenção se impõe como norma. Georges

Minois (1999), por sua vez, destaca como o suicídio permanece um tabu, mesmo em contextos laicos, por afrontar os pilares que sustentam o sentido da vida. A figura do crocodilo, imóvel, silenciosa e antiquada, mas persistente, espelha essa dificuldade de nomear a dor do suicídio e de vivenciar o luto de modo partilhado.

Assim, o título da obra funciona como uma chave simbólica: o *Crocodilo* é o próprio narrador em sua frieza aparente; é Pedro em sua dor silenciosa; é a sociedade que camufla a morte e rejeita o sofrimento. É também, paradoxalmente, o primeiro movimento visível da superação ou, pelo menos, da aceitação da morte, do luto.

4.2.1 A simbologia do réptil: compreender a natureza do crocodilo e do suicídio

A escolha do crocodilo como título e metáfora central na obra de Javier Arancibia Contreras não é arbitrária, mas carrega uma profunda densidade simbólica que ilumina a narrativa e a experiência do luto paterno. O animal, associado em diversas tradições à ambivalência entre vida e morte, proteção e ameaça, silêncio e voracidade, revela-se como uma chave de leitura para compreender tanto o personagem quanto o fenômeno do suicídio, inscrito em uma rede de sentidos sociais e culturais.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 309), o crocodilo é, ao mesmo tempo, "símbolo da voracidade devoradora e do silêncio das águas profundas". Essa dualidade se mostra pertinente ao enredo da obra *Crocodilo*, no qual o pai enlutado se vê tragado por uma dor silenciosa, profunda e quase inominável, que o consome tal qual um predador submerso. A metáfora do animal remete, assim, à impossibilidade de elaborar o luto de forma coletiva: a sociedade, marcada por tabus em torno do suicídio, silencia a experiência do sobrevivente, deixando-o preso a uma dor íntima, subterrânea e devastadora.

A imagem simbólica do crocodilo também se aproxima da tradição junguiana. Clark (1993), ao discutir Jung, observa que os arquétipos ligados a animais aquáticos e reptilianos remetem ao inconsciente primitivo, à sombra e às forças psíquicas incontroláveis. O crocodilo, nesse sentido, encarna o retorno do reprimido: ele emerge das águas turvas trazendo à tona aquilo que a sociedade prefere ocultar, no caso, o suicídio. Em *Crocodilo*, a presença do animal não é literal, mas simbólica, funcionando como personificação do peso psíquico que invade a vida do protagonista após a perda do filho. O silêncio do luto e a falta de reconhecimento social transformam-se em uma "sombra" que corrói sua subjetividade.

Do ponto de vista antropológico, o crocodilo ocupa um lugar ambíguo em muitas culturas. Na tradição egípcia, por exemplo, estava associado ao deus Sobek, ligado tanto à

fertilidade do Nilo quanto à destruição. Essa ambivalência ajuda a compreender o modo como Contreras constrói sua narrativa: o suicídio do filho é, ao mesmo tempo, fim e início, destruição da vida familiar e nascimento de um novo estado existencial para o pai, que precisa aprender a habitar o silêncio da ausência. O crocodilo simboliza, portanto, a transição, o limiar entre mundos, o que se conecta à noção de liminaridade discutida por autores como Victor Turner (1969), ao pensar rituais de passagem. O pai, Ruy, na literatura *Crocodilo* vive justamente esse estado liminar, deslocado entre a vida cotidiana e a impossibilidade de retornar à "normalidade" após a morte voluntária do filho.

Além disso, o crocodilo como metáfora de dor remete ao que Georges Minois (2018) denomina de tabu do suicídio a recusa cultural em integrá-lo às narrativas de morte aceitáveis. O animal encarna o que é perigoso, indizível e interdito, exatamente como o suicídio na modernidade. Assim como o crocodilo vive nas margens entre a terra e a água, o suicídio ocupa uma zona liminar entre a vida e a morte, o social e o privado, o aceitável e o condenável. Ao escolher esse símbolo, Contreras (2019)revela como a literatura pode dar corpo ao que a sociedade insiste em silenciar.

Do ponto de vista da psicologia do luto, o crocodilo representa ainda a experiência de isolamento. A criatura, solitária e silenciosa, funciona como espelho do pai que não encontra palavras, nem lugar social, para expressar sua dor. Como observa Philippe Ariès (2012), a sociedade contemporânea inverteu a relação com a morte, tornando-a indizível e privada. No caso do suicídio, esse processo se intensifica, transformando o sobrevivente em alguém que carrega um peso intransmissível. O crocodilo, nesse sentido, não é apenas metáfora da dor, mas também da solidão radical que marca o enlutado.

Em diálogo com Terry Eagleton (2019), pode-se pensar ainda no crocodilo como símbolo da função ética da literatura. Ao dar nome à dor e corporificar o silêncio em uma imagem concreta, a obra cria um espaço de compartilhamento simbólico que permite ao leitor acessar, ainda que de forma metafórica, o peso do luto. A literatura, nesse sentido, cumpre o papel de transformar a experiência individual em narrativa social, dando voz ao que é culturalmente silenciado.

Portanto, a simbologia do crocodilo articula múltiplas camadas de sentido. Ele é, ao mesmo tempo, predador e guardião, sombra e revelação, silêncio e dor, tabu e resistência. Em *Crocodilo*, Javier Arancibia Contreras mobiliza esse símbolo para traduzir a experiência inominável do pai enlutado, conectando a dor íntima a estruturas culturais mais amplas que moldam nossa relação com a morte voluntária. A metáfora do animal torna-se, assim, chave interpretativa fundamental para compreender como a literatura pode iluminar zonas obscuras

da experiência humana e contribuir para um debate social mais amplo sobre o suicídio e suas reverberações.

4.2.2 A simbologia da Sequoia

No desfecho do romance, o casal de protagonistas decide plantar uma sequoia às margens do lago dos crocodilos, utilizando as cinzas do filho falecido como nutriente para a árvore. Esse gesto aparentemente simples carrega uma densidade simbólica que ilumina não apenas a trajetória do luto, mas também a busca humana por transcendência diante da experiência do suicídio.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 21-23), a árvore, em seu valor simbólico universal, está ligada à vida, à regeneração e à ligação entre céu e terra. Representa o eixo do mundo, o ponto de mediação entre o terreno e o espiritual. A sequoia, em particular, é uma árvore de longa duração e crescimento monumental, conhecida por atravessar séculos e resistir a intempéries. Ao plantar uma sequoia com as cinzas do filho, os pais transformam a morte em continuidade, a ausência em presença, criando um elo perene que resiste ao esquecimento. O gesto traduz a tentativa de reinscrever a perda em uma temporalidade maior, onde a vida do filho permanece inscrita na memória natural.

A simbologia pode ser lida também à luz da psicologia junguiana. Clark (1993), ao discutir o pensamento de Jung, lembra que símbolos naturais como árvores, rios ou montanhas emergem do inconsciente coletivo como representações arquetípicas de processos de transformação. A árvore, nesse sentido, é frequentemente associada ao arquétipo da totalidade e do crescimento espiritual. Plantar a sequoia junto das cinzas é, portanto, um ritual simbólico que dá forma ao processo de individuação do casal: diante da dor inominável, eles buscam integrar a perda em sua própria trajetória, transformando-a em algo maior do que a destruição. Assim, o luto encontra um caminho de expressão e, de certo modo, de cura.

Do ponto de vista cultural, a árvore sempre foi depositária de memórias coletivas. Em muitas sociedades, plantar uma árvore é ato de fundação e de perpetuação: um sinal de que a vida deve continuar para além da existência individual. A sequoia, árvore monumental das florestas norte-americanas, carrega ainda o peso da imortalidade simbólica, pois sua longevidade ultrapassa a vida de várias gerações. Esse aspecto dialoga diretamente com a ideia de resistência: se o suicídio rompe a continuidade da vida, a sequoia plantada sugere a permanência da memória, transformando o gesto desesperado em signo de eternidade.

A narrativa de Contreras torna-se ainda mais potente ao associar o movimento da sequoia ao do crocodilo. Enquanto o animal simbolizava o silêncio, o peso e a dor inerte, a árvore traz um movimento inverso: do crescimento, da verticalidade, da abertura para o alto. Essa oposição revela que, no imaginário da obra, o luto não é estático, mas pode se transformar. Quando Ruy afirma que "tudo o que está vivo é absurdo, tudo o que morre é consequência de ter estado vivo. E só o que resta é a jornada de cada um. E o nosso filho Pedro, sem dúvidas vivera a sua vida a sua vida da melhor maneira que pôde." (Contreras, 2019, p. 181), ele reconhece, pela primeira vez, a circularidade entre vida e morte. A sequoia, então, funciona como tradução simbólica dessa descoberta: da morte nasce algo novo, que não nega a dor, mas a ressignifica.

Ariès (2012), ao tratar da história da morte no Ocidente, lembra que os rituais funerários sempre cumpriram a função de elaborar coletivamente o luto. O gesto dos pais em *Crocodilo* pode ser visto como uma atualização desse rito: ao plantar a sequoia, eles criam um espaço de memória que não é apenas íntimo, mas também público, pois a árvore se tornará presença física e visível. É, portanto, um ato de resistência contra o silenciamento do suicídio, um modo de inscrever a memória do filho no mundo.

Além disso, a sequoia pode ser lida como símbolo de esperança, uma aposta no futuro. Se o crocodilo remete à dor imóvel e ao peso do tabu, a sequoia aponta para a renovação, para a possibilidade de que a vida siga, mesmo marcada pela ausência. Nesse sentido, a obra de Contreras articula duas imagens complementares: o animal e a árvore, a sombra e a verticalidade, o silêncio e a memória.

A leitura de Eagleton (2019) sobre a função ética da literatura ajuda a compreender essa escolha narrativa. Para ele, a literatura não apenas representa o mundo, mas o reinscreve, oferecendo novas formas de compreensão e elaboração. A sequoia, enquanto símbolo narrativo, cumpre esse papel: permite ao leitor enxergar a dor do suicídio não apenas como ruptura, mas também como possibilidade de transformação.

Portanto, a sequoia em *Crocodilo* é mais que uma árvore plantada. Ela é um gesto simbólico de resistência, de memória e de transcendência. Conecta o íntimo ao coletivo, a perda à continuidade, a dor ao renascimento. Em diálogo com a simbologia universal das árvores e com a psicologia arquetípica, a narrativa de Contreras demonstra como a literatura é capaz de dar corpo ao intratável, oferecendo imagens que ajudam a suportar e compreender o que a linguagem muitas vezes não alcança.

Sendo assim, simbologia em *Crocodilo* não se limita ao animal que dá título à obra, mas se amplia ao gesto final do casal: o plantio de uma sequoia com as cinzas do filho. Esses dois

elementos, o crocodilo e a sequoia, formam um eixo simbólico que articula, por um lado, a dor silenciosa e paralisante e, por outro, a possibilidade de transformação e permanência da memória daquela pessoa que partiu.

O crocodilo, imóvel ao longo da narrativa, simboliza a contenção do sofrimento, a impossibilidade de partilhar o luto e o peso do estigma que cerca a morte por suicídio. Como lembram Chevalier e Gheerbrant (1998), animais associados à água profunda frequentemente remetem ao inconsciente, ao reprimido e àquilo que permanece oculto. O crocodilo, nesse sentido, encarna a violência latente da dor que não pode ser verbalizada e que se conserva imobilizada. Somente ao final, quando o casal encontra um gesto de elaboração simbólica, o plantio da árvore, o animal se movimenta, sugerindo a tênue abertura para um processo de ressignificação do luto.

A sequoia, por sua vez, introduz uma simbologia diferente. Trata-se de uma árvore milenar, associada à longevidade, resistência e transcendência. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1998), as árvores, em diversas culturas, funcionam como eixos que ligam céu e terra, morte e vida, finitude e eternidade. A leitura junguiana (Clark, 1993) permite compreender esse gesto como um arquétipo de transformação: plantar uma sequoia junto às cinzas é projetar no futuro a continuidade da vida, simbolizando que a morte, embora ruptura, também pode gerar permanência na memória. Nesse sentido, a árvore funciona como metáfora do luto transformado em permanência, oferecendo ao casal e ao leitor um horizonte ético e simbólico de transcendência.

O contraste entre os dois símbolos, o crocodilo imóvel e a sequoia ascendente, cria uma tensão fundamental na narrativa. O primeiro remete à dor paralisada e ao silêncio social que envolve o suicídio; o segundo aponta para a tentativa de ressignificação, de transformar a ausência em memória viva. Enquanto o crocodilo simboliza o peso e a imobilidade do trauma, a sequoia simboliza a verticalidade e a possibilidade de um futuro, mesmo que marcado pela dor.

A presença desses dois símbolos evidencia como Javier Arancibia Contreras utiliza elementos naturais para traduzir o indizível da experiência do luto. O crocodilo denuncia a violência do silêncio que isola os sobreviventes, enquanto a sequoia sugere a possibilidade de elaborar a perda por meio de gestos de memória e permanência. Ao colocar ambos em diálogo, a narrativa mostra que o luto não se resolve plenamente, mas pode encontrar espaços de transformação.

Essa tensão simbólica reforça a função ética da literatura destacada por Antonio Candido (2017) e Terry Eagleton (2019): transformar o sofrimento individual em experiência partilhável,

ampliando a compreensão social de um fenômeno tão doloroso e, ao mesmo tempo, tão ocultado pela cultura.

A leitura de *Crocodilo* mostrou que a literatura, ao lidar com o suicídio, não apenas tematiza a dor, mas a traduz em símbolos capazes de iluminar a experiência humana. O crocodilo, pesado e imóvel, encarna o silêncio social, o tabu e a dor paralisada que cercam a morte voluntária. Em contraste, a sequoia, erguida com as cinzas de Pedro, representa a tentativa de ressignificação, a permanência da memória e a abertura para uma transcendência possível. Esses dois símbolos, quando colocados em diálogo, revelam a complexidade do luto: entre o peso do indizível e a verticalidade da esperança, entre o trauma que paralisa e o gesto que projeta vida no futuro. Encerrar esta dissertação com essa dupla imagem é reafirmar que a literatura, como defende Candido (2017), é espaço de humanização e denúncia: lugar em que a dor se torna palavra, a ausência se torna memória, e o silêncio encontra, finalmente, voz.

4.3 Da crítica social às consequências para os familiares e a função ética da literatura

Se, por um lado, os símbolos do crocodilo e da sequoia revelam as dimensões íntimas e arquetípicas do luto, por outro, a obra *Crocodilo* (2019) não se limita ao plano simbólico ou individual. A obra também exerce uma crítica social contundente ao expor as consequências do suicídio para os familiares e ao denunciar o modo como a sociedade, em especial a mídia, trata esse tipo de morte. Javier Arancibia Contreras recorre a referências de livros reais, além de citar escritores, artistas e políticos que se suicidaram, criando um entrelaçamento entre ficção e realidade que amplia o impacto narrativo. Esse recurso confere verossimilhança à dor de Pedro e Ruy, ao mesmo tempo em que reforça a função ética da literatura: dar visibilidade ao sofrimento, questionar o preconceito e provocar a reflexão social sobre um fenômeno tão ocultado quanto devastador.

O narrador, jornalista, denuncia o modo como a imprensa censura o suicídio: “Todos aqueles veículos de comunicação faziam um desserviço ao jornalismo” (Contreras, 2019, p. 97). A crítica se estende à escola, à família e ao Estado. Para Antonio Candido (2006), a literatura é uma forma de humanização, pois nos torna mais sensíveis à dor alheia. Segundo Terry Eagleton (2019), a arte tem uma função subversiva: ela nomeia aquilo que a sociedade prefere ocultar.

Nesse sentido, *Crocodilo* não é apenas um romance sobre o luto individual, mas um texto que convida à reflexão coletiva. A literatura, aqui, assume uma função ética e política. Para Antonio Candido (2006), a literatura cumpre uma função de humanização, pois nos

permite reconhecer a dor do outro, ao mesmo tempo em que nos equipa com repertórios para uma experiência social complexa. Candido entendia humanização "o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante" (Candido, 2011, p. 180).

A escolha de Contreras inclue, ao longo da narrativa, referências a suicídios de figuras históricas e culturais reais como Virginia Woolf, Santos Dumont, Getúlio Vargas, Stefan Zweig, Florbela Espanca, entre outras figuras conhecidas muncialmente. Isso reforça o diálogo entre realidade e ficção. Essa estratégia narrativa amplia a força simbólica do texto: ao articular casos verídicos à trama ficcional, o autor aproxima o leitor da materialidade da dor. Cria-se, assim, um efeito de verossimilhança que rompe a distância entre arte e vida. Essa fusão sugere que, embora *Crocodilo* seja uma obra ficcional, ela lida com problemas concretos e reconhecíveis, e é justamente nesse ponto que a literatura cumpre sua missão social. Nas palavras do narrador:

> Aos trinta e seis anos, no dia do seu aniversário no ano de 1930 e prestes a lançar o que seria sua obra-prima, o livro Charneca em flor, a poeta portuguesa Florbela Espanca se matou ao tomar uma overdose de barbitúricos.
> Alberto Santos Dumont, pai da aviação e inventor do 14-Bis, aeronave que fez o primeiro voo da história em 1906, se enforcou usando uma gravata em um hotel de luxo, em 1932. Tinha cinquenta e nove anos.
> Aos cinquenta e sete anos, o escritor uruguaio Horacio Quiroga tomou uma dose letal de cianureto, em 1937. Seu pai, seu padrasto, sua primeira esposa e seus três filhos também se suicidaram, em momentos diferentes da vida e de maneiras diversas.
> Em 1941, a escritora britânica Virginia Woolf […] encheu os bolsos de seu casaco com pedras, entrou em um rio e se afogou, aos cinquenta e nove anos (Contreras, 2019, p. 97).

O trecho é apenas um dos muitos que entrelaçam casos verídicos à trama ficcional, criando um efeito de verossimilhança que aproxima o leitor da realidade. Ao reunir estatísticas, geografias do suicídio, estudos de caso e dados alarmantes sobre a realidade contemporânea, *Crocodilo* transforma-se em um dispositivo de denúncia e questionamento, cuja potência reside na capacidade de fazer com que o leitor enfrente o incômodo social que o tema provoca.

Nas páginas seguintes, o autor vai além da evocação simbólica de suicidas famosos e mergulha na análise social e histórica do fenômeno. Desde o "Efeito Werther", referência ao impacto causado pelo romance de Goethe no século XVIII, mencionada na analise bibliografica

anterior, até a menção ao jogo virtual real “Baleia Azul”, passando por estatísticas assustadoras e documentada por sites reais, Contreras constrói um verdadeiro inventário da dor, com base em dados reais: “A cada quarenta segundos, em média, uma pessoa se suicida no mundo” (Contreras, 2019, p. 104). Essas inserções documentais não apenas reforçam o caráter realista da obra, mas também cumprem o papel de informar, sensibilizar e convocar o leitor à reflexão. A narrativa adquire, assim, uma função pública, social e política.

É possível, nesse ponto, relacionar a abordagem de Contreras ao pensamento de Émile Durkheim, em sua obra *O suicídio* (2002), onde o autor propõe que o suicídio seja compreendido como um fato social, isto é, um fenômeno que, embora realizado por indivíduos, decorre de causas externas, estruturais e coletivas. Segundo Durkheim (2011), a sociedade impõe padrões de integração e regulação, e quando essas forças se tornam desequilibradas, seja pela ausência de vínculos, suicídio egoísta, seja por uma crise de normas, suicídio anômico, a tendência ao suicídio se intensifica. A obra *Crocodilo* retrata precisamente esse colapso do laço social: a negligência da escola, o despreparo da família, a omissão da imprensa e o silêncio do Estado compõem o pano de fundo de um cenário marcado pela solidão, pelo abandono e pelo não pertencimento. Ao abordar até mesmo o tabu social e familiar “muitos preferem categorizar como ‘acidente’ ou ‘causa desconhecida’ para não terem essa mancha negra na árvore genealógica” (Contreras, 2019, p. 106), a obra escancara o estigma que persiste em torno do suicídio e impede sua visibilidade como problema coletivo.

Essa abordagem vai além da análise sociológica que acrecenta tipologias e tendências suicidas, se conecta com as experiências subjetivas de Ruy após a morte de Pedro, refletem a profunda desorientação emocional e social causada pelo suicídio: Como ficam os sobreviventes desse fenômeno? O narrador expressa o desejo de desaparecer, ao afirmar: “Eu queria dormir, não lembrar, esquecer de tudo, morrer, mas naquele momento meu cérebro se transformou em uma máquina de pensamentos acelerados […]” (Contreras, 2019, p. 41).

Esse sofrimento, porém, não é apenas individual: a dor do luto se intensifica porque a sociedade é incapaz de acolher a complexidade da morte por suicídio. Ruy destaca: “As pessoas acham que podem entender, mas não têm a menor ideia do que se passa na cabeça de um pai que perde um filho assim. Um filho que não morre. Um filho que se mata” (Contreras, 2019, p. 41-42).

A incompreensão social e a ausência de rituais adequados de elaboração coletiva do suicídio transformam o luto em um fardo solitário. Essa dimensão pode ser interpretada à luz de Émile Durkheim, que compreende o suicídio como um fato social, um fenômeno que, embora vivenciado no íntimo, tem causas e efeitos coletivos. Para o sociólogo, a fragilidade

dos vínculos sociais e afetivos pode conduzir ao suicídio egoísta, caracterizado pela ruptura com os laços de pertencimento (Durkheim, 2002). No caso de Pedro, sua extrema sensibilidade e busca por verdade. Nas palavras do narrador, "ele só queria achar uma verdade naquilo. Não a sua verdade. Mas a verdade dos que estavam falando" (Contreras, 2019, p. 58), contrastam com uma sociedade que não oferece espaço para esse tipo de escuta, revelando o esgarçamento das relações e a solidão como traço da vida contemporânea.

A obra analisada transcende as revisões bibliográficas anteriores, pois trata de forma singular o suicídio não apenas como um ato que interrompe uma vida, mas como uma violência que reverbera entre os vivos. Uma das dimensões mais delicadas e, ao mesmo tempo, menos discutidas em torno do suicídio são as consequências emocionais, sociais e até físicas deixadas aos familiares, amigos e colegas do indivíduo que comete o ato. Em muitos casos, os sobreviventes do suicídio, como são chamados os que convivem com essa perda, permanecem imersos em um luto complexo, interrompido, marcado por culpa, vergonha e perguntas sem resposta.

Em *Crocodilo*, o narrador expressa de maneira pungente esse sentimento: "Ali eu decidi que, como jornalista, tentaria descobrir a causa da morte do Pedro" (Contreras, 2019, p. 64). A necessidade de compreender os motivos por trás do ato torna-se, para o pai e para o narrador, uma obsessão que ilustra bem o vazio e a inquietação que o suicídio impõe aos que ficam.

Do ponto de vista sociológico, há estudos que indicam que familiares de pessoas que se suicidaram possuem risco aumentado de desenvolverem depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e, em alguns casos, pensamentos suicidas. Isso se deve não apenas à dor da perda, mas também à estigmatização social que acompanha o suicídio, uma morte que, diferentemente das outras, carrega ainda conotações de fracasso, vergonha ou negligência. O impacto sobre os sobreviventes reforça a tese de Émile Durkheim (2002), que define o suicídio como um fato social, ou seja, um fenômeno que transcende o indivíduo e afeta diretamente o coletivo. O ato suicida, portanto, desestabiliza o tecido social, revelando rachaduras nos vínculos comunitários, nas relações familiares e nos sistemas de proteção emocional.

Nesse sentido, a dor dos que ficam está diretamente ligada à ausência de um espaço social que acolha e elabore a perda. Em *Crocodilo*, esse luto se apresenta como um esforço de reconstrução de sentido diante de um mundo que falhou em oferecer um objetivo claro ao jovem Pedro. O narrador escreve:

> Nascidos depois das guerras, das depressões econômicas e das ditaduras militares, os filhos da minha geração tiveram uma existência um pouco menos conflituosa e mais serena que a de gerações anteriores […] poderia ser isso. A

> ausência de um inimigo. De uma luta corpo a corpo durante os anos de formação. De uma boa briga. De um objetivo claro com uma linha de chegada (Contreras, 2019, p. 64).

Ao refletir sobre o contexto histórico vivido por seu filho, o narrador aponta para uma crise geracional silenciosa, em que a falta de desafios explícitos convive com um sentimento de vazio existencial. Essa observação é crucial, pois revela a importância de considerar o contexto histórico e cultural na análise do suicídio, ele não ocorre no vácuo, mas se enraíza em estruturas sociais, narrativas coletivas e valores epocais, evidenciando a importância de explorar esse fenômeno através de um contexto histórico e social.

A menção ao fato de que os suicídios são mais recorrentes depois das guerras do que durante esses períodos também é significativa. Nos momentos de guerra, há uma mobilização intensa do sentido de coletividade, um esforço comum, um objetivo claro, mesmo que violento. Já no pós-guerra, o retorno à normalidade pode ser acompanhado por uma sensação de desorientação, de perda de sentido e de desencaixe, uma condição que Durkheim (2011) identificaria como anomia, ou seja, a ausência ou enfraquecimento das normas sociais que orientam o comportamento e dão coesão à vida. Essa anomia pode gerar crises subjetivas profundas, especialmente entre os mais jovens, como Pedro, cuja trajetória se desenrola em uma sociedade aparentemente estável, mas profundamente desorganizada em seus vínculos afetivos e em sua capacidade de escuta.

Assim, ao unir a perspectiva íntima do luto com a análise de contexto histórico, *Crocodilo* evidencia que o suicídio é um acontecimento que fere duplamente: primeiro, ao ceifar uma vida; depois, ao deixar os que ficam com feridas invisíveis, muitas vezes silenciadas.

A obra reafirma a função social da literatura ao trazer à tona esses silêncios, e ao apresentar o suicídio como algo que, mais do que uma tragédia pessoal, é um sintoma social, um espelho de uma coletividade que não soube oferecer sentido, pertencimento ou escuta. Por isso, estudar o suicídio exige mais do que compreender o indivíduo; exige, como demonstra Contreras, analisar o tempo histórico em que esse indivíduo viveu, a sociedade que o moldou e o silêncio que o envolveu.

4.4 “Órfão de filho”: uma categoria sem nome e o abismo do indizível

O título desta dissertação, Órfão de filho, é extraído diretamente da obra *Crocodilo* (2019), de Javier Contreras, e funciona não apenas como uma referência à dor do narrador-protagonista, mas também como chave simbólica para compreender a tensão entre linguagem

e experiência diante do luto. Em uma das passagens mais significativas do romance, Ruy questiona a ausência de uma palavra para nomear um pai que perde o filho: “O órfão perdeu o pai ou a mãe ou ambos. O viúvo perdeu a esposa ou vice-versa. Tem também o ex. Ex-marido, Ex-namorado […] não existe! É uma espécie de tabu social e linguístico” (Contreras, 2019, p. 75). Esse trecho revela um dos mecanismos mais sutis da violência simbólica: aquilo que não tem nome tende a ser invisibilizado. A ausência de um vocábulo para o pai enlutado por um filho expõe não apenas uma lacuna lexical, mas uma lacuna social, cultural e emocional.

No campo interdisciplinar entre literatura e sociedade, esse momento é revelador, pois articula uma dimensão linguística com uma vivência coletiva. A literatura, ao dar forma a essa ausência de nome, torna visível o que a sociedade prefere silenciar. Como sugere Terry Eagleton (2019), a arte tem uma função subversiva: ela nomeia aquilo que a sociedade prefere ocultar. Ao nomear essa dor sem vocabulário, *Crocodilo* oferece um espaço de representação e escuta para uma experiência frequentemente negligenciada, a do pai que sobrevive ao filho. A recusa da língua em reconhecer essa identidade é também uma forma de negar a legitimidade e a centralidade do luto paterno, deslocando-o para as margens do discurso público.

A escolha da expressão “órfão de filho” não é apenas poética, mas profundamente crítica. Ela inverte a lógica naturalizada das perdas e denuncia o que o narrador chama de “uma espécie de tabu social e linguístico”. Essa inversão, de acordo com Nobert Elias (2001), é o ponto de ruptura com a ordem esperada da vida, pais devem sepultar seus pais, não seus filhos. Quando essa ordem é rompida, não há palavra que sustente o lugar daquele que sobrevive. Como Ruy afirma, “A morte do Pedro significa também a minha morte como pai” (Contreras, 2019, p. 75). A perda do filho único aniquila também a identidade parental, revelando que o luto não atinge apenas o afeto, mas também a posição social, o pertencimento e o sentido de continuidade.

A literatura, nesse ponto, cumpre sua função ética e social, conforme defendido por Antonio Candido (2006), ao oferecer uma linguagem para experiências-limite, nomeando dores que o discurso oficial e cotidiano costuma ocultar. Ao dizer o que não é pronunciado, a obra *Crocodilo* oferece aos leitores não apenas empatia, mas também instrumentos simbólicos para pensar o luto, a linguagem e os silêncios culturais que cercam o suicídio. A obra revela que, assim como o suicídio é um fato social (Durkheim, 2002), seu impacto ultrapassa a morte do indivíduo, produzindo efeitos profundos sobre os vínculos, os papéis sociais e até mesmo sobre a estrutura da linguagem. Nomear-se órfão de filho é, portanto, um gesto radical de enfrentamento do silêncio coletivo.

A leitura de *Crocodilo* encontra respaldo em trabalhos acadêmicos como o de Silva e

Valentim (2021), que interpretam a obra como uma metáfora do masculino, expondo a fragilidade e o silêncio que permeiam o luto paterno. Esse enfoque dialoga diretamente com a representação de Ruy, cujo relato é marcado por um misto de introspecção, revolta e busca de sentido.

Outros estudos, como Maués (2020), indicam que o luto paterno costuma ser invisibilizado socialmente, o que potencializa o isolamento emocional, reforçando a importância de representações literárias que deem visibilidade a essas experiências. No romance, essa invisibilidade se revela nas dificuldades de Ruy em expressar sua dor, na resistência a falar sobre a causa da morte do filho e na constante tentativa de manter uma postura contida, mesmo em momentos de fragilidade extrema.

Pesquisas em psicologia e saúde coletiva (Neimeyer; Lichtenthal, 2010) mostram que pais enlutados reconstroem sua identidade e renegociam o sentido da própria vida após a perda. Esse processo é visível na narrativa de Ruy quando ele revisita memórias, reflete sobre sua trajetória e questiona seu papel como pai. A metáfora do crocodilo, recorrente no romance, também dialoga com essa literatura ao representar o tempo de espera, a imobilidade e a observação silenciosa diante da dor elementos que emergem tanto nas vivências reais do luto quanto na ficção.

Sob a perspectiva sociológica, a leitura à luz de Durkheim (2011) enriquece a compreensão do suicídio de Pedro não como um ato isolado, mas como fato social, marcado por condições de integração e regulação fragilizadas. Essa abordagem permite compreender também a dimensão coletiva do luto, afetado por normas culturais, tabus e pela espetacularização midiática da morte, fenômeno amplamente explorado no romance.

Além disso, resenhas críticas como as da São Paulo Review destacam o modo direto e diligente como Contreras aborda o suicídio, sem recorrer a eufemismos, explorando o choque público e o impacto na intimidade do pai. Essas leituras reforçam a relevância do romance para o debate contemporâneo sobre a visibilidade do luto masculino e a ética de representar mortes voluntárias na literatura.

Integrar a análise literária com pesquisas empíricas sobre luto paterno amplia o alcance da interpretação, posicionando *Crocodilo* não apenas como uma narrativa ficcional, mas como um testemunho simbólico de experiências marcadas pelo silêncio, pela ausência de espaços de escuta e pela necessidade de ressignificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim deste percurso, reafirma-se a convicção de que a literatura é capaz de dizer o indizível. O suicídio, tantas vezes relegado ao silêncio e ao julgamento, encontrou em *Crocodilo* (2019), de Javier Arancibia Contreras, uma forma de expressão que transforma a dor em narrativa e o luto em linguagem. Esta pesquisa buscou compreender como o romance não apenas representa uma experiência íntima de perda, mas também lança luz sobre a fragilidade das estruturas sociais que cercam a vida e a morte. O objetivo, mais do que analisar uma obra, foi descobrir de que maneira a ficção pode se tornar lugar de escuta, memória e crítica, revelando o poder ético e humano da literatura diante de temas que a sociedade insiste em calar.

Ao final deste estudo, torna-se possível afirmar que o suicídio, enquanto fenômeno social, psíquico e histórico, não pode mais ser compreendido de forma fragmentada. A literatura, ao representar essa complexidade, opera como espelho simbólico das dores que atravessam o sujeito moderno, dando forma àquilo que frequentemente é silenciado. A obra *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras (2019), não apenas apresenta a dor de um pai diante do suicídio do filho, mas também permite uma leitura profunda da sociedade contemporânea, que muitas vezes falha em reconhecer as próprias responsabilidades diante do sofrimento psíquico coletivo.

A narrativa evidencia a ausência de vocabulário para o luto do pai “órfão de filho”, expondo não apenas a profundidade da dor, mas também a falta de recursos sociais e linguísticos para lidar com perdas que subvertem a ordem esperada da vida. Esse abismo semântico torna-se metáfora de uma sociedade que prefere silenciar o sofrimento ao invés de nomeá-lo. Assim, Contreras nos mostra que a linguagem, o discurso e o silêncio são também mecanismos de exclusão e sofrimento.

A intersecção entre literatura e sociologia, estabelecida ao longo desta dissertação, revelou a necessidade de se compreender o suicídio como um fenômeno relacional. As contribuições teóricas de autores como Émile Durkheim (2002-2008-2011), Georges Minois (2018), Antonio Candido(2006-2017) e Terry Eagleton (2019) reforçam o papel da arte como forma de conhecimento social. O suicídio, nesses moldes, não é apenas o ato terminal de um indivíduo, mas o resultado de uma série de rupturas coletivas. A literatura, portanto, tem um papel fundamental: ela não oferece respostas prontas, mas questiona, perturba, desconstrói e, sobretudo, humaniza.

Ao explorar o luto, a morte, e o suicídio e o estigma através da literatura, este trabalho

aponta para a urgência de políticas públicas sensíveis, baseadas não apenas em estatísticas, mas também em narrativas humanas. Entender a dor narrada é entender a dor vivida. Por isso, propõe-se que obras como *Crocodilo* sejam não apenas lidas, mas discutidas em espaços educativos e terapêuticos, pois funcionam como dispositivos de escuta, de elaboração e de cuidado.

Ao articular ficção e realidade, Contreras dissolve a fronteira entre arte e vida, reforçando que o suicídio é um fenômeno concreto, coletivo e histórico, atravessado por múltiplos fatores e presente nas mais diversas camadas sociais e culturais. O tema explorado se conecta com a questão da liberdade sobre a própria vida que sempre intrigou a humanidade.

No entanto, atualmente, essa reflexão ressurge de maneira urgente, pressionada pelas estatísticas alarmantes de suicídio em diferentes faixas etárias e contextos sociais. Embora os dados quantitativos permitam observar a amplitude objetiva do fenômeno, eles se mostram insuficientes para compreender suas causas subjetivas, culturais e históricas. Por isso, pesquisadores de diferentes áreas vêm sendo convocados a ampliar seus olhares, reconhecendo que a morte voluntária não pode ser reduzida a um ato individual desvinculado de seu contexto. Ao contrário, como demonstrado neste trabalho, trata-se de uma realidade complexa, atravessada por aspectos afetivos, políticos, sociais e simbólicos que variam ao longo do tempo e entre culturas.

Entretanto, ainda persistem inúmeros obstáculos epistemológicos, entre eles o peso do discurso moral e religioso que há séculos recobre o suicídio com um véu de julgamento, tabu e silêncio. É justamente nesse ponto que a literatura se mostra um instrumento privilegiado para abordar o tema: ao se afastar dos imperativos morais e ao permitir a elaboração estética da dor, a ficção oferece uma mediação simbólica que não apenas humaniza a experiência do sofrimento psíquico, como também rompe com o silêncio que o cerca. Longe de promover qualquer apologia ao suicídio, a literatura assume aqui sua função social e terapêutica, ao dar voz àquilo que a sociedade frequentemente se recusa a escutar, o sofrimento invisibilizado de uma parte expressiva da população.

A análise da obra *Crocodilo*, de Javier Arancibia Contreras (2016), permitiu investigar de que modo a literatura contemporânea representa o suicídio como um problema não apenas individual, mas social e estrutural. O romance constrói uma narrativa entrelaçada de dor, denúncia e reflexão, centrada em um jovem à margem, que vive uma crise existencial silenciosa e termina por interromper sua própria vida. Através do ponto de vista do pai enlutado, o leitor é conduzido a mergulhar nos vazios deixados por essa morte e nas falhas de uma sociedade que fracassa em oferecer pertencimento, escuta e propósito às suas juventudes.

A potência simbólica do título da obra analisada. O "crocodilo", figura recorrente na narrativa, funciona como metáfora da dor silenciosa, oculta sob a superfície da vida cotidiana. Assim como o animal que permanece imóvel, quase imperceptível sob as águas, o sofrimento do personagem Pedro se mostra dissimulado, mascarado por uma aparência de normalidade, até que emerge de forma trágica. Essa metáfora amplia o sentido literário do texto, evidenciando que o suicídio nem sempre apresenta sinais visíveis, o que o torna ainda mais difícil de ser prevenido.

Essa obra mobiliza símbolos de grande densidade cultural para tratar do suicídio e do luto. A figura central, o crocodilo, expressa a dor incompreendida, o peso da censura e do preconceito que ainda marcam as mortes por suicídio. Em contraponto, a sequoia plantada ao final da narrativa surge como gesto de ressignificação: um símbolo de resistência e memória, capaz de transformar a ausência em presença e a ruptura em continuidade.

Essa dupla simbologia revela que a literatura não apenas tematiza o suicídio, mas o reinscreve em uma rede de sentidos, ressignificando assuntos vedados pelo estigma. Se o crocodilo denuncia a impossibilidade de compreender esse fenômeno e a marginalização dos que perderam um familiar por suicídio, a sequoia aponta para a potência da narrativa como espaço de elaboração, onde a dor encontra linguagem e a memória se perpetua.

Ao conjugar a animalidade do crocodilo e a longevidade da sequoia, Contreras oferece imagens que funcionam como chaves de leitura para a experiência traumática do suicídio. Esses símbolos condensam tanto a dimensão individual do luto quanto a necessidade de abertura social para lidar com ele. Assim, a literatura cumpre sua função ética, descrita por Eagleton (2019), ao criar mediações sensíveis entre a vida e a morte, o sofrimento íntimo e as estruturas coletivas que o moldam.

A dissertação, portanto, mostrou que estudar o suicídio na literatura é também compreender como a arte reelabora o indescritível e oferece caminhos de resistência ao silêncio. A metáfora do crocodilo e a simbologia da sequoia permanecem, então, como marcas da potência transformadora da narrativa: uma lembrança de que, mesmo diante da morte voluntária, a literatura insiste em nos convidar a falar, lembrar e compartilhar esse fenômeno social atual.

Dessa forma, a obra estudada mostrou-se uma fonte valiosa para refletir não só sobre os fatores que precedem o suicídio, mas também sobre seus desdobramentos para os que ficam. A literatura, nesse contexto, não apenas denuncia, mas também acolhe e elabora. Ela cria pontes entre experiências individuais e estruturas sociais, entre o íntimo e o coletivo, entre o silêncio e a linguagem. Ao analisar *Crocodilo*, foi possível identificar como o discurso literário contribui

para ampliar a compreensão da dor, do luto e da necessidade de políticas públicas voltadas à saúde mental e à valorização da vida.

Compreendemos, assim, que a análise literária pode desempenhar um papel crucial ao tratar de temas sensíveis como o suicídio, oferecendo uma abordagem crítica, ética e empática. A literatura permite que os leitores entrem em contato com emoções profundas e realidades socialmente silenciadas, colaborando na construção de uma cultura mais acolhedora e consciente. A prevenção do suicídio, portanto, demanda mais do que intervenções clínicas ou estatísticas: requer uma mudança de postura social e cultural — e é nesse sentido que a literatura pode ser aliada poderosa. Que possamos, por meio dela, abrir espaços de escuta, reflexão e cuidado.

O romance analisado confirma que a literatura pode ocupar um lugar estratégico no enfrentamento de temas difíceis. O tratamento simbólico da morte voluntária revela que o suicídio, antes de ser encerrado em diagnósticos, precisa ser escutado em sua singularidade e historicidade. Por fim, reafirma-se que a interdisciplinaridade entre literatura e ciências humanas não apenas enriquece a produção acadêmica, como amplia a capacidade da sociedade de olhar para si mesma com mais empatia, responsabilidade e profundidade.

Que esta dissertação, assim, contribua para esse olhar. Um olhar que não foge da dor, mas que a reconhece. Um olhar que não silencia o luto, mas que o escuta. Um olhar que compreende que nomear o sofrimento é também o primeiro passo para superá-lo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. Livro XIX, Capítulo 20. In: ____. A cidade de Deus. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 943-948.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: Inferno**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Tradução de Sérgio Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ALVAREZ, André G. **Suicídio e sociedade: perspectivas históricas, culturais e jurídicas**. São Paulo: Cortez, 2020.

ANDERSON, Olive. **Suicide in Victorian and Edwardian England**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

ANDRÉ, Willian. **Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura**. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 40, n. 2, p. e37413, 2018.

ANDRÉ, Willian; AMARAL, L. L. O. (Org.) ; PINEZI, G. V. R. (Org.) . **Literatura & Suicídio.** 1. ed. Campo Mourão: Editora FECILCAM, 2020. v. 1. 407p

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____., ***L'homme devant la mort***, t. I: Le temps des gisants, Paris, Seuil, coll. « histoire », 1985.

BARRÈRE, Anne; MARTUCCELLI, Danilo, ***Le roman comme laboratoire.*** *De la connaissance littéraire à l'imagination sociologique*, Lille, Presses universitaires du septentrion, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **O amor cortês: suas origens e significados.** Raído, v. 5, n. 9, p. 195-216, 2011.

BASTIDE, R. Tradução: O suicídio do negro brasileiro. ***Revista Pós Ciências Sociais***, *15*(29), p.279–288, 2018.

BAUDELOT, C., ESTABLET, R. SUICÍDIO: mudança de regime. ***Revista Pós Ciências Sociais***, *18*(3), p.581–603, 2021.

BECK, Aaron T. **Depression: causes and treatment.** 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

BERRIOS, G. E. & MOHANNA, M. **Durkheim and French psychiatric view a on suicide during the 19th century**. British Journal of Psychiatry, p. 156:1-9, 1990.

BREU, Jörg. **Suicídio de Lucrécia.** 1537–1540. Óleo sobre madeira. [Pintura].

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CANDIDO, Antonio**. Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

_____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José. Olympio, 1998. CLARK, J. J. Em Busca de Jung . S.A: Ediouro, 1998.

CLARK, John James. **Em busca de Jung**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T. **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade: tratamentos que funcionam: guia do terapeuta.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

COMPAGNON, Antoine. A história. In: _____. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 195-222.

CONTRERAS, Javier Arancibia. **Crocodilo**. 1. ed. São Paulo: Alfaguara, 2019.

COBB, Richard. **Death in Paris: the records of the Basse-Gedle de la Seine**. London: Oxford. DURKHEIM, Émile. (2000) O suicídio: estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

DE AQUINO, Tomás. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 9. ed. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2011.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Tradução de Mário Carneiro e Márcia Abreu. São Paulo: Ática, 2016.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos; seguido de Envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

EPITETO. **Discursos**. Tradução de J. R. M. Netto. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FILHO, J. L. de Carvalho, Queiroz, J. B., & Steiner, P. Ciências sociais e suicídio: revisitando os clássicos e estudos atuais. ***Revista Pós Ciências Sociais***, *18*(3), p.417–430, 2021.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Tanatologia: estudos sobre o morrer, a morte e o luto**. São Paulo: Summus, 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021.

HEALY, Róisín. Suicide in early modern and modern Europe. History Compass, v. 4, n. 4, p. 680-688, 2006.

HERTZMAN, Marc A. Diferenças fatais: suicídio, raça e trabalho forçado nas Américas. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, p. 1-38, 2019.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUME, David. **Do suicídio**. In: _____. Ensaios morais, políticos e literários. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HUME, David. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais.** Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KAHLO, Frida. **O suicídio de Dorothy Hale**. 1939. Óleo sobre tela. [Pintura].

KOVÁCS, Maria Júlia. **Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, 2008.

KUSHNER, Howard I. Self-destruction in the promised land: a psychocultural history of American suicide. New Brunswick: Rutgers University Press, 1989.

LAHIRE, Bernard. A cultura dos indivíduos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LANE, Roger. **Violent death in the city: suicide, accident, and murder in Nineteenth Century Philadelphia.** Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LEDERER, David. **Madness, Religion and the State in Early Modern Europe: A Bavarian Beacon**. Cambridge University Press, 2006.

LEMIEUX, Cyril. **"Problematizar**". In: PAUGAM, Serge. A pesquisa sociológic. Petrópolis, Vozes, 2015.

LEPENIES, Wolf. **Trois cultures: entre science litt´érature l'avènement de la sociologie**. Paris, Editions de la MSH, 1990.

LEPENIES, Wolf. Melancolia e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MACDONALD, Michael; MURPHY, Terence R. **Sleepless Souls: Suicide in Early Modern England**. New York: Oxford University Press, 1990.

MAUÉS, P. Z. Luto e paternidade: ressignificações da experiência paterna após a perda. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-12, 2020.
MASSON, Cleber. **Direito penal: parte especial**: arts. 121 a 122. 11. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2018.

MINOIS, Georges. **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: UNESP, 2018.

MUCCHIELLI, Laurent; RENNEVILLE Marc. **Les causes du suicide: pathologie individuelle ou sociale? Durkheim, Halbwachs et les psychiatres de leur temps (1830-1930).** In: Déviance et société. 1998 - Vol. 22 - N°1. p. 3-36, 1998.

PAUGAM, S. (Org.) Prefácio. **Le suicide revisité:en quoi Halbwachs s'oppose à**

Durkheim. In: HALBWACHS, Le causes du suicide. [1930]. Paris: PUF, 2002. (Coleção Lien Social)

PÉREZ JR., Louis A. **To die in Cuba: Suicide and society.** Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2005.

NEIMEYER, R. A.; LICHTENTHAL, W. G. Meaning-making and the art of grief therapy. Death Studies, v. 34, p. 716-738, 2010.

OLWEUS, Dan. **Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer**. São Paulo: UNESP, 2013.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OVERY, Richard James. **Por que as nações fracassam: os tempos de guerra e as lições para a era moderna**. São Paulo: Globo, 2014.

QUEIROZ, José Benevides. **O suicídio na sociologia brasileira**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 10, n. 3, p. 1453-1480, set./dez. 2020.

PAUGAM, S. (Org.) Prefácio. **Le suicide revisité:en quoi Halbwachs s'oppose à Durkheim.** In: HALBWACHS, Le causes du suicide. [1930]. Paris: PUF, 2002. (Coleção Lien Social)

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. São Paulo: Globo Livros, 2019.

PLATÃO. **A república**. In: _____. Diálogos. v. 3. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 11-245.

PÉREZ, Louis A., Jr. To die in Cuba: suicide and society. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

QUEIROZ, José Benevides. Um olhar sociológico sobre o suicídio no Brasil. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 18, p. 541-568, 2021.

QUEIROZ, José Benevides. **O Suicídio na Sociologia Brasileira**. Contemporânea (online), v. 10, p. 1453-1480, 2020.

ROCHA, Daniel de Macêdo et al. **Comportamento suicida durante a pandemia da COVID-19: aspectos clínicos e fatores associados.** Acta Paulista de Enfermagem [online]. 2022, v. 35.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

SÃO PAULO REVIEW. Crítica: "Crocodilo", de Javier Arancibia Contreras. Disponível em: <https://saopauloreview.com.br/>. Acesso em: 13 ago. 2025.
SAGRADA BÍBLIA. **Bíblia. Antigo Testamento**. Flórida: CPAD, 1995.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. Lisboa: Porto Editora, 2014.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução de José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2016.

SHNEIDMAN, Edwin S. **Suicide as psychache: a clinical approach to self-destructive** behavior. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1993.

SILVA, C. P.; VALENTIM, J. V. **Uma metáfora do masculino: paternidade e luto. Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 40, p. 89-101, 2021.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da et al. **O suicídio no Brasil contemporâneo. Sociedade e Estado** [online]. 2018, v. 33, n. 2 [Acessado 8 maio 2023], pp. 565-579.

SOUZA, Douglas Henrique de. História do suicídio: um balanço historiográfico. **Intellèctus**,

[S.l.], v. 21, n. 2, p. 181-199, dez. 2022. ISSN 1676-7640.

TEIXEIRA, Napoleão. **O suicídio: em face da psicopatologia, da literatura, da filosofia e do direito**. Curitiba: Guaíra Limitada, 1948.

STACK, S. Media impacts on suicide: a quantitative review of 293 findings. **Social Science Quarterly**, v. 81, p. 957-71, 2000.

VAN GOGH, Vincent. **Tristeza**. 1882. Óleo sobre tela, 45 x 50 cm. Museu Van Gogh, Amsterdã. Disponível em: https://www.vangoghmuseum.nl/. Acesso em: 18 maio 2023.

VERBETE. Suicídio. **In: DICIO – Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/suicídio/. Acesso em: 2 jun. 2020.

VOVELLE, Michel. **Mourir autrefois: atitudes collectives devant la mort aux XVII et XVIII** siécles. Paris: Gallimard-Julliard, 1974.

WRIGHT, David; WEAVER, John (org.) **Histories of suicide: international perspectives on self-destruction in the modern world.** Toronto: University of Toronto Press, 2009.

WRIGHT, David; WEAVER, John C. (org.). **Histories of suicide: international perspectives on self-destruction in the modern world**. Toronto: University of Toronto Press, 2009.